

ETIANE CALOY BOVKALOVSKI DE SOUZA

**A IMAGEM DO DIABO NOS LIVROS DE EDIR MACEDO
DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS**

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Mestre. Curso de Pós-
Graduação em História, Setor de Ciências Humanas,
Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora:

Prof.^ª Dr.^ª Marionilde Dias Brepohl De Magalhães

CURITIBA

2000

O que interessa no mito não é sua realidade “histórica” (por isso não requer explicação), mas que ofereça um modelo capaz de transformar o homem, até torná-lo apto para viver em sociedade.

Florêncio Galindo

Quando um homem ímpio maldiz Satã, maldiz a sua própria alma.
Eclesiástico 21:27

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, que pela sua temática e inserção no protestantismo, faz parte de minha vida e trajetória, a pessoas que estiveram ao meu lado durante este esforço de entender um pouquinho mais o mundo que me cerca. Optei por compreendê-lo através do fenômeno religioso.

Aos meus amados - Jones, Carine, minha mãe Alda, meu queridíssimo Lucas e ao sempre amigo Wilson Maske.

E como não poderia deixar de ser, ao meu Deus.

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento à CAPES, que operacionalizou a realização deste trabalho. Aos professores Jorge Marcondes e Marcelo Fassina, pelo tempo dedicado ao ajuste de meu trabalho a programas específicos de informática. A muito querida professora Adriana Nistche, que prontamente ajudou-me na compreensão de termos da língua inglesa.

Em especial e com muito respeito, agradeço à minha orientadora Marion. Aprendi muito com você.

Obrigada.

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS.....	VII
RESUMO	VIII
ABSTRACT	IX
APRESENTAÇÃO.....	10
INTRODUÇÃO	13
O HOMEM E O SAGRADO	13
CAPÍTULO I – O FENÔMENO PENTECOSTAL E A IURD.....	29
1.1. A IURD NO CONTEXTO DO PENTECOSTALISMO.....	29
1.2. A TRAJETÓRIA DO “BISPO” EDIR MACEDO	32
1.3. A IURD E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	35
1.4. TEOLOGIA DA PROSPERIDADE E DA GUERRA ESPIRITUAL.....	42
CAPÍTULO II – A COSMOVISÃO DE EDIR MACEDO.....	53
2.1. OS LIVROS DE MACEDO E SUA LINGUAGEM: UMA FONTE PRECIOSA.....	53
2.2. CAPAS E TÍTULOS: UM CONVITE ATRAENTE.....	58
2.3. O CORPO DOUTRINAL DE MACEDO.....	78
2.3.1. <i>A IURD Contra os Católicos</i>	79
2.3.2. <i>Fé, Conhecimento e Antiintellectualismo</i>	87
2.3.3. <i>A Nova Vida</i>	93
2.3.4. <i>O Relacionamento com Deus, o Dízimo e a Prosperidade</i>	97
CAPÍTULO III – O DIABO E OS LIVROS DE MACEDO.....	101
3.1. O DIABO NO IMAGINÁRIO DA CRISTANDADE	101
3.2. EXORCISMO.....	111
3.3. ELEMENTOS FORMADORES DA FIGURA DO DIABO.....	117
3.4. A IMAGEM DO MAL NA IURD.....	125
CONCLUSÃO.....	151
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	154
1 FONTES IMPRESSAS	154
2 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	156
ANEXOS	159
ANEXO – CONTEÚDO, POR TÓPICOS PRINCIPAIS, DOS LIVROS DE EDIR MACEDO.....	159

LISTA DE SIGLAS

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus (1977)

AD – Assembléia de Deus (1911)

IEQ – Igreja do Evangelho Quadrangular (1951)

TP – Teologia da Prosperidade

TGE – Teologia da Guerra Espiritual

IPDA – Igreja Pentecostal Deus é Amor

MR – Movimentos Religiosos

RESUMO

A trajetória evangélica no Brasil tem sido bastante expressiva, principalmente, quando observamos o crescimento dos grupos classificados como pentecostais e neopentecostais. Fator preponderante é a mídia e seus amplos recursos para difusão de ideologias religiosas. A opção pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) está associada a este crescimento intenso, que vincula em sua doutrina a satanização da realidade, a prosperidade financeira e o exorcismo. Buscamos apontar, através da análise de determinados livros de Edir Macedo, que visão de mundo ele apresenta, tendo como elemento central de nossa pesquisa, o Diabo.

ABSTRACT

The Evangelical trajectory in Brazil has been much significant mainly when we observe the rising of the groups classified as Pentecostals and Neopenteconstals. Preponderant factor is the media and its wide resources to the dissemination of religious ideologies. The option for the Universal Church of God's Kingdon is associated to this intense rising that linkes to its body of principles the satanization of the reality, the financial prosperity and the exorcism. We intend to assert through the analysis of certain books of Edir Macedo, which visions of the world he presents, having as a central element of on research, the Devil.

APRESENTAÇÃO

Como é esclarecedor observar, em nossas próprias buscas cotidianas, subsistem anseios e dúvidas que se acumulam em torno de determinados temas que são sociais, mas que também são reflexões individuais que necessitam de respostas. O recorte de pesquisa escolhido para esta dissertação se fez na medida em que senti certa perplexidade relativamente a um universo que entendo como muito significativo na sociedade: o religioso. Sobre o pentecostalismo e, mais especificamente, sobre o neopentecostalismo, o fio do novelo começou a ser puxado assistindo aos programas de TV da Igreja Universal do Reino de Deus, pela Rede Record. O que estava acontecendo com a sensibilidade religiosa? Por que os discursos daqueles programas pareciam tão confusos? Por que a ênfase na figura do Diabo? Como explicar tanto sucesso de mídia?

O tema me conduzia na busca de conhecimento sobre o universo religioso. Percebi a necessidade de destinar uma parte desta dissertação a alguns teóricos que têm uma abordagem importante acerca do sagrado e do profano; o envolvimento do homem com a religião; a importância do mito e sua narrativa no grupo social em formação, já que há permanência de muitos elementos míticos no imaginário da sociedade ainda nos dias de hoje, como por exemplo, as diversas explicações sobre o bem, o mal e suas manifestações.

Cabe salientar que a pesquisa por mim desenvolvida busca identificar como o Diabo é apresentado àqueles que lêem os livros escritos por Edir Macedo; como o autor articula seu discurso para tornar o demônio um dos pontos principais de sua fala e como a partir de suas argumentações pode ocorrer um controle e dominação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) sobre o cotidiano do fiel. Controle este que virá da ênfase na figura do Diabo como o

causador exclusivo de toda a desgraça e mal que assola a vida do cristão, mal que ameaça insidiosa e permanentemente; para tanto, cotidianamente, lança-se mão do mecanismo de expulsão e exorcismo como forma de catarse. Este é importante porque ajuda a explicar uma concepção de mundo, ajuda na compreensão do caos reinante no mesmo e, como resultado do caos, o porquê do papel extremamente ativo desta figura.

O fiel de uma igreja pentecostal é, normalmente, aquele que crê no poder do Espírito Santo, tal como foi derramado no Dia de Pentecostes (*Livro de Atos, Capítulo 2*), sendo que este poder é passível de ser reeditado em todos os lugares até os dias de hoje; a partir dele, o crente está capacitado a fazer milagres, curas e falar em línguas. No sentido mais genérico, o crente está sempre entre a vontade de Deus e o ardil do Diabo – as duas faces do sagrado – como veremos mais adiante; contudo, há uma tendência a satanizar os acontecimentos à sua volta, isto ocorre em especial no discurso da IURD. O demônio é o propiciador da desordem: logo, o exorcismo funciona como uma execração pública do Mal, enquanto o fiel possuído torna-se publicamente isento, pois toda a responsabilidade é transferida para as trevas.

O exorcismo da IURD, como ação ritualística, é mostrado diariamente na TV, mas o que era escrito sobre o Diabo em alguns dos livros de Macedo? Esperava encontrar um discurso totalmente voltado para os demônios. Verifiquei, no entanto que, surpreendentemente, são vários os assuntos abordados por Macedo, funcionando as explicações sobre o Diabo como um pano de fundo importante e insistente. Há uma tentativa de Macedo de levar ao seu fiel uma visão de mundo que seja abrangente e trate desde o Bem e o Mal até finanças, passando pelos problemas familiares e comportamentos cotidianos, entre outros. Em seus livros é transmitida a sua cosmovisão e, doutrinariamente, como viver em nossa sociedade nos dias atuais. Os livros complementam a mensagem televisiva, organizando e disciplinando o cotidiano do fiel. A base da argumentação para o fiel vencer socialmente remonta aos

argumentos da quase eterna luta entre o Bem e o Mal, já que a volta de Cristo porá fim ao caos reinante.

Nesta análise importa menos a IURD como instituição e mais as sensibilidades religiosas. Por isso, faz-se oportuno analisar alguns teóricos que seguem esta direção, que analisam nos sentimentos sobre o sagrado e o envolvimento do homem com o sagrado, possibilitando observar o quanto o imaginário da sociedade contemporânea ainda utiliza recursos religiosos e míticos para explicar o mundo: *“no mito tudo se compreende, até a desordem”* (Marcel Griaule).

Este é, portanto, um trabalho que procura refletir sobre sentimentos religiosos, sua gestão e o poder que a partir dela se exercita. Uma história social das religiões, mas também dos usos políticos que podem se tecer a partir da fé.

INTRODUÇÃO

A capacidade que tem o mito de transcender as categorias racionais é de enorme valor no entendimento do Diabo.

Russell

O HOMEM E O SAGRADO

A experiência do sagrado sobre a morte, a transcendência, sobre o mundo e a vida, remete ao sentimento de crença no sobrenatural e sua habitação em seres e objetos que tornam-se de importância vital para o homem. Rompe com a ordem natural para torná-la fascinante, temível, para além da compreensão humana.

Há coisas às quais não se pode aplicar o critério de utilidade, porque elas se impõem a nós por si mesmas como algo superior, diante das quais sentimos um misto de respeito e temor. O homem não se sente dono delas; pelo contrário, tem a sensação de ser dominado, subjugado por elas, reconhecendo inclusive o direito delas de impor normas de conduta que ele não se atreveria a violar sem mais nem menos. É quando, então, falamos do “sagrado”. (GALINDO, 1994, p. 49)

Através do sagrado, o mundo é envolto em encantamento; forças que fogem ao controle do homem são constantemente desencadeadas para curar, operar milagres, destruir e matar. Em todas as culturas há vocábulos para exprimir o sobrenatural.

O sagrado é a característica excepcional que qualifica e diferencia um ser, ou seres, dos outros. Pode suscitar devoção, amor, repulsa ou ódio. Mas, com certeza, suscita temor. Segundo Mircea Eliade, em *O Sagrado e o Profano*: “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano.”

Ao ato de manifestação do sagrado o autor denomina de *hierofanias* - e adverte para o paradoxo existente em toda *hierofania*: “*manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-*

se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente.” (ELIADE, 1993).

A linguagem não alcança tudo o que o homem experimenta diante do sagrado, mas a expressão *ganz andere* (totalmente outro) evoca um pouco deste sentimento: o sagrado transmuta-se em algo totalmente diferente. A pedra sagrada, por exemplo, continua sendo pedra, porém, carregada do significado do sagrado. Através do canal aberto pelo contato com o sagrado, nasce o sentimento religioso e a experiência da religião.

A palavra religião origina-se do latim *religio*. É formada pelo prefixo *re* (outra vez, de novo) e pelo verbo *ligare* (unir, ligar, vincular). A religião une o mundo profano e o mundo sagrado. Em várias culturas esta ligação é simbolizada por fundações de aldeias, vilas e cidades, onde o espaço sagrado é constituído e nele são erguidos templos de adoração. Os espaços sagrados são criados a partir de cerimônias que os sacralizam e consagram; porém, a religião não transmuta apenas o espaço, também qualifica o tempo e o torna impregnado de sagrado. O tempo sagrado é uma narrativa: conta a origem dos deuses, das coisas, das plantas, dos animais e do homem. É uma narrativa atemporal, marcada por expressões como *Era uma vez, Naqueles tempos, No começo ...*, com características mitológicas, ou seja, com a função de explicar ao homem a realidade e torná-la apreensível. Antes do nascimento da Filosofia e da Teologia, estas narrativas constituíam-se em *teogonias* (do grego *theos*: deus e *gonia*: geração), que esclareciam acerca da geração dos deuses, semideuses e heróis e; *cosmogonias* (do grego *cosmos*: mundo e *gonia*: geração), que contavam ao homem sobre o nascimento, a finalidade e o perecimento de todos os seres sob a ação dos deuses.

Assim, como há o espaço sagrado e o espaço profano, há dois tempos: o anterior à gênese dos deuses e das coisas – o caos – e o tempo de tudo quanto existe – o da ordem. Da mesma forma, o tempo sagrado se divide: há o tempo primitivo, quando tudo foi criado e o tempo do

agora, profano. As narrativas sagradas não se dirigem ao intelecto dos crentes, mas têm a função de tocar o coração, despertar a fé, o temor e mesmo o ódio pelo sagrado. Sentimentos que só são explicáveis através do relacionamento com o sobrenatural ou pela manifestação do sagrado. Contudo, ouvir ou travar contato uma única vez com o sagrado é muito pouco, não há permanência de seus elementos. O fiel mantém sua postura religiosa renovada continuamente, porque estabelece ritos e práticas que lhe revigoram as forças e o preparam para viver num mundo profano cheio de desigualdades sociais e disputas. A eficácia do ritual depende de sua repetição: mantém uma cerimônia ou acontecimento muito importante do universo sagrado, por exemplo, a Santa Ceia entre os cristãos, que também repete palavras e gestos utilizando, objetos que outrora foram consagrados pelo próprio Deus.

Considerando a sensibilidade religiosa de um indivíduo ou grupo que crê, o caminho desenvolvido por Durkheim quando pretende estudar o fenômeno religioso, nos auxilia na compreensão da necessidade do ritual e de sua ocorrência no tempo. Segundo o autor, a História:

permite decompor uma instituição em seus elementos constitutivos, uma vez que nos mostra esses elementos nascendo no tempo uns após os outros. (...) o único meio capaz de determinar as causas que o suscitaram. (DURKHEIM, 1989)

Ele alerta ainda que: é preciso enxergar além do símbolo e saber penetrar na realidade intrínseca do mesmo para entender seus significados; os ritos e mitos mais estranhos traduzem alguma necessidade humana:

(...) portanto, não há religiões falsas. Todas são verdadeiras ao seu modo: todas correspondem, ainda que de maneiras diferentes, a condições dadas da existência humana. Certamente não é possível dispô-las segundo uma ordem hierárquica. (Apud, 1989)

Segundo Margarida Oliva ¹, as religiões das sociedades primitivas e, mesmo as atuais, contam com uma estrutura muito complexa e uma variedade de aspectos deveras elaborados, porém, todas com elementos da religiosidade primitiva. De fato, é o que ela sustenta em seu trabalho sobre seitas. A autora pretende: *“mostrar como os demônios permanecem no inconsciente coletivo, alimentados pela mentalidade primitiva que ainda perdura na população humana, apesar do progresso científico.”*

Para maior compreensão do termo religiosidade primitiva, valemo-nos de Galindo², quando distingue religião natural de religião positiva. A primeira estaria calcada na crença em uma força superior, vaga e impessoal, como a organização religiosa em torno das forças da natureza; os ritos e tabus estariam envoltos em magia. A segunda seria fundada ou contaria com a intervenção do próprio Deus na história do homem, por exemplo, o judaísmo e o cristianismo. A religião positiva estabelece com o homem um relacionamento pessoal, orientado pela revelação, sendo que o comportamento do homem deve adequar-se aos preceitos por Ele manifestados. O homem não ficaria simplesmente entregue à sua sorte, mas estaria sob a vontade deste Deus.

Para Oliva, ação diabólica e exorcismo seriam resquícios do pensamento religioso primitivo, que se manifestaria pela vontade unânime de sacrificar uma vítima causadora de todo o mal e que, no caso das seitas pentecostais, é o Diabo. Porém, é preciso entender que o Diabo não é uma vítima, mas faz do homem sua vítima: seduz, corrompe, leva à morte através do pecado.

Em nossos estudos, verificamos que, à diferença de Oliva, o Diabo não é vítima, mas fonte geradora de violência. Tanto provoca o mal, como sofre o impacto do ódio do fiel:

¹ Oliva, Margarida, *O Diabo no Reino de Deus – Por que Proliferam as Seitas?*, São Paulo, 1997. Neste trabalho, a autora acompanha uma linha teórica em que afirma haver a permanência de elementos da religiosidade primitiva em formas religiosas contemporâneas, por exemplo, o ritual de exorcismo. p. 18.

² Galindo, Florêncio, *O Fenômeno das Seitas Fundamentalistas*, Petrópolis, 1995.

convém lembrar que um número expressivo de testemunhos de freqüentadores da IURD deixam claro o fato de que, quando fazem ou faziam o mal, o praticavam por influência de Satanás.³ Nossa discussão não se dá em torno da permanência de uma mentalidade alimentada no tempo acerca de exorcismo e ação diabólica, mas da importância fundamental e central que o Diabo assume na IURD como expressão do mal. Importa-nos entender o quanto ele é necessário para explicar o mundo iurdiano, bem como o caráter estratégico que ele assume, seja no plano individual, seja na sociedade como um todo.

Este retrato, tão definido do Mal, na figura do Diabo é recente. O advento do Cristianismo vem corroborar para esta construção e ênfase nas suas artimanhas, porém, o que ocorria em tempos distantes, era uma ambivalência de tudo o que se traduzia em sagrado. Como já foi dito, sagrado que exerce fascínio, atrai, causa medo e temor: o Deus bíblico, no Antigo Testamento, possui esta ambivalência. A manifestação do sagrado torna-se sempre impactante face à pequenez do homem. Forças benfazejas e destruidoras, duas faces da mesma moeda. Por isso, a penetração no espaço sagrado ou o contato com o mesmo exige privações, dor e sofrimento, que tornam-se vias de aproximação da divindade, elemento essencial das religiões, desde as mais primitivas. As esferas do sagrado e do profano não se misturam; como veremos adiante, Macedo inova tornando o Diabo intensamente presente na vida do fiel: sagrado e profano se diluem um no outro. Mas, normalmente, o contato com o sagrado requer um corte, ruptura simbolizada por algum tipo de privação pela qual o fiel expressa sua morte ao profano para renascer com uma força nova. As proibições ou interditos e abstenções – que Durkheim chama de atos negativos ou culto negativo – têm por finalidade marcar a separação que existe entre sagrado e profano, cujas fronteiras não podem ser ultrapassadas sem a devida preparação: *“Tudo que é sagrado é objeto de respeito e todo o*

³ Informações como esta são facilmente verificáveis no periódico *Semanário Folha Universal*, produzido pela IURD desde 1991.

sentimento de respeito traduz-se, naquele que o experimenta, por movimentos de inibição.”

(p. 383)

O sagrado é um mundo à parte, oposto ao profano, de caráter contagioso: a necessidade de interditos se faz na medida em que qualquer contato de um ser profano com o sagrado basta para trazer as forças religiosas para fora de seu domínio, tornando-as hostis e destruidoras. O interdito atua como preservador da ordem e, preservá-la, significa manter cada qual no seu lugar, colocar limites aos desejos de cada um, para evitar disputas, conflitos, desagregação, violência e caos. Os interditos visam afastar tudo que ameaça a comunidade. Colocam barreiras entre sagrado e profano, criando dentro da sociedade o espaço sagrado. Segundo Durkheim, praticamente todas as instituições nasceram da religião: a idéia de sociedade é a alma da religião. Sociedade e religião estão unidas, praticando ritos e estabelecendo proibições, formando um todo indivisível. A história nos mostra que a vida social é marcada por momentos fortes de experiências de união, solidariedade, comunhão, tanto na violência da guerra contra um inimigo comum como no fervor da festa em vista de um bem a ser alcançado ou celebrado. Os ritos reproduzem esses momentos. E são fonte de renovação das energias mobilizadas pelas experiências vividas.

É necessário que ajamos e que repitamos os atos todas as vezes que for útil para renovar os seus efeitos. (...) é o culto que suscita aquelas impressões de alegria, de paz interior, de serenidade, de entusiasmo, que são, para o fiel, como que a prova experimental de suas crenças. (DURKHEIM, 1989, p. 494)

As proibições religiosas de outrora transformam-se, também, à medida que a sociedade se organiza em leis e medidas punitivas para aplacar a violência do homem. Tanto Durkheim quanto Girard entendem que o primeiro contato do homem consigo mesmo e com o outro, inclusive, o outro que ele não entende (*mysterium tremendum*) perpassam pelos símbolos religiosos. Envolto em toda esta névoa histórica do que teria sido este momento, há um

processo de tomada de consciência do homem, gerador de cultura: para Girard, a explicação deste processo de hominização implica em continuidade e ruptura com o reino puramente animal: há permanência do mimetismo animal e perda do controle instintivo da violência, que passa a ocorrer em torno da vítima sacrificial, nascendo daí a religião e o significado do sagrado – o processo vitimário estrutura ao seu redor o rito, o mito e os interditos – pilares da religião. Ao tratar da violência unânime em torno da vítima sacrificial, Girard vislumbra a necessidade deste mesmo homem primitivo de controlar a violência:

Os homens não podem enfrentar a nudez insensata de sua própria violência sem correr o risco de se entregarem a esta violência; eles sempre a ignoraram, ao menos parcialmente, e talvez a possibilidade de existência das sociedades humanas dependa desse desconhecimento. (GIRARD, 1990, 107)

Ou,

Pelo menos uma parte da resposta à questão do mal está dentro de nós. Não obstante, quase sempre consideramos o mal como alguma coisa que vem de fora. Raramente alguém admite que é mau; raramente admite sequer que pratica o mal. Um dos grandes perigos da humanidade é nossa tendência a projetar nosso próprio mal sobre os outros. (RUSSELL, 1991, p. 7)

Segundo Girard, a religião, no mundo primitivo, fornece a condição para a sobrevivência da espécie, que sem ela seria aniquilada pela violência essencial. A religião, desde então, já funcionaria como organizadora social.

Considerando estes elementos em seu trabalho sobre Edir Macedo, Oliva procura reconstituir as práticas cotidianas usadas na IURD para despertar e renovar a fé de seus adeptos. Faz uma leitura sutil do fato religioso em si. Neste contexto, o rito do exorcismo e a figura do demônio ganham um lugar de destaque, possibilitando identificar, segundo ela, aspectos da religiosidade primitiva, que procura sacrificar o Diabo. Neste ponto, é preciso distinguir o conceito cristão do Deus Vivo, personificado em Jesus, que convida ao perdão e

reconciliação, do conceito de “*religioso primitivo*”, que diviniza a violência concebida pelo mecanismo psicológico da projeção, como força transcendente, ao mesmo tempo ameaçadora e benéfica, exterior ao homem. Pois este homem não lida com a violência como sendo dele e produzida por ele, como já foi dito, mas como um meio de controlar a violência exercida pelo outro.

Deus e o Diabo são termos que, esvaziados do conteúdo da revelação cristã, designam, como elementos da religiosidade, as duas faces do sagrado primitivo. Segundo Durkheim, uma face é benfazeja, guardiã da ordem física e moral, dispensadora da vida e da saúde; a outra é má e impura, produtora de desordem, causa de mortes e doenças. O sagrado primitivo reúne estes dois aspectos e, por isso, é ao mesmo tempo reverenciado e temido. Com a evolução da consciência e da cultura, que vai multiplicando e diversificando a experiência humana, as duas faces se separam em bom e mau, Deus e o Diabo. Porém, tal percepção não vai ocorrer da mesma forma para todos os homens e o que pode ser observado ainda hoje é a manutenção de rituais que sobreviveram no inconsciente coletivo fornecendo retratos e práticas muito semelhantes do que se supõe ter sido a religiosidade primitiva; vemos o homem, na sociedade, construindo representações que lhe são significativas e explicam o mundo de alguma maneira, de forma que todas as informações que recebemos do meio social possam tornar-se inteligíveis no cotidiano.

A religião é uma forma do homem expressar-se, entender e mostrar seu mundo ao outro; tem no culto um ponto de sustentação, porque faz parte de um grupo que compreende junto com ele os conceitos sobre o sagrado; este homem não está só.

A comunidade religiosa constrói parâmetros de comportamento e experiência sobrenatural para o homem. Assembléias religiosas que lotam estádios, procissões, comícios, são ocasiões importantes de catarse, alento e comunhão. Agrupamentos colaboram para os

sentimentos de transcendência, pertencimento e até mesmo para a não responsabilidade individual pela violência ocorrida em ajuntamentos de pessoas: “*Onde os indivíduos muito próximos uns dos outros, reafirmam em comum os seus sentimentos em comum.*” (DURKHEIM, 1989, p. 505).

A ânsia pelo gregarismo manifesta-se em cerimônias religiosas e cívicas, pois também estas últimas movem o indivíduo para a massa, despertando-lhe um estado de efervescência e até delírio, semelhantes ao estado religioso. Reportando-se ao estudo acerca de um povo primitivo, Girard descreve o êxtase vivido:

Assim que atinge uma intensidade suficiente, a excitação criada pelos cantos, as danças, os simulacros de combate e as imprecações rituais, traduz-se por fenômenos de possessão. (...) homens e mulheres que cambaleiam em meio a seus companheiros, e caem por terra, por vezes debatem-se grunhindo ou dando gritos cortantes. (GIRARD, 1990, p. 203)

Dentro das madrugadas, em seus programas envolvendo exorcismo, a IURD mostra cenas semelhantes a estas: quando o programa está chegando ao fim e o número de endemoninhados ainda é grande, há um exorcismo coletivo, onde há um diácono ou pastor para cada possesso. Em meio às orações de expulsão têm início uma luta corpo a corpo para combater Satanás. As pessoas tidas como possesas retorcem mãos e corpo num gestual grotesco, enquanto o pastor “interroga” o demônio sobre suas intenções na vida daquele homem ou mulher ali exposto. Quando convidadas a testemunhar sobre o ocorrido, as pessoas se dizem aliviadas. Por isso, estar junto como grupo e passando por situações semelhantes é muito importante: as reuniões religiosas revigoram o fiel:

Uma vez que cumprimos os nossos deveres rituais, voltamos para a vida profana com mais coragem e ardor, não somente porque nos colocamos em contato com uma fonte superior de energia, mas também porque nossas forças se refizeram, por alguns instantes, de vida menos tensa, mais cômoda, mais livre. (DURKHEIM, 1989, p. 456).

O homem que crê, no contato com o sagrado sofre transformações e altera o ambiente que o cerca, pois ele não é somente alguém que descobriu novas verdades, mas é um homem que pode mais; e é na sociedade que ele manifestará seus sentimentos em ebulição, já que compartilhará com os outros aquilo que lhe faz tão bem. Porém, este processo tem seqüência, porque o fiel está em contato com o sagrado; afastar-se é custoso, pois significa deixar de sentir tudo o que do sagrado emana.

A ênfase dada por Durkheim e Girard em suas análises é muito esclarecedora, pois para compreender o papel da religião na sociedade, com certeza é preciso avaliar um caminho que remonta aos primórdios do homem no mundo e sua forma de lidar com o mesmo por meio da linguagem, símbolos, produção de cultura e conhecimento. É a permanência, a longa duração na história, de elementos ainda tão essenciais ao homem: o contato com o sagrado e como ele ocorre.

Considerando-se a teoria girardiana, faz-se necessário elucidar que seu trabalho de pesquisa é construído sobre a realidade do *desejo mimético*, pois afirma que quase todo o comportamento do homem é aprendido e todo aprendizado se reduz à imitação, embora o homem não se reduza somente ao desejo mimético. O desejo de ser e possuir, levaria ao mimetismo de apropriação, ou seja, o “outro” é quem tem a força, o poder, o alimento, a fêmea, ele espelha o SER. É o modelo do SER. A criatura, mais afastada do instinto puro e simples, quer ser. Deseja o ser do “outro”. Quer ser como o “outro”. Faz seu o desejo do “outro”, quer para si o que é do “outro”. O desejo do mesmo objeto por duas ou mais pessoas concorrentes deflagraria o conflito, a violência. Neste ponto é importante uma analogia com a fala de Macedo em seus livros, pois ele estimula o homem na busca do SER: ser bem sucedido, tentar ser patrão, ser audacioso, ser um cobrador de Deus sobre suas promessas... Entre os animais, normalmente este conflito se resolve pela força ou um padrão de

dominação: os primatas não-humanos são dotados de freios particularmente bem desenvolvidos contra a escalada da luta. Alguns desses freios são inatos, outros parecem impostos pelo grupo, estabelecendo-se entre os animais limites individuais dentro da mesma espécie e que dificilmente chegam à morte num confronto; porém, entre os homens, quando estes percebem que além de seus dentes e garras, podem usar pedras e paus como defesa e ataque, o mecanismo *instintivo* de repressão da violência já não é suficiente; foi inserido no processo a produção de cultura. É possível matar para dominar e não somente para sobreviver.

Porém, todo “outro” tem seu “outro”, seja como modelo ou imitador. Relações de antagonismo se instalam e é gerado o caos da violência recíproca. São todos iguais no mesmo comportamento violento: “*O antagonismo de todos contra todos dá lugar à união de todos contra um único.*” (GIRARD, 1990, p. 103)

Tem-se o nascimento do rito sacrificial e da violência unânime do bando contra uma vítima que precisa ser sacrificada como aplacamento da violência instaurada. Em torno do cadáver os ritos, mitos e interditos vão-se estruturando. Como já foi dito, os pilares da religião.

A violência humana é sempre considerada como exterior ao homem; assim ela se funde e se confunde no sagrado, com as forças externas que pesam realmente sobre o homem: a morte, a doença, os fenômenos naturais (...). (GIRARD, 1990, p. 107)

Para este antropólogo, a unanimidade violenta é o fenômeno fundamental da religião primitiva e a vítima expiatória, a pedra angular de toda a cultura.

E o primeiro fato realmente social é uma exclusão – no nível concreto, a exclusão mediante o assassinato, de um membro do grupo sobre o qual se projeta a violência de todos; no nível psicológico, a negação da responsabilidade pessoal e social. (OLIVA, 1997, 126)

Dentro desta estrutura que se forma, os pilares da religião ocupam cada qual sua função no processo: o interdito deve prevenir contra as conseqüências do desejo mimético. O rito guarda em si a imolação de uma vítima animal ou humana. É controlador da violência entre as relações sociais, pois proporciona uma válvula de escape para as tensões intragrúpis; para Girard, a palavra “sacrifício” adquire novo sentido a partir do gesto de Cristo: a violência da Paixão, cuja vítima é reconhecidamente inocente, revela a ilusão do mecanismo fundante de toda a religião e põe a nu a violência humana da qual somos todos responsáveis e, por último, o mito, que representa as primeiras explicações humanas, recordando todo o processo fundante da sociedade. No dizer de Girard *“O mito é o texto que fecha a boca à vítima. O mito é o texto que escreve a história a partir dos perseguidores.”*

Na IURD, o mito é mantido e recordado nas pregações cotidianas: primeiro, há o rompimento entre Deus e o Diabo, pois este ousou querer ser mais do que Deus; em seguida, Adão e Eva perdem o direito ao Paraíso, com a participação maléfica do Diabo. Devido a esta ruptura, o caos e a desordem entraram no mundo, e cabe aos homens, com a força adquirida no sagrado, a luta contra o mal, o Diabo, para reorganização da sociedade. Parece que o fiel, à mercê da vontade do sagrado, e o Diabo, o sacrificado, são vítimas; mas não o são: na IURD, Deus e Diabo são enfrentados agressivamente pelo fiel. Porém, a nós importa o Diabo. E como a atitude em relação ao mal é de enfrentamento, de fato, mudam as *hierofanias*, as manifestações do sagrado, como esclarece Mircea Eliade. Ritos, mitos e interditos sofrem alterações, por isso há que se considerar o contexto em que nasce um mito e como exerce sua influência. Acerca da ação diabólica (e como relembra Durkheim o Diabo é impuro, mas não é profano), algumas causas podem colocar o fiel da IURD como prisioneiro das forças malignas.

Por intermédio de falsas religiões que têm sua origem no espiritismo, ou freqüentando centros espíritas; por hereditariedade - os demônios passam de pais para filhos; trabalhos e despachos; por “maldade” dos demônios; por contágio - convivência com pessoas que praticam o espiritismo; comidas sacrificadas aos ídolos, por exemplo, os pratos vendidos pelas baianas, *que trabalham a comida*; possessão parcial - o demônio apossa-se de um germe e aloja-se em alguma parte do corpo humano, por ele escolhida. Mais adiante, abordaremos estes pontos mais detalhadamente, pois eles revelam a instituição de mitos, ritos e interditos que organizam o cotidiano do fiel.

Oliva aponta sua análise numa direção que nos interessa, mas que, em nosso entendimento, não responde satisfatoriamente às questões sobre o sucesso do Diabo na pregação da IURD. Traça um paralelo entre a violência social da IURD e o desejo mimético frustrado expresso por Girard:

É fácil entender como a pregação denunciadora da ação diabólica e a prática de exorcismo, na IURD, podem atrair uma multidão de vítimas sociais ‘marcadas para a exclusão’. Despojadas dos direitos humanos à moradia digna, ao salário justo, à assistência médica, à educação – sem condições, portanto, de manter uma família organizada – sufocadas por necessidades miméticas impostas pela propaganda consumista e pela moda; corroídas pelos desejos insatisfeitos e pelos sentimentos negativos de incapacidade, inferioridade e desvalor; atormentadas por sintomas de enfermidades várias; angustiadas com problemas nas relações familiares – drogas, vícios, desamor, violência – são diversas as camadas da população que acorrem pressurosas ao anúncio da boa nova de que, com a expulsão dos demônios, seus males se acabarão e uma nova vida de abundância estará a seu alcance. Pois a causa da falta de saúde, dinheiro e amor é atribuída ao Diabo, que ‘amarra’ a vida das pessoas. (OLIVA, 1997, p. 146)

Contudo, não é possível imaginar este movimento crescente da IURD como unicamente um chamamento para os excluídos. Como Oliva mesmo coloca “*são diversas as camadas da população que acorrem...*” na busca de solução para os mais diversos problemas e não somente as camadas mais pobres. A procura pelo culpado e o alívio das tensões sociais estão cada vez mais presentes nas classes média e alta: o campo de atuação da IURD tem-se

expandido. Por que aumentou o número de pessoas que acreditam na existência do Diabo e ligam-no aos acontecimentos do cotidiano? Russell esclarece:

Como, e por que, é o mal personificado? A resposta mais básica é que ele é personificado porque o sentimos como uma entidade maligna deliberada que se intromete em nós, vinda de fora de nós. Tendo em vista os horrores produzidos pelo século XX, não é de surpreender que a crença no Diabo, depois de um longo declínio, esteja reaparecendo rapidamente. Um levantamento concluído em 1974, indicava que nos Estados Unidos a crença positiva no Diabo aumentou desde 1965, passando de 37% para 48% dos entrevistados, com outros 20% achando que sua existência é provável. Quer consideremos o Diabo como um ser sobrenatural, ou como uma força incontrolável surgida do inconsciente, ou como um aspecto absoluto da natureza humana, isso é menos importante do que a essência dessa percepção, ou seja, que somos ameaçados por forças estranhas e hostis. “O mal é terrivelmente real para cada indivíduo”, disse Jung. “Se considerarmos o princípio do mal como uma realidade, poderemos igualmente chamá-lo de diabo”. (RUSSELL, 1991, p. 15-16)

Oliva parece ver o fiel iurdiano como tão somente manipulado pelo discurso produzido, como se ele não fizesse parte da estrutura religiosa. Mas ele o faz. A citação de Russell nos coloca frente à questão do assédio do mal vivido pela sociedade. É preciso explicar porque tragédias, crimes, violências, infelicidade amorosa, homossexualismo, fracasso financeiro e tantas outras situações acontecem: o imaginário sobre o Diabo responde em parte algumas dessas questões, uma vez que há séculos o Diabo personifica todo o mal e, principalmente, exclui de nós mesmos a propiciação da violência. Na IURD, o fiel não é mero espectador do processo de satanização da realidade; ele é alguém que luta contra o mal e o vence. O discurso sobre o Diabo responde aos anseios dos fiéis de muitas formas: aponta um caminho para a libertação e uma nova vida. É sobre esta força de atração exercida pelo discurso da IURD que esta dissertação se dedica.

Para esta pesquisa, foi escolhido um aspecto do discurso da IURD: os livros escritos por Edir Macedo. Ao observarmos estas obras constatamos que Macedo se utiliza de técnicas da indústria cultural para veicular sua mensagem, com vistas à conquista do mercado religioso⁴.

Na análise do conteúdo, o foco principal recai sobre a figura do Diabo e os elementos recuperados do imaginário coletivo para a manutenção deste reino como causador de toda a desordem.

Embora o eixo desta pesquisa não repouse sobre a IURD e a TV, é necessário reconhecer o papel fundamental da mesma. Através da história, o conceito sobre o Diabo tem atravessado os tempos, tem amedrontado a muitos e hoje, pelo advento da TV, a sua imagem tornou-se um evento para as massas. A IURD possui uma bem montada estrutura de comunicação para alcançar a finalidade de espetáculo, o que a coloca entre as Igrejas que mais dispõem de recursos para impacto de discurso e imagem. Sua programação atinge o nível do grotesco quando os quadros escolhidos são de exorcismo, transformando o altar da igreja em um espaço de luta. São desencadeadas, neste momento, as forças do sagrado.

Por sua vez, numa linguagem de fácil entendimento, com ilustrações bastante corriqueiras e simples, os livros de Macedo são vendidos a um preço acessível, como parte da máquina de propaganda em favor da sua Igreja. De fato, conforme Adorno, a indústria cultural produz:

(...) o estado de consciência e inconsciência de milhões de pessoas às quais ela se dirige, as massas não são, então, o fator primeiro, mas um elemento secundário, um elemento de cálculo; acessório da maquinaria. O consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito dessa indústria, mas seu objeto. (Adorno in COHN, p. 93)

⁴ Por mercado religioso entendemos a colocação de bens à disposição dos fiéis, com a intenção de satisfazer-lhe as necessidades espirituais e materiais. Propositadamente, não usamos a palavra “sagrado”, pois nos baseamos na explicação de Rubem Alves: “Sugiro que o fenômeno das empresas de cura divina deva ser compreendido segundo um modelo econômico e não religioso. O que lhe dá a sua configuração específica é o fato da comercialização de bens espirituais, e não o fato de serem espirituais os bens comercializados (...). Ao meu ver, não estamos diante de uma manifestação religiosa que lança mão de métodos empresariais. Sugiro a direção inversa: a mentalidade de empresa aqui começa a produzir e a distribuir bens espirituais.” (1979). Não é nosso objetivo discutir se a IURD é ou não uma organização empresarial, mas compreender que ela concorre num mercado religioso, que tem como objetivo atrair fiéis.

Assim compreendida, procuramos analisar em que medida esta linguagem favorece a adesão dos crentes àquela organização.

No entanto, se na TV, imagens de catarse são veiculadas, já nos livros são enfatizadas a doutrina da Igreja e a ética iurdiana, além de conselhos práticos para o dia a dia do crente. Estes aspectos não são menos relevantes do que os conteúdos veiculados na TV.

Pelo contrário, eles se complementam, no sentido de atingir e ordenar a totalidade da vida do crente – vida emocional, fé, profissão, integração à sociedade, política, economia, lazer, grupos de convívio. Neste novo mundo, não há lacunas para dúvida ou solidão – o crente tem respostas para todas as suas questões; não por acaso, a Igreja se pretende Universal.

CAPÍTULO I – O FENÔMENO PENTECOSTAL E A IURD

1.1. A IURD no Contexto do Pentecostalismo

As sementes do pentecostalismo já haviam sido plantadas na Reforma Protestante, na Europa do século XVI; como exemplo, podemos citar os anabatistas, movimento religioso que já continha elementos da doutrina pentecostal⁵.

A Revolução Industrial trouxe em seu bojo o avivamento religioso protestante: as cidades, agora mais populosas, tornaram-se cenário da formação do operariado, que cercado pela exploração do capital e de grande pobreza, ofereceu condições para o avivalismo pentecostal do século XVII (o desejo de uma relação mais pessoal, íntima e diária com Deus). Nesta relação, o “sentir Deus” torna-se um fator importante na dimensão religiosa: as orações e devoção pessoal são incentivadas. Na Inglaterra, John Wesley (1703-1791), fundador do metodismo, modificou seu procedimento em relação à Igreja Anglicana a partir de 24 de maio de 1738⁶, quando teve sua “experiência do coração aquecido”. Passou, então, a pregar fora dos templos e atingiu, assim, milhares de trabalhadores e mineiros.

Mesmo sendo fiel ao anglicanismo, Wesley foi responsável pelo surgimento do metodismo (que recebeu este nome devido às constantes reuniões e estudos bíblicos em dia e hora previamente marcados), e permitiu a participação de pregadores leigos, objetivando fugir

⁵ Ver Maske, Wilson, *Bíblia e Arado: a Identidade Étnica dos Alemães Menonitas no Brasil*, Dissertação de Mestrado: UFPR, Curitiba, 1999 e Galindo, Florêncio, *O Fenômeno das Seitas Fundamentalistas*, segundo este autor os anabatistas eram “assim chamados porque batizavam de novo os adultos já batizados na infância. (...) se gabam de ter sido os primeiros a ser chamados de ‘evangélicos’. Segundo eles, a Igreja só pode ser formada por pessoas que deram sua adesão consciente a Cristo, algo reservado a adultos.” Sua teologia é calvinista, incluindo renúncia à violência, exigem sobriedade de vida e renúncia ao “mundo” pecaminoso, logo, afastam-se de álcool, luxo, fumo e vida social, como bailes, por exemplo. Normalmente, o pentecostalismo estimula conduta ascética.

do clericalismo anglicano. Guardadas as devidas proporções, o protestantismo popular dos séculos XVIII e XIX se assemelha ao pentecostalismo do século XX, pela capacidade de agregar pessoas, sendo estas pertencentes a um segmento da população que é marginalizado pela discriminação racial, social e econômica, e que encontra, nestas manifestações religiosas, uma maneira de enfrentar as dificuldades que muitas vezes são associadas ao Diabo.

E é assim que o pentecostalismo se desenvolveu no século XX, com forte proselitismo e, com o perfil que conhecemos hoje no Brasil nasceu nos EUA. Como exemplo, podemos citar alguns pregadores norte-americanos do séculos XIX e XX, que buscaram alcançar um grande número de pessoas para a salvação em Cristo através de pregações emocionais, como Charles Finney (1792-1875), Asa Mahan, Richard G. Sperling, Charles Parham, W. J. Seymour, entre outros. Da ideologia do “destino manifesto” nasce a necessidade de levar o Evangelho para o mundo (CAMPOS, 1995, p. 19). Nas décadas de 60 e 70, adquire novo fôlego utilizando-se amplamente da televisão, dos jornais, do rádio e promove gigantescas manifestações como forma de divulgação do Evangelho; principalmente, os televangelistas como Oral Roberts, Pat Robertson, Jimmy Swaggart, entre outros, participam deste mercado religioso (KEPEL, 1991, p. 129). No Brasil, ele surge também nas primeiras décadas do século XX, mas sua fase de maior expansão se dá na segunda metade do século, com meios de comunicação como rádio e TV ⁷. Tem sofrido rápido crescimento na América Latina e, de certa maneira, colocado em

⁶ Há uma divergência sobre o ano deste acontecimento: Nogueira (1986) afirma que o ano foi 1774, já Galindo (1995) afirma que foi 1738. Optamos pelo segundo.

⁷ Segundo Galindo, o pentecostalismo é um dos movimentos religiosos de maior importância do século XX: “Ele tem suas raízes imediatas nos movimentos de renovação do protestantismo norte-americano, que por sua vez partem do metodismo de John Wesley. (...) Esse movimento é o mais difundido na A. L., (...), pois nele revivem, com características novas, aspectos fundamentais do cristianismo, inclusive, em comunidades católicas: interesse pela vida contemplativa, retorno à Bíblia, cultivo de alguns carismas, com predomínio do elemento afetivo sobre o intelectual, e, conseqüentemente, com uma forte tendência para o sectarismo, ou seja, para se considerar o próprio grupo como o único possuidor da doutrina pura e o único a se manter fiel à mensagem cristã original.” (1995).

risco a hegemonia da Igreja Católica. O pentecostalismo brasileiro tem sido classificado em três ondas⁸ que, embora distintas, não são estanques e se influenciam mutuamente:

A chamada **Primeira Onda ou Pentecostalismo Clássico**, é o período situado entre 1910 e 1950. Seu início se dá com a implantação da Congregação Cristã no Brasil (1910, em São Paulo) e da Assembléia de Deus (1911, Pará) até seu crescimento pelo território nacional. Caracteriza-se desde o começo por forte oposição e crítica ao catolicismo, pela ênfase no dom de falar em línguas ou glossolalia, batismo no Espírito Santo, pelo sectarismo e conduta ascética ou de rejeição ao mundo.

A **Segunda Onda ou Pentecostalismo Neoclássico**⁹, iniciou-se com a chegada de dois missionários norte-americanos, Harold Williams e Raymond Botright, pertencentes à Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular (International Church of The Foursquare Gospel). Criaram a Cruzada Nacional de Evangelização baseados na cura divina e logo fundaram em São Paulo, no ano de 1951, a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), que conservou a base pentecostal, ou seja, batismo no Espírito Santo e cura divina; contudo, sua postura era um pouco mais liberal ou menos sectária. Neste rastro, surgiram a Igreja Brasil Para Cristo (1955, São Paulo), Deus É Amor (1962, São Paulo), Casa da Bênção (1964, Minas Gerais), e outras de menor porte. Duas características são marcantes neste período: o uso do rádio para difusão do Evangelho e as tendas de lona, pela Igreja do Evangelho Quadrangular, que aproximavam mais os pregadores do povo. Seu crescimento foi intenso.

E, a chamada **Terceira Onda** ou Neopentecostal, que começou na segunda metade da década de 70 e não parou de crescer. Várias são as denominações surgidas nos anos setenta e oitenta: Igreja Universal do Reino de Deus (1977, Rio de Janeiro), Igreja Internacional da

⁸ Mariano, Ricardo, cita em *Os Neopentecostais e a Teologia da Prosperidade*, In.: Novos Estudos CEBRAP (São Paulo, 1996) a obra de Freston, *Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*, USP, 1994, que trata das três ondas pentecostais de forma mais detalhada.

⁹ Mariano, Ricardo, *Os Neopentecostais...* (São Paulo, 1996).

Graça de Deus (1980, Rio de Janeiro), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, Goiás) e Renascer em Cristo (1986, São Paulo), todas fundadas por pregadores brasileiros. Caracterizam-se por acomodação ao mundo (não enfatizam a conduta ascética), participação política partidária e uso intenso da mídia eletrônica. Por apresentarem poucos traços de seita e não adotarem usos e costumes muito rígidos, ou seja, estereótipos da santidade do crente pentecostal, com longos cabelos para as mulheres e uso obrigatório de saia, sem adereços que denotem vaidade, e para os homens, uso obrigatório de terno e gravata, atraem um número maior de fiéis.

No que diz respeito à doutrina, alguns pontos são fundamentais: (1) Teologia da Guerra Espiritual contra o Diabo e seus anjos, representados pelas outras religiões e as afro-brasileiras, principalmente; (2) pregação da Teologia da Prosperidade: doutrina que afirma que o cristão tem direito a melhor parte de tudo ainda neste mundo.

A expressão “ainda neste mundo” é um elemento-chave para compreender, principalmente, o desenvolvimento da IURD, como veremos adiante. No contexto do neopentecostalismo no Brasil, esta já é considerada por alguns teóricos sociais como um fenômeno, tanto quanto a atuação de seu líder, Edir Macedo.

1.2. A Trajetória do “Bispo” Edir Macedo

Edir Macedo Bezerra nasceu em 1944, numa família de 33 irmãos, sendo que somente sete sobreviveram. Macedo é o quarto destes. A família, de nordestinos, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde o pai instalou-se como comerciante. Aos 17 anos, Macedo começou a trabalhar na Loterj como *office boy*, ascendendo mais tarde para uma função administrativa.

Estudou matemática na Universidade Federal Fluminense e depois cursou até o 2º ano da Escola Nacional de Ciência e Estatística; deixou os estudos quando de seu casamento. Aos 33 anos, em 1977, abandonou as atividades seculares para dedicar-se ao evangelho.

Sua formação religiosa vem do catolicismo e de uma breve passagem pela umbanda. Ainda na adolescência, começou a freqüentar a igreja evangélica Nova Vida. O fundador da igreja, o canadense Robert McAlister, buscou promover um avivamento entre a classe média brasileira, mas seu estilo de liderança personalista e carismática não contribuiu para o crescimento da igreja, que começou a atrair pessoas de classe média baixa. Os fundadores de três grupos da Terceira Onda foram membros da Nova Vida (Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus e Cristo Vive, fundadas por Macedo, Soares e Miguel Ângelo, respectivamente).¹⁰ O estilo da Nova Vida permite compreender um pouco melhor a IURD:

O fundador canadense da Nova Vida, Robert McAlister, rompeu com a AD em 1960 para elaborar um pentecostalismo menos legalista no estilo do incipiente renovação carismática norte-americana. Investiu muito na mídia. A organização era bastante centralizada e personalista. Foi a primeira igreja a adotar o episcopado no Brasil; como estrangeiro influenciado pelo ecumenismo pragmático do movimento carismático, McAlister teve a liberdade de introduzir esse traço mais “católico”.

A Nova Vida teve um momento de vanguardismo, mas ficou amarrada pelo personalismo e pelas ambições dinásticas. Sua maior contribuição foi como “estágio” para futuros líderes. Trabalhou com homens um pouco mais cultos e entendidos do mundo do que os líderes da primeira e segunda ondas, e sugeriu-lhes um modelo pentecostal mais culturalmente solto. Deu-lhes também uma formação indispensável para que se tornassem independentes: segundo um ex-pastor, “a primeira coisa que aprendi na Nova Vida foi como levantar uma boa oferta.” Em sintonia com isso, a mensagem devia ser sempre positiva. Era o transplante do que havia de mais recente na religião americana, no estilo dos novos pregadores televisivos. (FRESTON, 1994, p. 96)

Macedo resolveu sair da Igreja Pentecostal Nova Vida para fundar uma organização onde pudesse colocar em prática suas concepções de avivamento. Segundo relatos de pastores iurdianos, Edir Macedo fora “tocado” pelo Espírito Santo para abrir uma nova igreja (OLIVA,

¹⁰ Freston, Paul, *Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*, USP, 1994.

1997); as primeiras atividades da IURD aconteceram em uma funerária no bairro da Abolição, no Rio de Janeiro. Em 1977, a igreja é registrada oficialmente com o nome atual. Entre 1986 e 1989, Macedo viveu nos Estados Unidos. Sobre suas atividades neste período, não há clareza: se conhecer melhor as estratégias americanas sobre evangelismo ou somente expandir a IURD naquele país. Já no Brasil, em 1990, adquire a Rede Record.

Macedo e a IURD já vinham sendo alvo da mídia desde 1987, mas o montante de dinheiro que envolveu esta compra despertou também a atenção da polícia federal, que empreendeu investigação sobre os bens de Macedo. No processo número 352/92, da 21ª Vara Criminal de São Paulo ¹¹, é solicitado o seqüestro de seus bens e rastreamento de suas declarações de renda. Macedo já tinha sido acusado de charlatanismo, curandeirismo e estelionato, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo. Em 1992, por duas vezes, Macedo esteve preso e foi alvo das orações de cem mil pessoas que fizeram vigília na praia de Copacabana. Pouco tempo esteve preso, sendo-lhe concedido *habeas corpus* que determinou que sua prisão fora indevida (FREESTON, 1994, 111). A solidariedade demonstrada pelos evangélicos de várias denominações foi muito grande. E a bandeira de “perseguida”, normalmente estimulada pela igreja, tornou seus fiéis mais unidos devido à tensão social. Esta prática também colabora para afastá-los de uma postura mais crítica.

A despeito de seus problemas, a expansão da IURD é bastante significativa. O bispo Macedo tem no rádio e na televisão leais colaboradores para o seu crescimento; atualmente, seu discurso não atinge somente as camadas populares, mas também as classes média e alta,

¹¹ Parecer do juiz da 21ª. Vara Criminal de São Paulo: “Consabido que o acusado iniciou sua atividade pastoral, no ano 1977, numa acanhada funerária da cidade do Rio de Janeiro, mas pelas declarações de renda se percebe facilmente a inconsistência dos seus argumentos, intitulado-se ‘proprietário’, ‘empresário’, o que denota a presença de vasos comunicantes entre o e o ganho auferido, vez que a pregação religiosa, no mais das vezes se transmuda num biombo para empreendimentos notadamente mercantilistas (p. 13).” Processo citado por Margarida Oliva, p. 161.

embora com muito menor impacto ¹². Esta difusão se deve aos meios de comunicação. Seu discurso imediatista encontrou ressonância entre as massas e, em 1985 a IURD estava em quase todas as capitais brasileiras. Sua mensagem possui a habilidade de adaptar-se aos vários setores da sociedade, não estando impregnada, portanto, de uma doutrina baseada somente nos costumes, como por exemplo, da Igreja Pentecostal Deus É Amor, que provoca isolamento em relação à sociedade devido à sua condenação ao envolvimento do fiel com as “coisas do mundo”: usar roupas da moda, as mulheres vestirem calças ou saias curtas, assistir TV (pelo Estatuto da IPDA é proibido ter televisores em casa, sob pena de exclusão da Igreja).

Portanto, para compreender o alcance e o leque de possibilidades da IURD, é preciso inseri-la no contexto mediático, daí nossa opção pelos livros de Macedo.

1.3. A IURD e os Meios de Comunicação

Não é uma novidade a presença dos evangélicos nos meios de comunicação. Já há algumas décadas não só horários de rádio são alugados como rádios são compradas; porém, é a partir da década de 80, sob a influência de pregadores norte-americanos que houve uma procura mais expressiva pela televisão. Enquanto David Miranda, fundador da Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA), fazia sessões de exorcismo ao vivo pelo rádio, Macedo as transmitia e transmite pela televisão. Durante o ano de 1999, a programação com sessões de

¹² Reportagem de O Estado de São Paulo, assinada por Eugênio Bucci, que comenta os programas da IURD dirigidos aos empresários, numa tentativa de mostrar a importância da bênção de Deus na vida financeira. A manchete: “IGREJA UNIVERSAL TRANSFORMA DEUS EM BALCONISTA.”. A chamada: “Consumismo e individualismo são motivos de êxtase místico nos programas de TV veiculados pela seita.” Oliva, p. 161. Não é nossa intenção discutir manchete e chamada, mas atrair a atenção para a ênfase da igreja na vida financeira

exorcismo, passou a ser divulgada em diversos horários, inclusive, no de almoço. A IURD iniciou seus programas de TV nas redes Manchete, Bandeirantes e Record. O passo decisivo para sua expansão foi tomado quando em 1989, a Rede Record de São Paulo foi comprada e, da condição de notícia, a IURD passou a produzir notícia, podendo, em qualquer tempo e hora, responder às críticas a ela formulada e, ao mesmo tempo, buscar corresponder aos anseios sociais da população através de sua doutrina.

Seus programas têm linguagem popular, demonstram intolerância e agressividade não só com as formações religiosas não-cristãs, mas também com a Igreja Católica e os protestantes em geral. Organizada sobre o tripé cura, exorcismo e prosperidade financeira e considerando o Diabo como elemento central de seu discurso, a IURD conseguiu demarcar um espaço bastante significativo dentro da religiosidade brasileira, ao ponto de, mesmo seu líder sofrendo denúncias por fraude e sendo investigado pela polícia federal ¹³ e chutando a imagem de Nossa Senhora Aparecida em 12 de outubro de 1995, ainda manter seus cultos cheios. Muitos desses acontecimentos tornaram-se matéria-prima na mão dos pastores, que alegaram o quanto a IURD era perseguida ¹⁴.

A IURD nunca parou de crescer; além da Record, comprada por 45 milhões de dólares, seu patrimônio conta com 47 emissoras, 26 rádios, 2 revistas, 2 jornais evangélicos, além de

próspera, aliás, a expressão “prosperidade de vida” é utilizada notadamente para finanças.

¹³ Citamos integralmente Oliva, p. 160: “COMEÇA A DEVASSA – Além do carro apreendido, outros dissabores esperam Edir Macedo: um depoimento no CPI do narcotráfico e investigação da Receita Federal – manchete do Jornal da Tarde de 19/6/1991. Já a Folha de S. Paulo, do dia 20 de junho, traz a manchete: BISPO EDIR DIZ QUE FORTUNA É OBRA DE DEUS – Líder da Igreja Universal atribui acusações à ‘inveja’; dono do BMW mostra carta do Detran assumindo troca de placas. O caso em foco era um carro importado, de chapa fria, encontrado pela Polícia Federal na garagem de seu apartamento, no Condomínio Santa Helena, na Chácara Flora em São Paulo.”

¹⁴ Manchete do Semanário Folha Universal, de 28 de janeiro a 03 de fevereiro de 1996: “IGREJAS SUPERLOTAM EM TODO O MUNDO – Não é apenas no Brasil que a IURD tem sido perseguida. Também não é só aí que ela cresce. Em todo o mundo, milhares de pessoas estão sendo alcançadas pelo poder de Deus, por intermédio do trabalho evangelístico da Igreja Universal. A luta contra a doença, a miséria, o sofrimento, e todos os males que afligem as pessoas, se faz necessária em qualquer lugar do mundo. Aí está a principal razão da expansão desta obra, que é de Deus.”

um jornal secular, o *Hoje em dia*, de Belo Horizonte. Na Avenida Paulista a Igreja possui o Banco de Crédito Metropolitano.

Seus sermões e formas de abordagem vêm sendo sustentadas e aperfeiçoadas por uma estrutura de comunicação muito bem elaborada: ***“Venha para a Igreja Universal, onde o milagre é coisa natural”***. *Venha...* não só como telespectador, mas principalmente, como fiel frequentador dos cultos. Dentro da IURD, o fiel ouve a palavra, de cunho popular, que aponta vários problemas sociais, mas os transfere para o universo espiritual, culminando na prática do exorcismo. Os pastores advertem os ouvintes acerca das “entidades” que atacam as pessoas e utilizam um vocabulário próprio do espiritismo e umbanda, embora os dois sejam alvo das críticas da Igreja.

A recessão, o desemprego, a falta de perspectivas se transformaram em catalisadores do pentecostalismo no Brasil, sem contudo apresentar soluções materiais. O pobre encontra na cura divina o alívio para suas dificuldades e no exorcismo, a explicação para as mesmas. Seguindo este raciocínio, há que se considerar o baixo nível de escolaridade entre os pentecostais e o pouco ou nenhum incentivo ao pensamento intelectual, o que nos faz questionar até que ponto a figura do Diabo não é um instrumento de controle: é possível contrariar um “ungido de Deus” (pastor) caso ele alegue a possessão de um fiel? E, se ele compartilhar com a platéia o que está “sentindo” como sendo a vontade de Deus ou a revelação do Espírito Santo? Normalmente, entre os pentecostais, o pastor é oriundo da própria comunidade e exerce o ministério sem nenhum preparo especial, à diferença dos católicos e protestantes históricos, pois há uma ênfase acentuada no estudo da Palavra.

As diferenças tornam-se ainda maiores no campo da hermenêutica. Modernamente, as igrejas históricas têm-se preocupado com os aspectos sociais da religião, seu comprometimento com o próximo e as transformações da sociedade, o que vai de encontro ao

pentecostalismo, que apregoa um Evangelho puramente espiritualista; se tudo ocorre na esfera espiritual, todo e qualquer conflito acontece em função do Bem e do Mal, de Deus e do Diabo; novamente, vislumbramos o domínio do discurso demoníaco, pois o fiel luta o tempo todo contra algo que não vê, mas que está à espreita, pronto a lhe devorar, como tão bem admoestou um pastor da IURD: “*Se você tem dinheiro aí no bolso e não quer dar, é o Diabo!*”¹⁵

Não é a necessidade de usar o dinheiro para o pão, ou a não participação na coleta porque já colaborou em outra, ou mesmo o fato de precisar pegar o ônibus para voltar para casa... mas o Diabo, mais mencionado e evocado do que Deus, já que o primeiro é uma das personagens principais que povoa o universo do imaginário cristão, servindo de referencial na aceitação e rejeição de comportamentos e atitudes mentais e culturais. E no caso da IURD, seu discurso televisivo, dos cultos e livros vêm carregado de forte conteúdo emocional, interpretações literais da Bíblia e adaptação aos problemas do cotidiano, acarretando grande adesão de pessoas, que sentem-se bem ao ouvir uma pregação que esteja ao alcance de seu entendimento e que, ao mesmo tempo, ofereça-lhe explicações de porquê certos fatos ocorreram ou ainda ocorrem em sua vida e, na maioria esmagadora das vezes, a explicação recai sobre a figura do Diabo.

Por isso, o exorcismo assume papel tão fundamental: é o canal para a purificação e a harmonia com Deus. Nas noites de sextas-feiras, muitas vezes o fiel é convidado a passar sobre um tapete de sal ou um tapete vermelho, para queimar os demônios e obrigá-los a se manifestarem. O clima que vai-se formando, reforçado por cânticos de expulsão e orações *fortes*, produzirá uma catarse coletiva, o livramento e alívio do indivíduo.

¹⁵ Revista Veja (1996).

A possessão tem vários motivos, conforme citamos anteriormente, sendo que a culminância está na rejeição a Cristo¹⁶. À possessão seguem-se alguns sinais: nervosismo, dores de cabeça, insônia, medo, desmaios constantes, desejo de suicídio.

Isso é possessão. Ter o corpo usado pelos demônios para habitação. ...Os espíritos não têm tamanho e podem se alojar de acordo com suas preferências em certos lugares do corpo humano. (MACEDO, 1990, p. 66-71)

Macedo prossegue com sua satanização da realidade:

Vivemos em plena era do demonismo. O espiritismo está, sob as suas mais diversas ramificações, dominando a mente das pessoas. As religiões orientais, regadas a demônios, estão, sob a capa cristã ou não, invadindo o mundo, entrando nos salões de festa e coabitando nos casebres das favelas com os homens. Com vasta distribuição de literatura e pregação disfarçada, estão por toda a parte disseminando a prática do demonismo. (IDEM, p. 131)

Segundo a IURD, mesmo as Igrejas tradicionais seriam cativas do demônio “Exu Tradição”. A Igreja Católica estaria atuando sempre em conjunto com a máfia e lavando seu dinheiro sujo; também promoveria a miséria no Terceiro Mundo por motivos políticos: “*No Brasil, em seitas como Vodou, Macumba, Quimbanda, Candomblé ou Umbanda, os demônios são agradados e servidos como deuses.*” (MACEDO, 1990, p. 20)

Como já foi mencionado, questionar a autoridade de um líder religioso e “ungido de Deus” é muito delicado; mediante este fato e por antecipação, o Bispo Macedo recomenda que o líder espiritual seja visto como o próprio Jesus e, “*por isso mesmo, todas as suas falhas, erros ou defeitos jamais devem ser vistos.*”¹⁷

A autoridade de Macedo advém de seu carisma, de sua compreensão do mundo espiritual, que mostra ao fiel que existir solução para os problemas por ele enfrentado. Quando ele

¹⁶ Macedo, Edir, *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?*, Rio de Janeiro, 1990.

¹⁷ Macedo, Edir, *Nos Passos de Jesus*. Rio de Janeiro, 1990. Embora este livro seja citado, não está arrolado como fonte.

estimula seu leitor a não olhar os defeitos do pastor, ele pode fazê-lo, pois tem autoridade legitimada pelo grande número de pessoas que faz parte de sua igreja e reconhece sua pregação como coerente e em ressonância com suas necessidades. Embora Macedo coloque-se como um liberal que dirige uma igreja onde nada é proibido, sua fala e escritos demonstram a intenção do exercício do poder sobre os membros da congregação através do mundo sobrenatural. Ele é conhecedor, como homem de Deus e “ungido”, do universo que mantém as pessoas prisioneiras das trevas e sabe como buscar solução. Numa relação de poder, é preciso que ambos os lados reconheçam a autoridade que emana de um ou mais indivíduos. Macedo tem junto aos seus fiéis o reconhecimento necessário, mesmo porque, a IURD tem sido alvo de muitas críticas e, ainda assim, boa parte dos testemunhos se posicionam a favor da igreja e crêem que ocorre a perseguição descrita na Bíblia para aqueles que temem a Jesus, argumento que o Bispo utiliza bastante em seus livros.

A IURD é categórica em sua análise da realidade social, e esta realidade guarda íntima relação com Satanás, com possessão. Macedo recupera do imaginário coletivo brasileiro, de influência africana, a idéia de um cotidiano acompanhado por espíritos, neste caso, malignos; seu discurso é familiar às pessoas que o ouvem e faz sentido para as mesmas. Sua autoridade na expulsão de demônios é comentada com espanto e admiração pelos pastores de outras denominações evangélicas, bem como sua capacidade de lotar estádios. Contudo, a estrutura da IURD não é voltada para um culto à personalidade: a igreja, a IURD, é que deve liderar no espaço evangélico e sobrepor-se à Igreja Católica. O centro do discurso não está no Bispo e sim na missão da IURD: o exorcismo. O controle sobre o fiel acontece em todas as esferas, minando a possibilidade de dúvidas, pois o próprio questionamento funcionaria como um

gerador de culpa e uma “brecha” para o Diabo: “*Seja obediente às normas da sua igreja e aos pastores ou líderes que Jesus constituiu sobre ela.*”¹⁸

Pensar pode tornar-se um perigoso artil do Diabo!

A figura do Diabo é construída e solidificada no imaginário da IURD, na medida em que poder e domínio são habilmente exercidos através do discurso falado e escrito, que demonstra ao fiel a sua grande capacidade de enfrentar o demônio e de colocar-se aos pés do Senhor. Mas, para tanto, é preciso compreender que tudo é um reflexo da luta entre o Bem e o Mal.

De um modo geral, são muitas as igrejas sob a bandeira do pentecostalismo, porém, a IURD tem em sua doutrina os três eixos mais marcantes do neopentecostalismo: prosperidade financeira, demonização da realidade e uso intenso dos meios de comunicação.

É fato que o pentecostalismo está mudando. Outrora as religiões de salvação atraíam somente as camadas mais pobres, uma vez que todo o sofrimento de uma vida de privações e necessidades seria recompensada após a morte, na eternidade. Durante décadas houve forte ênfase na desvalorização do mundo e um sentimento de separação do mesmo, realçando hábitos e comportamentos que assegurassem a santidade (*Holiness*). A conversão de membros de classe média acabou gerando tensões no interior do pentecostalismo que teve de repensar seu modo de inserção no mundo e seu discurso. Ou mantinha sua conduta ascética ou fazia concessões. E as fez. Os adeptos mais abastados tendem a desejar a realização de seus objetivos de vida e o direito de usufruir de sua boa sorte, obviamente merecida¹⁹. Algumas lideranças optaram por adequar seu discurso às expectativas dos fiéis, que com muito menos culpa queriam desfrutar das coisas boas; começava a acomodação ao mundo.

Porém, estas mudanças não ocorreram sem motivo. Há, no Brasil, a importação de teologias, literatura, ritmos musicais e até mesmo modelos de êxtase, que passarão a

¹⁸ Macedo, Edir, *Orixás, Caboclos e Guias...*, p. 158.

¹⁹ Weber, Max, *Ensaio de Sociologia*, p. 314.

influenciar os meios evangélicos; sendo que o protestantismo convive historicamente com o pluralismo, haverá neste grande cenário, lugar para todos, mas algumas denominações crescerão mais, entre elas a IURD, que baseia-se na Teologia da Prosperidade (TP) e da Guerra Espiritual, pela expulsão do Diabo (TGE) .

1.4. Teologia da Prosperidade e da Guerra Espiritual

A TP surgiu nos Estados Unidos no começo dos anos 40, sendo reconhecida como doutrina na década de 70. Agregava várias tradições religiosas distintas (ocidentais e orientais), práticas esotéricas, paramédicas e de auto-ajuda. A Palavra, neste contexto, torna-se muito importante: Deus criou o mundo pela palavra e o cristão tem condições de trazer à existência bênçãos e prosperidade pelo confessar a palavra em voz alta, com fé e No Nome de Jesus. Saúde perfeita, prosperidade material, triunfo sobre o Diabo e vitória sobre todo e qualquer sofrimento, assim preconizava tal doutrina.

No Brasil, a TP vem justamente corroborar com o anseio de acomodação ao mundo de certas lideranças, a possibilidade de mobilidade social para alguns fiéis e a manutenção de um *status* já adquirido para outros, sem o sentimento de culpa. Na busca da bênção, o fiel deve **determinar, decretar, reivindicar e exigir** de Deus que Ele cumpra sua parte no acordo, pois ao fiel compete dar dízimos e ofertas. A Deus cabe abençoar.

Mas, muitas vezes não ocorre o que foi *determinado*. Por que? Segundo os líderes concordantes com a TP, a falha ocorre ora porque o fiel tem pouca fé; ora por seu comportamento pecaminoso; ora pelas maldições enviadas pelo Diabo e seus demônios, que tornam o cristão seu escravo. Depende do fiel receber ou não a bênção, qualquer dúvida

impossibilita seu recebimento. A pobreza significa falta de fé. Já para quem tem fé, a TP traz novidades alvissareiras. Deus torna-se a fonte inesgotável de satisfação das necessidades recorrentes de uma sociedade consumista; pouco é tratada a questão da salvação após a morte ou do sofrimento, tribulação e perseguições que poderá enfrentar o cristão pelo Nome de Cristo.

A soberania de Deus é subjugada ao interesse do cristão, uma vez que os verbos *pedir*, *rogar e suplicar* são substituídos por *decretar, determinar, reivindicar e exigir*. A conduta ascética, de negação do “mundo”, é deixada de lado, para que o crente usufrua de prazeres, bens materiais, ascensão profissional e satisfação pessoal. Segundo os pregadores da TP, Jesus veio ao mundo pregar o Evangelho para os pobres para que deixassem de ser pobres²⁰. E, se antes não havia um reconhecimento disto, era porque o Diabo obscurecia a visão dos crentes. Mas, no momento em que os ardis satânicos tornaram-se conhecidos, é possível estabelecer uma sociedade com Deus, em que cabe ao crente pagar seu dízimo, ter fé e profetizar a Palavra em voz alta. Isto possibilita ao fiel dar de dedo no rosto de Deus exigindo que cumpra as promessas contidas na Bíblia. Novamente, a soberania divina é subtraída, Deus fica à mercê da vontade dos fiéis.

Macedo ensina como exigir de Deus o que se deseja:

Comece hoje, agora mesmo, a cobrar d'Ele tudo aquilo que Ele tem prometido (...) O ditado popular de que 'promessa é dívida' se aplica também para Deus. Tudo aquilo que Ele promete na sua palavra é uma dívida que tem para com você (...) Dar dízimos é candidatar-se a receber bênçãos sem medida, de acordo com o que diz a Bíblia (...) Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a Sua Palavra, repreendendo os espíritos devoradores (...) Quem é que tem o direito de provar a Deus, de cobrar d'Ele aquilo que prometeu? O dizimista! (...) Conhecemos muitos homens famosos que provaram a Deus no respeito ao dízimo e se transformaram em grandes milionários, como o sr. Colgate, o sr. Ford e o sr. Caterpillar.²¹

Mas como é possível que tantos dêem o dízimo e não tenham alterações significativas em sua vida? Segundo Macedo, porque neste mundo administrado por homens é preciso também ter talento, inteligência e astúcia para ser próspero. O dízimo é uma taxa fixa, mas pastores da IURD em Belo Horizonte inovaram pedindo 30%: 10% para o Pai, 10% para o Filho e 10% para o Espírito Santo²², pois é no momento das ofertas que se abrem as possibilidades de uma boa arrecadação. O fiel é estimulado a desafiar a Deus e dar quantias que façam falta no seu orçamento, pois isto demonstra sua fé e ao mesmo tempo o tamanho da bênção que receberá. É preciso que o fiel dê o primeiro passo, pois senão Deus nada poderá fazer por ele. Qualquer dúvida ou hesitação não só procede do Diabo, como coloca o fiel em posição de ouvir sermões sobre seu envolvimento com demônios. Uma das técnicas utilizadas pela IURD é a repetição das mensagens nas pregações: normalmente, os temas versam sobre prosperidade financeira e ação diabólica.

A estrutura do discurso da TP necessita recorrer ao Diabo para explicar o insucesso de muitos e, ao mesmo tempo, oprimir aquele que não deseja limpar toda sua carteira em favor da igreja. Mas a ênfase no demônio não pára aí. Chama a atenção o quanto é recorrente a atuação do Mal e o número sem par de pessoas por ele possuídas, em se tratando de alguns discursos neopentecostais, em especial da IURD. Em alguns destes grupos, a figura do Diabo se assemelha à idéia que dele se tinha nas Idades Média e Moderna, ou seja, cheio de perversas paixões, extremamente poderoso e com capacidade de possuir facilmente qualquer um desavisado.

Na IURD, a satanização do cotidiano leva fiéis a crerem que já o viram voando: diabinhos com suas flechas; ou então, ele apresenta-se na forma de doenças (suas orelhas

²⁰ Mariano, Ricardo, *Os Neopentecostais e a Teologia da Prosperidade*. In.: Novos Estudos CEBRAP (São Paulo, 1996).

²¹ Macedo, Edir, *Vida com Abundância*, Rio de Janeiro, 1990.

pontudas são vistas em radiografias que diagnosticaram doenças) ou em vícios e problemas. Os erros cometidos pelo fiel antes de sua conversão, como roubo, prostituição, brigas, envolvimento com drogas, magia e rituais considerados malignos são contados com muita naturalidade e até com certo exagero, pois o responsável por tudo é o Diabo, logo, vergonha ou arrependimento não são sentimentos trazidos a público. Aliás, a Terceira Onda ou Neopentecostal torna-se distintiva das demais pela característica de libertação do Diabo, não considerando o cerne do Cristianismo, qual seja, o arrependimento pessoal dos pecados cometidos²³. Na esteira da demonização também produtos de consumo, pessoas e outros grupos religiosos não-cristãos como espiritismo, afro-brasileiros e Nova Era são acusados de terem parte com o Diabo. No universo pentecostal só existem Deus Pai, Deus Filho, Espírito Santo e o Diabo.

Deus e o Diabo são bastante ativos, ficando o fiel no meio deste embate de forças; a proximidade com o sobrenatural é intensa e diária. Por isso, receber o Espírito Santo para o fiel e ser possuído pelo demônio para o pecador, são acontecimentos naturais.

De um modo geral, o tema demônio, exorcismo e possessão já se faziam presentes no Cristianismo desde sua origem. O pentecostalismo não inova quando trata destes temas ou da origem do Mal como sendo demoníaca, pelo contrário, estabelece uma ligação muito estreita com todo o universo religioso dominante no Brasil. Possivelmente, quando alguém procura por uma igreja pentecostal já crê que é possível a atuação do Diabo em sua vida²⁴. O ato de converter-se significa, na maior parte das vezes, redefinir a atuação do Diabo e até mesmo descobrir áreas de atuação antes desconhecidas. Macedo, dentre os livros pesquisados, trata de

²² Mariano, Ricardo, *Os Neopentecostais e a Teologia da Prosperidade*. In.: *Novos Estudos CEBRAP* (São Paulo, 1996).

²³ Freston, Paul (1994).

²⁴ Mariz, Cecília, *O Demônio e os Pentecostais no Brasil*. IN.: *O Mal à Brasileira* (Rio de Janeiro, 1997), p. 47.

forma muito detalhada o universo diabólico em *Orixás, Caboclos & Guias: Deuses ou Demônios?*.

Esta luta constante contra o Diabo tem sido identificada como Teologia da Guerra Espiritual (TGE). Adeptos argentinos e norte-americanos que tratam deste assunto também utilizam argumentos semelhantes aos de Macedo no tocante às religiões não-cristãs, afirmando, inclusive, a existência de “demônios territoriais” para cada povo não-cristão. As crises sociais, políticas e econômicas também seriam aberturas para a atuação do Diabo. Colocada a questão dentro de um ponto de vista maniqueísta, há uma negação de qualquer responsabilidade do sujeito por seus atos e não reconhecimento pela liberdade de tomar decisões, ou seja, de exercer seu livre-arbítrio.

Esta visão apóia-se em diversas passagens do Antigo e Novo Testamento:

Jó 1.6: “No dia em que os filhos de Deus vieram se apresentar a lavé, entre eles veio também Satanás.”

Levítico 17.7: “Não mais oferecerão seus sacrifícios aos demônios, com os quais se prostituem.”

Tiago 4.7: “Sujeitai-vos portanto a Deus, mas resisti ao Diabo, e ele fugirá de vós.”

Efésios 4.27: “Nem deis lugar ao Diabo.”

Efésios 6.11: “Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do Diabo.”

Marcos 16.15-18: “E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura (...) Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: em meu nome, expelirão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes (...).”

Esta não é, portanto, uma visão de mundo recente. Teologias como esta, aliada ao comportamento social e religioso de ver o Diabo em tudo e no outro que pensa e é diferente, nortearam muitos processos inquisitórios, perseguições e mortes nas Idades Média e Moderna²⁵. Conforme Laura de Mello e Souza: “*os jesuítas haviam desempenhado função demonizadora durante o século XVI, vendo sabbat nas cerimônias indígenas.*”²⁶

²⁵ Para aprofundar leituras, ver Ginzburg, 1991, Burke, 1990 e Thomas, 1991.

²⁶ Mello e Souza, Laura de, *O Diabo na Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e Religiosidade popular no Brasil Colonial*, São Paulo, 1996.

No início da Idade Moderna, protestantes e católicos centralizavam seu discurso no demônio e, inclusive, cada um afirmava que o outro tinha parte com o Diabo. Portanto, satanizar a realidade não é um discurso inovador, mas a IURD afirma que é Sua Missão neste mundo exorcizar o demônio. Ela inova quando torna o Diabo banal: ele está presente todo o tempo nas pregações, nos motivos para explicar as doenças, na insegurança, na situação financeira ruim, no casamento desfeito... . Profano e sagrado misturam-se numa rotinização acerca do Diabo. Na maioria das religiões, tanto as manifestações do mal ou do Diabo, como os milagres, não ocorrem todo o tempo. Mas, a IURD faz sua propaganda afirmando que o milagre na sua igreja é coisa natural. Ao mesmo tempo que o Diabo é conclamado a estar presente constantemente, ele também é enfrentado. Na Idade Moderna, os fiéis necessitavam de um exorcista, o qual através de seu conhecimento e autoridade sobre os demônios, trar-lhes-ia libertação. NA IURD, o fiel enfrenta o Diabo; recorre ao pastor em muitos momentos, mas é estimulado a derrotar Satanás em O Nome de Jesus.

Na verdade, em se tratando da expressão do mal no Diabo, o quadro histórico sobre o pentecostalismo norte-americano e o deslocamento do mundo social para o mundo espiritual, é importante para entendermos a questão brasileira. A partir da década de 70, nos Estados Unidos, houve um grande avanço do pentecostalismo, principalmente porque a evangelização tomou para si a utilização de um meio de difusão para a Palavra, que outrora era limitado ao lazer, comerciais e atrativos muito pouco confiáveis: a TV. Isto leva a uma renovação de fôlego no pentecostalismo, que tem seu alcance multiplicado milhares de vezes. Segundo Kepel, sobre a situação americana:

o fenômeno não se reduziu à sua expressão catódica: esta é apenas a parte mais visível de um movimento de fundo que levou algumas camadas da sociedade americana a formular nas categorias do discurso evangélico ou do fundamentalismo a sua rejeição dos valores seculares, que consideravam dominantes e nefastos, assim como sua aspiração em transformar em profundidade a ética social. (KEPEL, 1991, p. 129)

Também na IURD há um discurso que relega os fatores sociais como conseqüências históricas, em favor da disputa, por Satanás, do Reino de Deus, ou seja, os problemas sociais são bastante enfocados, porém, sem assumir ares de mudanças conquistadas pelos próprios homens, porque as “desgraças” ocorridas no dia a dia ou até mesmo os valores sociais dominantes são fruto de uma atuação maléfica e, a frente deste processo, estão os homens “escolhidos por Deus” para interpretar os sinais dos acontecimentos sociais. Ainda, citando Kepel:

Essa capacidade de inscrever os fatos acontecidos no mundo numa sucessão de causalidades obedientes a um plano de Deus do qual eles seriam os intérpretes por excelência, lhes permitiu interpretar as crises de todos os tipos vividos pela sociedade americana até os nossos dias, para fazer o diagnóstico delas e propor uma terapia pela redenção.

No discurso da IURD o autoritarismo está expresso nas mensagens aos fiéis, e esta capacidade de mergulhar em um mundo somente espiritualista reforça a figura do Diabo no inconsciente da coletividade que, como já foi dito, luta todo o tempo contra o que não vê, mas que está à sua volta: o Diabo; e purifica-se através do exorcismo: uma expulsão pública e notória do Mal que habitava no corpo do fiel. A retirada dos acontecimentos da esfera histórica provoca, conseqüentemente, uma resistência ao envolvimento político por parte dos fiéis.

A este propósito Howard Pew, evangélico eminente, em 1966, alertou seus irmãos na fé contra todo tipo de atividade política e citou o exemplo de Cristo que:

rejeitava a idéia de ele ou seus discípulos se empenharem nos problemas políticos, econômicos ou sociais da época, problemas que sem dúvida eram graves como os que temos hoje diante de nós(...). Ele disse, de modo claro como água que brota nas rochas, que dali em diante deveríamos todos sair em busca do ‘Reino de Deus e da sua retidão’ e indicou de maneira muito exata que ‘esse reino está dentro de nós mesmos. (KEPEL, 1991, p. 135)

Ao mesmo tempo em que a maioria das lideranças evangélicas, declaradamente as pentecostais, não enfatizam a participação política ativa para seus fiéis, têm uma ideologia a respeito dos males sociais que é transmitida e que procura dar conta e organizar os acontecimentos vividos pelas pessoas neste mundo. Como se posiciona Kepel, autor cuja idéia, segundo nossa compreensão, pode ser aplicada à IURD:

Na visão dos evangélicos, os males sociais são percebidos e tratados através da exposição do pecado e sua redenção. Dedicam-se a procurar a causa do mal no afastamento de Deus; se esse afastamento desaparece, o mal está sanado e tudo volta à ordem. A sede do pecado é o indivíduo e é a salvação deste que aciona a salvação do grupo. Essa atitude de espírito permite compreender muitos dos modos de ação privilegiados por esse movimento religioso, tais como: a necessidade da reconversão individual ou do batismo de adultos “regenerados” (os *born-again christians*), a importância dada às manifestações do Espírito Santo - que se exprime especialmente pela glossolalia(...), mas também às curas milagrosas (*faith healing*); enfim, o tema central da família e de sua organização moral.

Um outro ponto é a opção política escolhida pelos pentecostais nos Estados Unidos: os evangélicos mais radicais são conservadores de direita. É possível avaliar nossa realidade e o papel desempenhado pela IURD, deveras importante, pois a própria construção dos problemas em torno da figura do Diabo, como causador de todos os males sociais, cria um afastamento da ação política, pois a força das lutas sociais perde por completo o significado: tudo o que é gerador de conflito acontece no mundo espiritual, portanto, mobilização de massas é possível só se for para defender os “direitos” da igreja, quando esta sentir-se direta e pessoalmente atingida por alguma medida de governo ou outros fatores sociais quaisquer.

Sobre o exorcismo na televisão Kepel nos mostra um encaminhamento da questão, que muito se assemelha à experienciada na IURD:

Em 1954, Oral Roberts começa a comprar horários na televisão, e qualquer telespectador pode vê-lo diretamente pôr as mãos nos doentes e gritar: “Heal!” (sarem!). Raramente o efeito é imediato. Mas, o choque produzido em alguns “pacientes” que apresentam sintomas somáticos de distúrbios de origem psíquica leva a alguma melhora, como acontece às vezes nesse tipo de

fenômeno. Ao pôr a mão sobre eles, Roberts cerca o Diabo que se apossou da pessoa e obriga-o a sair, pela força da fé que tem em Deus, do qual se considera seu intermediário. O urro que o “possuído” produz quando a tensão está no máximo (prelúdio habitual de um desmaio) transforma-se no grito de Satã, obrigado a soltar a presa.

Essas práticas remontam a uma tradição de demonologia da época medieval, porém, a perseguição empreendida contra Satanás se dá, hoje, numa expulsão pública e violenta que expõe o possesso como a *vítima* canalizadora do Mal e não necessariamente um indivíduo que fez um pacto com o Diabo. Num mundo que agoniza mediante as constantes lutas entre o Bem e o Mal, todos somos *vítimas* em potencial, sem responsabilidade pelos nossos atos, uma vez que vivemos à mercê de um conflito espiritual. Segundo Macedo, o mero contato ou aproximação com espíritos, por exemplo, pode acarretar a possessão demoníaca. Novamente é enfatizada a figura do Diabo, cuidadosamente construída através da Pedagogia do Medo²⁷.

Medo, porque a satanização dos acontecimentos desenvolve estruturas emocionais no fiel que em tudo vê, não a mão de Deus, ou a responsabilidade de seus atos sobre o curso da história, mas do Diabo, que acaba por tornar-se um referencial de comportamentos sócio-culturais. Para a cura das doenças é necessário o exorcismo, que trará o milagre e a libertação. A respeito disto, através do trabalho de Kepel sobre o pentecostalismo norte-americano, outras semelhanças levam à IURD:

A cura milagrosa, comumente considerada o símbolo por excelência da vigarice de quem a pratica, assim como do atraso mental do paciente, inscreve-se numa contestação aparente da hierarquia social de conhecimentos e capacidades, sem levar em conta a lógica. Quando Oral Roberts sobrepunha as mãos, colocava o indivíduo em contato direto com Deus e pretendia restabelecer uma ordem perturbada pela investida do mal, que tinha origem demoníaca. Fazia do corpo sofredor não mais o objeto desencarnado do diagnóstico e da intervenção de um médico, e sim o vetor privilegiado da comunicação com o ambiente exterior, comunicação que a cura deve restabelecer inserindo a pessoa curada na nova comunidade dos eleitos.

²⁷ Nogueira, Carlos Roberto, *O Diabo no Imaginário Cristão*, São Paulo, 1986.

O próprio Macedo admite que, pelo menos na hora em que ocorre o exorcismo, a pessoa fica curada. Ser curado ou adquirir livramento pela expulsão de Satanás é um ritual necessário, pois, conforme Macedo, a mera recusa em aceitar a atuação de um demônio pessoal é um indício de possessão.

Nos EUA, este tipo de igreja desfrutava de excelente tecnologia e meios de comunicação avançados, com a intenção de aliciar um grande número de adeptos já convertidos, de classe média, para a oferta de fundos; enfatizava o culto à personalidade do líder religioso e tinha como espinha dorsal a TV. Hoje, depois de muitos escândalos envolvendo corrupção, houve considerável diminuição deste tipo de programa na TV americana. No Brasil, este fenômeno ainda é pouco estudado, mas alguns pontos já são perceptíveis entre as igrejas que transmitem programas religiosos pela televisão.

Normalmente, utilizam-se de tecnologia avançada para maior alcance de fiéis; procuram responder a necessidades imediatas como cura, emprego, saúde, dinheiro, problemas familiares, etc.; buscam fiéis em todas as classes sociais, porém, a maior parte de seus adeptos são oriundos dos estratos inferiores; são proselitistas, mas não necessariamente sectárias; são conservadoras; grande parte de seu apelo e público freqüentador ocorre à Igreja devido às correntes de oração, expulsão e libertação do demônio em que o fiel participa para receber a bênção. Nos EUA, o fiel pode participar sem sair de casa e, muitas vezes, os líderes possuem figura central e carismática. É importante frisar que na IURD a pessoa do Bispo Macedo está diluída numa estrutura muito maior que é a própria Igreja Universal do Reino de Deus.

Esta colocação sobre a TV procura enfatizar que, modernamente, é inviável analisar uma situação histórico-social sem avaliar o peso dos meios de comunicação. Inclusive a compra dos livros de Macedo são estimuladas pelos programas de TV. Atualmente, sem sombra de

dúvida, os meios de comunicação de massa também alimentam o imaginário coletivo sobre o Diabo.

Tendo em vista este contexto mais amplo, analisemos os conteúdos dos livros de Macedo, objeto privilegiado desta dissertação.

CAPÍTULO II – A COSMOVISÃO DE EDIR MACEDO

2.1. Os Livros de Macedo e sua Linguagem: uma Fonte Preciosa

Todas as sociedades, ao longo do tempo, vêm-se envolvidas com a questão do Mal: como explicá-lo, sua origem, atuação, as conseqüências de envolver-se com o lado sombrio do sagrado. O Diabo, no Cristianismo, é a personificação do Mal. A crença na existência do Diabo produz comportamentos culturais diversos, que nos dão pistas de como um grupo ou sociedade relaciona-se com a percepção Mal. Portanto, *“a realidade não é um fato dado, mas uma construção. (...) Se os homens definirem suas situações como reais, estas serão reais em suas conseqüências.”*²⁸

Importa então a tradição sobre o Diabo, o conceito que dele se faz, como é percebido pela mente humana e pelo imaginário coletivo.

Referimo-nos à sociedade ocidental, pois cremos que é preciso compreender como a idéia acerca do Mal e do Diabo transformaram-se no tempo até os nossos dias, tendo em mente o advento do Cristianismo. Este elemento de permanência: o mal, o Diabo, permite-nos investigar que Diabo é apresentado e delineado por Macedo em seus livros e que características são recuperadas do imaginário coletivo sobre o demônio. Embora o tema esteja inserido na segunda metade deste século, linhas do tempo trazem consigo idéias de um passado distante:

A imagem do demônio, entre o pentecostais pesquisados, parece assemelhar-se bastante àquela da época medieval e moderna. Os demônios são seres espirituais personificados com paixões negativas e com força superior a dos seres humanos. Sua força é apenas inferior a Deus. É um ser que age neste mundo e pode tornar-se visível e ser reconhecido.²⁹

Muitos são os caminhos através dos quais é possível investigar a figura do Diabo na IURD, desde a participação e observação nos cultos até pelos livros de Macedo. Como já foi dito, dentre estas fontes, escolhemos alguns livros de autoria de Macedo³⁰, uma vez que entendemos que este material, escrito pelo líder da IURD, organiza não só a doutrina da Igreja, mas também a vida do fiel.

Os programas de rádio e TV passam repetidamente transmissões envolvendo exorcismo, nos mais diversos horários, e colocam em movimento engrenagens que encontram ressonância no fiel: sentimentos e sensações sobre o Diabo. Ver, ouvir, participar das expulsões dos demônios (pela oração e como possesso), ler sobre os testemunhos de libertação, este dia a dia tão envolto de sagrado e violência³¹, mantêm alimentada a consciência coletiva sobre o mal tal como é visto por alguns grupos dentro do Cristianismo pentecostal. Um Diabo atroz, muito atuante e constantemente combatido. Enquanto o culto e o ritual de exorcismo são ações, os livros, enquanto linguagem, trazem as explicações sobre o Diabo³². Linguagem escrita e prática são complementares. Os livros

²⁸ Woods, Richard, *The Devil* (Chicago, 1974). Citado em Russell, *O Diabo*, 1991.

²⁹ Mariz, Cecília Loreto, *O Demônio e os Pentecostais no Brasil*. In.: BIRMAN, Patrícia *et alli* (org.). *O Mal na Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1997.

³⁰ Segundo Oliva, um dos principais colaboradores de Macedo foi o pastor José Cabral de Vasconcelos, um dos autores que figuram na "Coleção Reino de Deus". Em reportagem de 06/04/1991, assinada por Kássia Caldeira, temos a informação de que Cabral é formado em Teologia, Filosofia, com mestrado em Ciências da Religião e Educação. Caldeira afirma que Cabral teria escrito 6 livros de Macedo: "As idéias não eram minhas, só o estilo e a técnica usada na elaboração do livro. Ele não consegue colocar as idéias no papel", revela Cabral.

³¹ No dizer de Girard em *A Violência e o Sagrado*: "(...) o sagrado é esta substância misteriosa que vagueia ao redor deles, investindo-os de fora sem se identificar verdadeiramente com eles próprios, atormentando-os e brutalizando-os."

³² Segundo Fiorin, José, em *Linguagem e Ideologia*, São Paulo, 1998: "A linguagem é como um molde, que ordena o caos, que é a realidade em si. Como a linguagem dá forma a esse caos, determinando o que é uma coisa, um acontecimento, etc., cria uma imagem ordenada do mundo." Ver também Schaff, *Linguagem e*

montam um arcabouço de valores para o fiel, que deverão nortear sua vida e fazê-lo compreender o funcionamento do seu mundo e do mundo que o cerca.

Um outro ponto muito importante, já citado, é que analisando os livros de Macedo, foi observado que, em sua abordagem, ele se utiliza de técnicas típicas da indústria cultural; por isso, o tratamento dado às fontes leva em consideração aspectos próprios do discurso escrito e a forma como a temática Diabo é abordada. Mas, o que vem a ser indústria cultural e em que serve aos nossos propósitos?

Com certeza, a invenção dos tipos móveis por Gutenberg, no século XV, marca um início de maiores possibilidades no que diz respeito à história do livro e o próprio acesso à leitura. Porém, para referir-se à indústria cultural é preciso remontar aos séculos XVIII e XIX e, necessariamente, ligá-la às Revoluções Industriais, aos muitos eventos tecnológicos que estavam ocorrendo na Europa e ao fato de que no final do século XIX a sociedade começou a ter maiores condições de adquirir bens culturais como livros, jornais, livros de bolso, folhetins, etc. Surgem os cartazes, o teatro de revista. Neste momento, está formando-se um mercado consumidor que é reflexo das mudanças trazidas pela industrialização. O próprio processo de trabalho capitalista dá mostras de uma sociedade que torna possível, através da máquina, a reificação: a medida de valor é o bem, o produto, o homem como coisa. Este mesmo homem de pouco tempo disporá para instrumentalizar-se o suficiente para criticar a si mesmo e a sociedade – torna-se um homem alienado. Máquina, divisão de trabalho capitalista e alienação: um quadro de fatores importantes para formar uma sociedade onde o consumidor é o objeto:

Conhecimento, Coimbra, 1974. Segundo este autor, a linguagem “criadora de uma imagem do mundo é também criação deste mundo.” Isto nos coloca frente a um problema da lingüística que não é nosso propósito

A indústria cultural abusa da consideração com relação às massas para reiterar, firmar e reforçar a mentalidade destas, que ela toma como dada a priori e imutável. (...) Fazer referência à ordem, simplesmente, sem a sua determinação concreta, apelar para a difusão das normas sem que estas sejam obrigadas a se justificar concretamente ou diante da consciência, não tem valor. (Adorno in Cohn, p. 93, 97)

Como consequência desses aspectos outros vêm somar-se: a indústria cultural deturpa e degrada o gosto popular; simplifica produtos e mensagens com a finalidade de obter passividade do consumidor; dirige o consumidor, com atitude paternalista, ao invés de colocar-se à sua disposição. Produz mensagens repetitivas; utiliza tratamento que infantiliza; é autoritária e produz intimidação social – pela exclusão, por exemplo: quem não pensa ou comporta-se da maneira como está sendo proposta, obviamente está errado.

É neste ponto que entendemos que as técnicas ou funções da indústria cultural, direta ou indiretamente, corroboram para a manutenção de uma ordem compreendida como a “verdadeira” por Macedo. Não porque vemos seus livros como um produto desta indústria, mas porque sua abordagem, na maior parte das vezes, procura distanciar seu leitor da realidade histórica e cultural produzida em sociedade (esta discussão será aprofundada no item 2.3). Pretendemos chamar a atenção para uma ideologia religiosa, e aqui estamos utilizando o conceito de ideologia como um conjunto de idéias e suas representações, que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens e que, tem na linguagem e seu manuseio um instrumento para sua construção de mundo e para exercer influência na ordem social dada:

A linguagem tem influência também sobre os comportamentos do homem. O discurso transmitido contém em si, como parte da visão de mundo que veicula, um sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positiva ou negativamente. Ele veicula os tabus comportamentais. A sociedade transmite aos indivíduos – com a linguagem e graças a ela – certos estereótipos, que determinam certos comportamentos.

discutir neste trabalho.

Esses estereótipos entranham-se de tal modo na consciência que acabam por ser considerados naturais.³³

Mas, o estudo da ideologia e seu discurso pode ir bem mais adiante e:

(...) mostrar como a produção ideológica pode permitir o mascaramento, a deslocação, ou o desvio dos conflitos ou das potencialidades do conflito, de que modo pode ainda exagerar o conflito, ou amenizá-lo, articulando um conflito imaginário sobre as potencialidades efetivas. A ideologia surgirá como um instrumento permanente dos poderes e como o ponto simbólico onde os poderes são incessantemente legitimados ou contestados, reforçados ou enfraquecidos. (ANSART, 1978).

A princípio, a palavra escrita pode parecer mais neutra, pois leva o leitor a imaginar muitas situações a partir daquilo que lê. Porém, seria ingênuo e até incorreto supor que ela seja menos tendenciosa se estiver desempenhando um papel inculcador de idéias previamente elaboradas pelo imaginário coletivo, como é o caso do imaginário sobre o Diabo dentro do universo cristão e, mais especificamente, para aqueles que procuram igrejas como a de Macedo, que dão preferência clara à missão de exorcizar.

É que o papel, ou a influência, de uma mensagem numa situação histórica não pode ser repensado isoladamente, abstração feita dos agentes que o expressam, dos meios simbólicos e técnicos que o utilizam, da frequência das emissões, da organização da propaganda, do contexto cultural, social e econômico, das atitudes e da receptividade dos ouvintes. (IDEM, p. 15).

Atitudes e receptividade dos ouvintes são pontos importantes: Adorno expressa esta idéia quando diz que a indústria cultural busca seus clientes, neste caso leitores, com a intenção de obter desses um consentimento total sobre os produtos ofertados e não uma

³³ Fiorin, José, *Linguagem e Ideologia*, São Paulo, 1998.

postura crítica³⁴. Mas, uma mensagem na forma de imagem, falada ou escrita, tem todas as condições de assumir um caráter de distorção e manipulação do indivíduo ou grupos, mas para isso é preciso considerar fatores em torno da produção desta mensagem, como coloca Ansart.

No tocante às fontes analisadas, há dois pontos a serem considerados sobre os livros de Macedo: há uma lógica comercial e de marketing que acompanha a colocação dos mesmos no mercado – a disputa de um mercado religioso altamente competitivo na busca de fiéis e monopólio da “verdade” cristã; por isso, cabe ser repetitivo, enunciador de um discurso que simplifica a mensagem para atender a uma variada gama de leitores e freqüentadores da IURD e, colaborar para a ordem vigente, que é a capitalista, embora isto de maneira alguma seja declarado nos livros, pois estes pretendem atender às necessidades religiosas de um povo sedento da Palavra de Deus e de soluções.

Num segundo momento, é distinguível também uma disputa no nível tecnológico e de recursos disponíveis para o chamamento do fiel: a IURD possui sua própria gráfica, como já citamos, bem como sua livraria para distribuição de seus bens religiosos, além de um canal de TV, sendo que, atualmente, já aluga horários em outras emissoras para divulgação e expansão de sua missão no mundo.

2.2. Capas e Títulos: um Convite Atraente

³⁴ Porém, vale lembrar que este trabalho não vitimiza o fiel iurdiano como massa de manobra nas mãos de Macedo e para este posicionamento teórico citamos Fiorin: “Porque o homem age e transforma a realidade, não a apreende passivamente. A forma de apreensão depende do sujeito cognoscente (...). É por isso que uma mesma realidade pode ser apreendida diversamente por homens distintos.”

Os títulos dos livros são convidativos à leitura e percorrem um universo que, ao mesmo tempo em que convida o fiel a libertar-se das ideologias humanas e Teologias produzidas pelos estudiosos da Bíblia, devido a sua futilidade e inutilidade, como no livro *Libertação da Teologia*, conduzem por um caminho doutrinário e que procura admoestar o fiel para que haja prosperidade financeira, espiritual e sucesso na vida de um membro da IURD. Os títulos *O Diabo e Seus Anjos; O Poder Sobrenatural da Fé; Orixás, Caboclos & Guias; O Perfeito Sacrifício; O Avivamento do Espírito de Deus; Pecado e Arrependimento; As Obras da Carne e os Frutos do Espírito; O Discípulo do Espírito Santo; O Perdão; O Senhor e o Servo*, são temas que procuram exemplificar uma maneira moralmente correta de viver, tendo como bandeira principal, ainda que muitas vezes sutil, a figura do Diabo, o opositor de Deus.

Dentre estas possibilidades é oferecida uma leitura que trate do cotidiano e dê soluções rápidas e quase que imediatas para os problemas vividos na sociedade. Outras obras procuram enfatizar o conhecimento bíblico, como *Apocalipse Hoje; Aliança com Deus; O Caráter de Deus; Estudo do Apocalipse – Volume I* ou são agregados de idéias do Bispo Macedo como *Mensagens e 501 Pensamentos do Bispo Edir Macedo*.

Os tópicos abordados em cada livro (ver ANEXO), dão uma idéia da maneira como são tratados certos temas. Por exemplo, em *Libertação da Teologia*, o autor escreve sobre os “ismos” do pensamento humano e do conflito gerado pela religião e seu estudo, que leva à idolatria do conhecimento. Um dos tópicos chama-se “Nada de Sabedoria Humana”, pois esta traz divisões para a Igreja e colabora para as heresias. De um modo geral, em termos de orientação, os escritos do Bispo Macedo tendem a estimular o fiel para a vivência sobrenatural da fé, a libertação das garras do demônio, o despertar da fé associado ao dízimo ou como é colocado pela igreja, o sacrifício. Os sumários mostram uma gama de

possibilidades exploradas por Macedo, que apontam para uma visão de mundo abrangente onde ele se vale do imaginário religioso para expressar suas idéias.

Foram arrolados dezessete (17) livros para a pesquisa. Todos constam no ANEXO e têm suas capas expostas, neste capítulo, como uma forma de demonstrar aspectos estéticos dos mesmos. Quando no tratamento do conteúdo, serão citados os livros mais expressivos para a temática proposta neste trabalho. Os livros arrolados são publicações que vão desde 1986 até 1997. Dos dezessete (17) livros, dez (10) possuem menos de 124 páginas, sendo de leitura fácil, rápida e acessível. O preço dos livros pesquisados variou entre R\$ 5,50 (US\$ 3,03) e R\$ 17,00 (US\$ 9,39).

Em relação ao tamanho dos livros, quinze (15) têm comprimento de 18,2 cm por 11,5 cm de largura; um (1) tem 20,1 cm por 13 cm e outro 21 cm por 13,5 cm. Esta informação é registrada, por entendermos que o formato/tamanho dos livros é importante, pois estimula a leitura em locais de trânsito como ônibus, viagens, podendo ser transportado como livro de bolso.

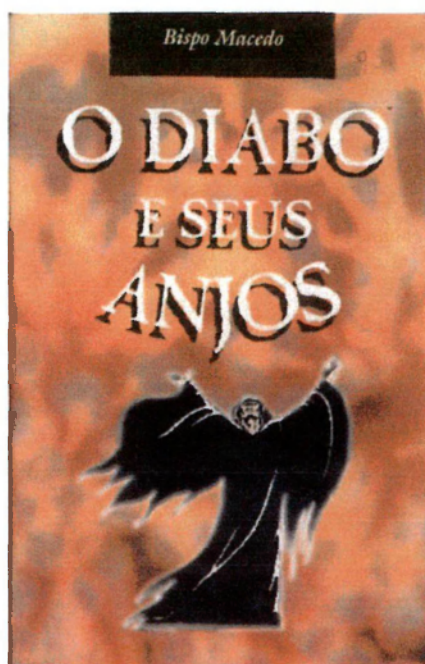
Libertação da Teologia – a corrente que se parte anuncia claramente a idéia de livramento



Apocalipse Hoje – o desenho permite vislumbrar uma parte do universo: idéia de abrangência.



O Diabo e Seus Anjos – representação do Diabo e seus demônios: uma figura vestida de negro, que simboliza as trevas, em atitude de adoração ou reverência (pode expressar a relação Diabo – demônios ou Diabo – homem). O fundo de cor alaranjada dá a idéia de chamas infernais.



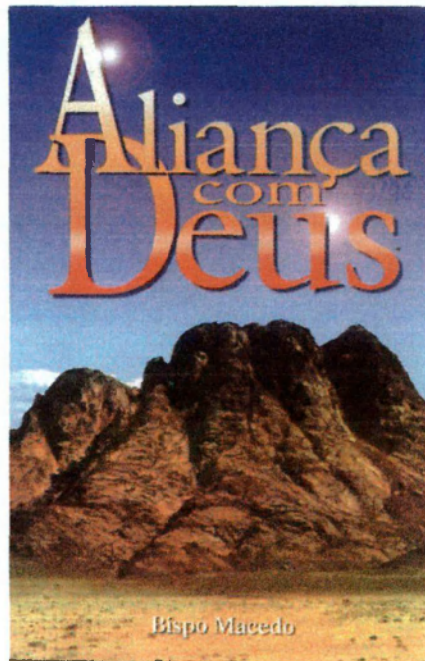
Mensagens – fundo azul (cor que não possui conotação com as cores infernais) e os detalhes e letras em dourado: cor que remete a ouro, valor, preciosidade. No todo, a capa assemelha-se a um reflexo na água.



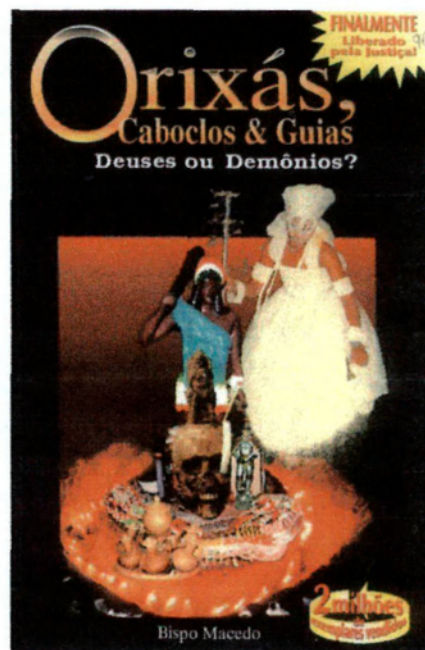
O Poder Sobrenatural da Fé – fundo de cor lilás contrastando com foto de céu revoltado e, logo abaixo, a Cruz de Cristo: que acalma as águas, vence as trevas... A idéia do poder de Deus está na antítese provocada pelas duas imagens superpostas, mas a Cruz vem em primeiro plano.



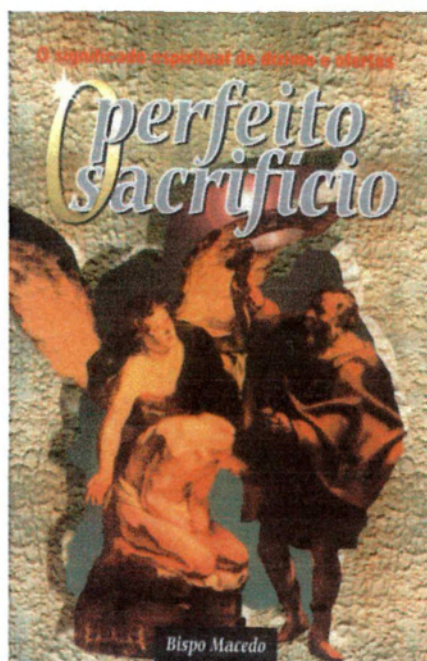
Aliança com Deus – foto mostrando o Monte Sinai, que representa alianças e concertos de Deus com os homens.



Orixás, Caboclos & Guias: Deuses ou Demônios ? – foto muito colorida e expressiva de um despacho, mostrando uma mãe-de-santo, imagens de entidades, um crânio humano (que representa o sacrifício de vidas humanas ao Diabo); velas, alimentos e objetos que são ofertados aos guias na busca das graças. Chama a atenção o contraste entre o fundo preto da capa e o vermelho que envolve a cena do despacho: cores associadas ao Diabo e demônios. No canto superior direito, em vermelho e amarelo, a declaração de que o livro foi “Finalmente liberado pela justiça!”, remete à idéia de igreja “perseguida” e a luta das trevas para que a verdade não seja revelada.



O Perfeito Sacrificio: o Significado Espiritual do Dízimo e Ofertas – desenho mostrando ao centro a imolação de Isaque por seu pai, Abraão, e o momento em que o anjo interrompe o sacrificio ordenado por Deus. Abraão foi fiel até o fim: transparece a idéia de obediência, ao mesmo tempo em que se compara a disposição de Abraão ao sacrificio (a Imolação de seu filho), ao de doar bens materiais à Igreja.



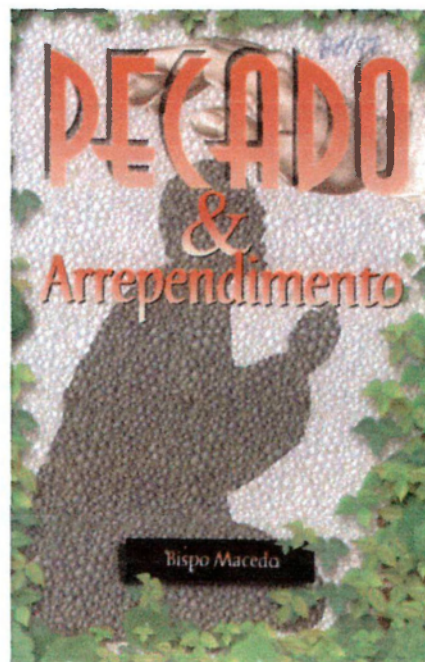
O Caráter de Deus – desenho da coroa de Jesus Cristo em duas cores. Vermelho: que, neste caso, representa o sangue do cordeiro vencedor e, em dourado, com pérolas e toques reluzentes: novamente a idéia de ouro, valor e preciosidade. O desenho dos pregos que foram colocados em sua mão (em cinza), quando foi sacrificado para Salvação da humanidade. A capa remete à idéia de sacrifício e recompensa. Numa alusão mais abstrata: a coroa, o rosto do rei expresso pela palavra Deus e os pregos cruzados, simbolizando o manto real.



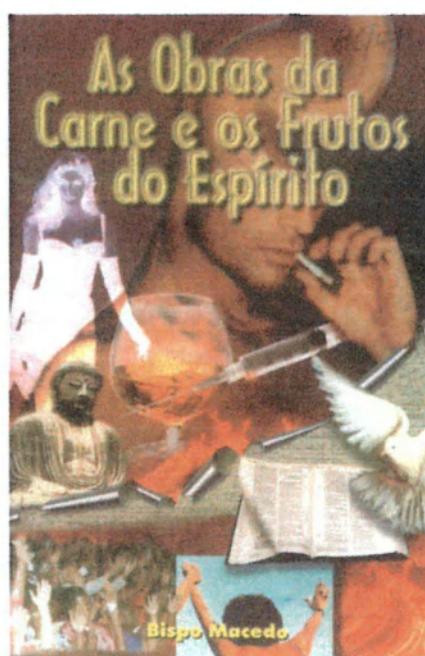
O Avivamento de Espírito de Deus – capa em tons de amarelo, rosa, lilás e azul (estas muitas cores e, fortes, mostram alegria). Ao centro, uma pomba branca, que representa o Espírito Santo de Deus: a posição do pássaro permite entender que está pousando, vindo, chegando..., seu reflexo e seu poder já são vistos.



Pecado & Arrependimento – título em letras vermelhas (a cor vermelha simboliza o sangue de Cristo, que redime de todo o pecado). A gravura mostra a sombra de um homem de perfil, ajoelhado e com mãos suplicantes. A figura ajoelhada está envolta em folhagens verdes, que acalmam e dão um toque de vida (uma vez que o pecado produz a morte). A mão sobre sua cabeça, proporcionalmente muito maior que a figura humana, remete à idéia de um Deus muito maior que tudo.



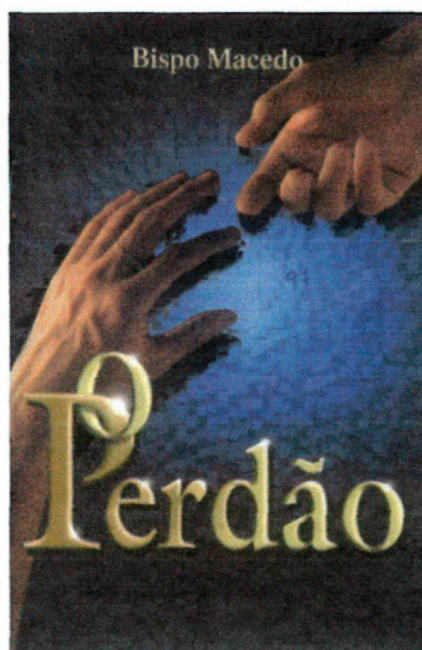
As Obras da Carne e os Frutos do Espírito – embora a capa seja bastante colorida, o jogo de cores e figuras demonstra perturbação. A capa divide-se em duas partes: a superior mostra as obras da carne e a inferior, as obras do Espírito de Deus. Na parte superior, junto ao título, temos a foto de um homem fumando (sendo que a extremidade de sua cabeça vai-se transformando em uma cobra: símbolo do pecado e transgressão); o negativo de uma foto de mulher em roupas sensuais; a taça com bebida alcoólica, uma seringa, a estátua de um buda (que representa o desvio dos caminhos de Deus e a idolatria). Na parte inferior, novamente a pomba (símbolo do Espírito Santo), a Bíblia aberta (pois aquele que confessa a Cristo vai lê-la) e a foto de fiéis louvando na igreja. O que separa as duas partes é um papel rasgando-se. Idéia de rompimento entre o velho homem e o novo, em Cristo. Ao final, o nome do autor do livro – Bispo Macedo – ao lado, obviamente, das imagens salvíficas.



O Discípulo do Espírito Santo – a pomba, que representa o Espírito Santo de Deus, desce numa luz crescente. A idéia central está na luz, que atinge o homem, diretamente sobre sua cabeça.



O Perdão – novamente a cor azul: que lembra a imensidão do mar, o céu infinito – remete à idéia da grandeza e profundidade do perdão de Deus. As letras em dourado: idéia de valor (o perdão é uma recomendação bíblica importantíssima). E, em especial, as mãos que aos poucos vão-se aproximando. Idéia de reconciliação: com Deus através de Cristo, com o outro. A capa é semelhante à obra “A criação de Adão”, de Michelangelo, realizada entre 1508 e 1512.



O Senhor e o Servo – o cetro do Senhor em amarelo-ouro: a cor do Rei. Ao servo está destinada a enxada: idéia de trabalho para o Rei, servidão, reverência a aquele que reina. O título do livro e os desenhos demonstram a hierarquia entre Deus e o homem. O homem deve servir a Deus.



Estudo do Apocalipse (volume I) – capa em tons de marrom, mostrando uma cidade em parte soterrada; raios vindos do céu demonstram tensão e desordem. É um dos quatro cavaleiros do Apocalipse montado em seu cavalo negro e empunhando uma foice: a morte. Remete à idéia de fim, caos, destruição.



501 Pensamentos do Bispo Edir Macedo – capa em tom avermelhado, com uma folha de parreira (a parreira lembra o vinho – utilizado por Cristo na Santa Ceia – e que representa o sangue derramado do Cordeiro).



Através da exposição destas capas, tivemos a intenção de mostrar a forte presença do sagrado nos títulos, nos detalhes (gravuras e fotos) e os possíveis sentimentos que afloram nos leitores de Macedo, pois muitas destas imagens e idéias estão cristalizadas e difundidas no imaginário cristão.

2.3. O Corpo Doutrinal de Macedo

Há um pano de fundo que permeia suas obras: o elemento representado pelo Diabo e a luta constante entre o bem e o mal. Como foi dito, o mundo religioso da IURD está calcado na luta contra a ação demoníaca³⁵, na desordem provocada pelo bastante atuante Diabo e os elementos formadores desta figura estão vivos no imaginário da sociedade. O mito é narrado em todo o tempo: a queda do homem o colocou vulnerável às ações do Diabo, aquele que provoca a desordem por excelência; logo, é preciso restaurar o mundo do caos desencadeado³⁶. Portanto, *“o mito (...) é a experiência cotidiana, o imaginário vivido, o modo de relação dos homens consigo mesmos, com o mundo e com o outro.”*³⁷

A missão restauradora cabe ao cristão. Por imaginário entenda-se a consciência abstrata que envolve as sociedades, a formação de imagens e idéias que não precisam dar conta de um discurso racional: influi de maneira não-consciente em nossos atos e formação de valores ou, segundo Durkheim, a consciência coletiva, que determina comportamentos sociais e atua sobre os indivíduos. Ela vai-se formando geração após geração e formulando explicações para as ocorrências sociais. Através das representações coletivas os homens externam um modo de crer, entender e perceber o mundo. Segundo Ansart, *“o mito surge como um sistema de representação estruturado de acordo com as distribuições e as práticas sociais.”*

A narrativa acerca do Diabo tem atendido a necessidades sociais: ela aponta para o mal externo ao homem e ao qual ele está sujeito; explica as desigualdades; porque alguns têm uma trajetória de vida diferente e feliz (a IURD associa sucesso financeiro à bênção divina e esmagamento do Diabo), enquanto outros são excluídos. As expressões do imaginário trazem

³⁵ Segundo Russell: “A teodicéia cristã formulou a questão do mal e do Diabo com mais agudeza do que antes. A figura de Satã, no Novo Testamento, só é compreensível quando vista como contrapartida, ou contraprincípio, de Cristo.”

³⁶ Para melhor compreensão das linhas de discussão que cercam a questão da queda do homem e do próprio Diabo, consultar Russell, *O Diabo*, Capítulo 6.

à tona nossos medos, anseios, ódios, a angústia de lidar com o que não compreendemos, mas que está dado: o mal na sociedade ³⁸. Existe nos mais diversos grupos a preocupação com o mal: sua prática, os sentimentos que evoca, as desigualdades que gera, como viver e como morrer. Cada grupo buscará uma maneira de esclarecimento sobre isto. Na IURD temos a prioridade para o demônio, aquele que interfere na ordem. Mas, em torno desta discussão, é possível e importante agrupar alguns temas de relevância para nossa pesquisa e que dão conta de alguns comportamentos incentivados na IURD e, que permitem compreender melhor sua doutrina.

2.3.1. A IURD Contra os Católicos

Para compreender Macedo e suas colocações, que buscam constantemente inovar e obter um espaço cada vez maior no mercado de bens religiosos, vamos inseri-lo dentro da lógica dos movimentos religiosos³⁹. Aquele que inicia um movimento religioso (MR), normalmente possui a sensibilidade de captar níveis de tensão ou crise numa determinada “situação sócio-religiosa estabelecida.” (GALINDO, 1995, p. 66). Costuma ser alguém (homem ou mulher) que não está sendo beneficiado pela ordem vigente, mas também não é um marginalizado socialmente. Transita em ambas esferas e as compreende. Lembremos que Macedo é um sobrevivente de uma numerosa família de nordestinos migrantes, que ingressou na faculdade e é considerado pelos seus colaboradores como muito talentoso para os negócios financeiros e religiosos.

³⁷ Ansart, Pierre, *Ideologias, Conflitos e Poder*, Zahar, 1978.

³⁸ Russell: “A história do Diabo é sombria, e qualquer visão do mundo que não leve em conta, ou negue, o horror existencial do mal, é ilusória.” p. 266.

³⁹ Ver Galindo, Florêncio, *O Fenômeno das Seitas Fundamentalistas*, Petrópolis: Vozes, 1995.

Inovar, neste caso, não é tentar abalar totalmente os alicerces daquilo que se torna alvo de crítica: por exemplo, outras religiões, uma ordem social, a desigualdade entre ricos e pobres; mas apropriar-se de elementos culturais e religiosos já existentes e familiares e vesti-los com uma roupagem discursiva completamente nova, ou que pareça nova⁴⁰. Macedo utiliza-se do imaginário religioso sincrético brasileiro, da trajetória da Igreja Católica como uma instituição que “falhou” na satisfação das necessidades de seus fiéis, da imagem do Diabo como elemento fundamental na luta entre o Bem e o Mal dentro do Cristianismo. Mas, que esforço ele faz para que tudo seja uma novidade!...

Também as mensagens nos MR podem assumir características específicas. Vamos nos valer da classificação citada por Galindo, que seriam quatro: mensagens ou abordagens apocalípticas, conversionistas ou revolucionárias, terapêuticas ou gnósticas. Para nosso trabalho, classificaremos as mensagens de Macedo como *conversionistas*, ou seja, que pregam a conversão pessoal, a entrega da vida a Jesus Cristo, como forma de alterar a ordem das coisas e, claro, melhorá-las. Segundo Galindo, este tipo de mensagem abunda no Cristianismo, “sobretudo no protestantismo com os *revivals* (ondas de renovação) e no pentecostalismo.” (1995, p. 69-70) Os movimentos religiosos não são novos ou passageiros e quando conseguem estabilizar-se, tendem a formar Igrejas⁴¹.

Portanto, é importante ressaltar que, em defesa de sua igreja⁴², a IURD critica a Igreja Católica, inclusive, valendo-se da idéia de ser “perseguida” pelos meios de comunicação,

⁴⁰ No dizer de Galindo: “(...) toda inovação profética toma elementos da ordem e da cultura existentes, dos sentimentos comuns, das formas ou símbolos religiosos costumeiros, porém com tal carga de novidade que pode produzir uma experiência totalmente nova.”

⁴¹ Segundo Galindo, entre a idéia de MR e igreja tendem a existir níveis de tensão, dada a sua oposição. Como consequência, as ações do grupo em questão caracterizam-se por atitudes proselitistas e de autoproteção. A IURD, por exemplo, protege-se fortemente das críticas sofridas.

⁴² É necessário, neste momento, fazer uma distinção entre igreja e seita e, ao mesmo tempo, mostrar o quanto é delicada esta nomenclatura para os MR existentes na América Latina como um todo. Tomando como base Galindo, que remete a Weber, “Igreja busca a universalidade, não tanto geográfica quanto no sentido de ser a sociedade religiosa dominante, que conserva o monopólio da produção e distribuição dos bens simbólicos da salvação. Em troca, renuncia à exigência de que seus membros observem estritamente suas normas e tende a

pelos cientistas sociais, por outras denominações cristãs e, finalmente, por estar cumprindo os propósitos de Deus, situação que causaria desagrado ao “inimigo” ou Diabo. Ao mesmo tempo, precisa fazer a todo o tempo, um auto-elogio, que fica subentendido na fala de Macedo, como forma de causar contraste entre a IURD e os “outros”. Considerando-se o binômio igreja-seita, concluímos que a IURD não se enquadra, puramente, em um destes conceitos somente. “*A Igreja Universal tem sido perseguida, da mesma forma que foi a Igreja primitiva, quando os cristãos eram jogados na arena com os leões.*” (Mensagens, p. 151)

Há anos a IURD sofre críticas e é alvo da mídia. Em várias passagens de seus livros, Macedo coloca claramente sua posição e opinião sobre considerar a IURD oprimida e visada por estar a serviço de Deus; esta estratégia predispõe seus fiéis a se posicionarem a favor da igreja sem questionar o desenrolar dos acontecimentos a sua volta. Por exemplo, em 1997, foi discutido publicamente o quanto as igrejas evangélicas eram barulhentas e perturbavam a vizinhança onde se instalavam. NA IURD, este evento foi tratado como uma perseguição. A igreja já foi alvo de escândalos ligados a corrupção, estelionato, charlatanismo, curandeirismo, conforme já citamos e, no entanto, continuou sua trajetória de crescimento.

A imagem dos cristãos sendo “jogados na arena para os leões” é forte e representativa do martírio, da inconformidade dos ímpios com a obra dos justos. Em muitos livros de orientação cristã não há alarde sobre a denominação a que pertence o autor. Macedo, ao contrário, faz

aceitar os valores da ordem dominante, para assim poder chegar mais facilmente a todos os setores sociais; surgem então, teologias que elaboram conceitualmente e tornam aceitável a discordância. A *Seita*, em contrapartida, não aspira a essa universalidade, e só admite pessoas que são consideradas aptas, baseando-se em suas qualidades religiosas e morais. (...). A seita é, por natureza, conversionista, rechaça qualquer acordo com o mundo exterior e só procura impor seus próprios valores. Daí sua atitude de repulsa ao mundo, de indiferença ou hostilidade.” Pelas características apresentadas nos dois conceitos (tipos ideais em Weber), percebemos que os limites estabelecidos não satisfazem plenamente o que ocorre no Brasil, e mais especificamente, na IURD. Galindo sugere cuidado no estudo do fenômeno na América Latina. Alguns critérios podem ser utilizados nesta compreensão: a procedência do grupo, se é uma dissidência ou não; fonte de inspiração: cristã ou outras; se hostil ou aberta ao mundo em torno; data de surgimento do grupo: antigo ou recente; país de origem: autóctones,

propaganda de sua igreja, convoca as pessoas, através dos livros, para participarem das reuniões e valoriza o trabalho da IURD⁴³. Procura deixar claro que houve resultado na vida de pessoas que optaram pela Universal. Galindo nos esclarece sobre esta posição assumida por novas religiões que procuram estar presentes e ocupando espaço no universo religioso, até porque, conforme citado anteriormente, a IURD participa da disputa de um mercado de bens religiosos: tendo esta preocupação constante de se manter visível positivamente, ela precisa organizar seus argumentos de tal forma que outras denominações pareçam distorções do “verdadeiro” cristianismo.

Toda religião, seja ela nova ou tenha penetrado no espaço de outras com intenção missionária, considera como primeira tarefa demonstrar sua razão de ser, sua superioridade em relação às tradicionais. E o faz de duas maneiras: tratando de mostrar que as outras abandonaram ou deformaram uma revelação original, ou que a nova religião é a última etapa num processo de revelação divina até então não concluído. (GALINDO, 1995, p. 48)

Ao longo da fala de Macedo, não só no que diz respeito à forma como o Diabo é visto e como a IURD tem a solução para este problema, percebe-se embutido em seu discurso a tentativa constante de ser visto como novidade, transformação, o que estava faltando para que o Cristianismo ganhasse real impulso. Faz uma alusão interessante acerca dos meios de comunicação e de como estes “ajudam” na obra de Deus:

Pense em todos os noticiários do mundo anunciando o combate dos israelitas com os filisteus, enfocando a luta de Davi x Golias, e todas as emissoras de televisão do mundo se ocupando com esse evento. Imagine o amigo leitor, quantas pessoas, definitivamente, se converteriam ao Deus

procedente de países ocidentais (especialmente EUA) ou de países orientais e; finalmente, qual o segmento social que procura atingir: ambiente rural ou urbano, ricos ou pobres, jovens ou adultos. p. 71-86.

⁴³ É preciso lembrar que a IURD criou a partir de um cisma, já que Macedo era membro da Nova Vida. Galindo (p. 48) faz a seguinte colocação: “O pluralismo religioso tem igualmente duas formas de manifestação: mediante cisões, que dão lugar a cismas, confissões, seitas ou escolas diferentes, com doutrina e organização próprias, ou então propondo diferentes formas, orientações ou graus de aperfeiçoamento dentro de uma mesma religião: para classe alta e classe baixa, por exemplo, para pessoas de diferentes profissões (comerciantes, soldados), para homens ou para mulheres, religiões ativas ou contemplativas, etc.” Macedo precisa mostrar a que veio, propor o novo para ocupar o lugar do velho e do tradicional – o que há de mais tradicional no Brasil, senão a Igreja Católica?

vivo se a tecnologia existente, hoje, estivesse a serviço de Deus. (...) As condições materiais hoje podem, num abrir e fechar de olhos, apresentar o grande Deus dos Exércitos, o invencível nas batalhas, para todo o mundo, todos os povos (...). (O Avivamento do Espírito de Deus, p. 33)

Para sobrepor-se à Igreja Católica, repetidas vezes, Macedo faz menção aos métodos arcaicos e pouco expressivos dos católicos: não conseguem atingir o povo, suas necessidades e convertê-los ao “verdadeiro” evangelho. Uma excelente estrutura de comunicação, por exemplo, também ajuda⁴⁴. Mas, qual é então a necessidade da Igreja? Macedo responde:

A verdadeira necessidade da igreja não é verba para missões, nem homens preparados, nem cursos específicos, nem templos bonitos, nem programas evangelísticos bem formulados, mas de AMOR, vestido com roupa de trabalho, a que se pode dar o nome de MISERICÓRDIA! (Libertação da Teologia, p. 41)

A IURD tem um grande patrimônio que se traduz em expansão religiosa. Desde espaço geográfico até meios de comunicação. Ao escrever sobre *templos bonitos, homens preparados, cursos específicos para o ministério* faz uma clara alusão aos católicos e protestantes históricos que valorizam o estudo da Bíblia, no sentido teológico, privilegiando pessoas com formação eclesiástica. São famosos os templos católicos pelo seu valor arquitetônico nas mais diversas épocas da história. A rivalidade em relação à Igreja Católica e mal estar que Macedo “acha” que esta causa, é colocado em palavras: “*A Igreja Católica é a maior praga do Terceiro Mundo.*” (501 Pensamentos do Bispo Macedo, p. 69)

A Igreja Católica e as igrejas protestantes liberais estão se mancomunando no sentido de fazer algo em prol da sociedade, começando pelo combate aos males sociais e penetrando cada vez mais no campo das ideologias que poderão mudar o mundo. (Libertação da Teologia, p. 75)

⁴⁴ Jornal da Tarde em 29/10/90: “Para uma empresa dar certo são necessárias duas coisas: um homem com talento e saber mexer com comunicação, e nós tínhamos as duas coisas.” Dito por Carlos de Souza Oliveira, um dos colaboradores iniciais de Macedo. Sobre algumas igrejas pentecostais como empresas, consultar Duglas T. Monteiro, *Igrejas, Seitas e Agências: Aspectos de um Ecumenismo Popular*. In.: Edênio Valle, José J. (org.), *A Cultura do Povo*, São Paulo: Cortez, 1988.

Praga remete à idéia de extermínio. De algo que destrói e que, portanto, precisa ser combatido. A Igreja Católica é um alvo muito utilizado pela IURD, até porque nos programas televisivos, os pastores procuram deixar evidente a condição religiosa da pessoa que pede oração, cai endemoninhada, está com problemas ou angústias: católica muitas vezes; este espaço só é dividido e, então fica menor, quando se trata das vertentes espíritas. Segundo Macedo, a Igreja Católica está junto com a máfia na lavagem de dinheiro para ajudar a manter a condição de miséria nos países terceiromundistas.

Macedo não faz menção repetitiva aos governos ou condições históricas do Brasil como um problema social e que requer, portanto, medidas e envolvimento também sociais, mas, procura manter os problemas na esfera religiosa e encontrar um ou vários culpados, mas no universo religioso. Também a associação entre católicos e protestantes históricos não é bem vista, pois demonstra um anseio pelo conhecimento mais elaborado da sociedade como condição adequada para a resolução de problemas: é o envolvimento da igreja com a sociedade na busca de compromisso social. Ao mesmo tempo que exorta ao amor e misericórdia, Macedo sugere que a IURD é uma igreja aberta e que não discrimina quem a procura:

É degradante observar o quadro em que vivem os evangélicos, principalmente no Brasil, país onde o Evangelho tem um grande campo de ação. Quantos livros e folhetos têm sido escritos por grupos evangélicos para criticar, discordar ou até mesmo zombar de outros grupos também evangélicos? (Libertação da Teologia, p. 47)

Convém criticar, zombar ou escarnecer de alguém, pelo fato de este alguém não propagar nossas crenças da mesma maneira que o fazemos? (Libertação da Teologia, p. 66)

Mas, anteriormente, na página 46, ele havia reforçado a má impressão sobre a Igreja Católica:

De fato, para os católicos, não há liberdade de pensamento e a interpretação bíblica cabe somente ao papa, a quem consideram o “vigário de Cristo”, tachando de hereges a todos os que dele discordam. (Libertação da Teologia, p. 46)

Macedo tem uma preocupação que vai além do ensino bíblico sobre a salvação em Cristo: precisa demonstrar que os outros não têm a solução que ele oferece através da IURD. Suas informações são repetitivas e fazem, com frequência, propaganda sobre a IURD. Isto é necessário para lembrar ao leitor onde a solução de vida é apresentada. As colocações sobre a Igreja Católica procuram mostrar que, passados séculos, ela continua a mesma: mantém seu povo na ignorância e estigmatiza aquele que discorda.

Mas, criticar a Igreja Católica pode ser um ponto positivo para os protestantes e um elogio à Reforma:

Lutero, Wesley, Withfield, Spurgeon que poderiam causar grandes problemas se quisessem “uniformizar” a Igreja, entendiam o Evangelho dos museus, das universidades e das bibliotecas e colocaram-no em prática. Oh! Deus, dá-nos homens como estes em nossos tempos! Faz com que o Evangelho dos Atos dos Apóstolos seja pregado em nossos dias. Substitui Senhor, o Evangelho de laboratório pelo Evangelho popular, o verdadeiro Evangelho de Cristo. (Libertação da Teologia, p. 85)

Quando trata de Teologia, Macedo esclarece o que pensa acerca do assunto: os teólogos fizeram a reforma e com ela trouxeram as separações e os cismas, inclusive, pelo estudo da Bíblia e a reivindicação de uma interpretação livre. No entanto, neste momento, ele necessita brigar por um espaço que o permita ser diferente e destacar-se no cenário nacional como igreja. Não há necessidade de uniformizá-la.

Mesmo sendo um pouco mais poupada das críticas de Macedo, a Igreja Católica é apontada como uma instituição que desempenha uma função satânica na sociedade (a Igreja Católica produz fiéis católicos – estes não têm culpa de pertencer a esta igreja e, muito raramente, Macedo admite que um católico pode estar em Cristo, sendo freqüentador da Igreja

Católica), mas, é igualmente importante compreender que a Igreja Católica, segundo ele, também tem, muitas vezes, um papel relevante no que se refere ao retardamento da libertação de alguém: como o próprio Macedo cita, muitos católicos sinceros, devotados, vivem sob o engano do Diabo, pois estão em uma igreja que não lhes mostra o caminho da libertação em Cristo, que seria a expulsão do demônio através do exorcismo. Em várias passagens, há uma crítica dirigida à Igreja Católica como a portadora de ideologias enganosas ou como a grande meretriz citada no apocalipse; esta segunda idéia não é nova, pois como já mencionamos, as organizações pentecostais tendem a hostilizar o catolicismo⁴⁵, inclusive, por alguns grupos serem adeptos do fundamentalismo⁴⁶ como forma de entender o mundo:

A carta à Igreja de Tiatira, no segundo capítulo, retrata a meretriz como sendo “Jezabel”, isto é, símbolo de tudo quanto fosse contrário a Deus. Hoje, no entanto, nós a consideramos como a Igreja Católica Romana. Se considerarmos a igreja romana, exclusivamente, como a de satanás, erraríamos, mas podemos, sem sombra de dúvida, considerá-la como a principal; como a mãe das demais meretrizes e das abominações da terra, haja vista a sua culpabilidade em ter negado aos povos da terra o conhecimento da Verdade que liberta, permitindo assim a grande procriação de outras tantas meretrizes espalhadas pelo mundo afora.

O apóstolo João afirma que essa Babilônia está sentada sobre muitas águas, (...), que diz ser “povos, multidões, nações e línguas” e isto corrobora ou fortifica a crença de que se trata mesmo da Igreja Católica Romana, cuja influência atinge o mundo inteiro exercendo autoridade sobre muitos povos e com capacidade até de mudar governos. O livro “Em nome de Deus” confirma que esta instituição rica e poderosa, vestida “com vestes pomposas, púrpura, escarlata e pedras preciosas” é mais um estado político-financeiro do que propriamente religioso. O vinho de sua devassidão tem embebedado os habitantes da terra, ou seja, a sua filosofia barata, suas doutrinas apóstatas, seus parâmetros corruptos têm feitos os povos gemerem. Ela se embriagou com o sangue “dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus”. Esta afirmação nos traz à memória o tempo da Inquisição, um antigo tribunal religioso instituído com o fim de investigar e punir “crimes” contra a fé católica. Cerca de 150 mil pessoas morreram sacrificadas, durante 30 anos de Inquisição. Todo aquele que, durante este período inquisitório, não professava a fé católica, ou de alguma forma a refutava, era julgado por um tribunal católico e condenado à morte pelo mesmo tribunal. Além disso, desde o princípio da “Ordem dos Jesuítas”, em 1540, supõe-se que 900 mil

⁴⁵ Ver Galindo, sobre o puritanismo: “Este movimento, o de maior influência no evangelicalismo e, mais tarde, fator determinante na formação do fundamentalismo, se desenvolveu dentro do anglicanismo inglês para purificar a Igreja Anglicana de todos os vestígios de catolicismo, e chegou aos EUA com um conceito de mundo complicado mas já plenamente desenvolvido.”

⁴⁶ Sobre fundamentalismo, ver Galindo (p. 167): “Como fenômeno geral, o fundamentalismo é hoje uma tendência dentro das tradições judia, cristã e muçulmana, que costuma surgir como reação mais ou menos violenta contra toda mudança cultural. Estudos psicológicos descrevem seus adeptos mais zelosos como ‘pessoas autoritárias’, ou seja, como indivíduos que se sentem ameaçados em um mundo dominado por poderes malignos em atitude permanente de conspiração, que pensam em termos simplistas e de acordo com esquemas invariáveis, e que frente a seus problemas se sentem atraídos pelas respostas autoritárias e moralizantes.”

peças pereceram sob a crueldade papal. Não é de se admirar que quando o Senhor mostrou este quadro terrível ao apóstolo João, este ficasse pasmado “com grande espanto”. Como João poderia supor que aquela igreja tão perseguida pelos “neros” viesse um dia se tornar perseguidora implacável? Como poderia João entender que aquela igreja pela qual se morria, se sacrificava para não pecar contra o seu Senhor, agora os habitantes da terra são levados por ela ao pecado? (Ap. 18:3).⁴⁷

O trecho citado, deixa claro o quanto ele considera o catolicismo um cancro no cristianismo, porém, a idéia de Diabo *versus* catolicismo fica um pouco diluída quando são confrontadas a religião católica, as afro-brasileiras e espiritismo, pois a despeito de toda sua agressividade contra a Igreja Católica, o peso maior de seu julgamento como a representação do mal no Brasil repousa sobre a umbanda, o candomblé e a quimbanda. Talvez, porque muito de seus fiéis sejam oriundos de classes mais baixas e destas religiões.

2.3.2. Fé, Conhecimento e Antiintelectualismo

Na IURD, o fiel é estimulado a experimentar uma fé afetiva, ou seja, para crer, ele precisa “sentir” e estar envolvido emocionalmente com o sobrenatural. O conhecimento, saber intelectual produzido pelo estudo ou “sabedoria de palavras”, como escreve Macedo, é desestimulado e colocado como um agregado que desvia o homem do caminho da fé:

Quando os cristãos entenderem que cristianismo é prática da fé, e que sabedoria de palavras anula o sacrifício de Jesus, certamente a igreja terá o seu rumo mudado. (Libertação da Teologia, p. 59)

Cuidado com os que deixam de praticar a fé sobrenatural para a estudarem. Da prática surge a manifestação do poder de Deus; do estudo têm surgido as heresias. (501 Pensamentos do Bispo Macedo, p. 16)

⁴⁷ Macedo, Edir, *Apocalypse Hoje*, p. 114-15, 1993. É importante acrescentar que a imagem da Grande Meretriz representada pela Igreja Católica está presente entre os fundamentalistas, principalmente. Macedo não utiliza uma abordagem nova: apropria-se de algo corrente entre os evangélicos mais radicais.

Os hereges eram queimados na fogueira, praticavam bruxarias, davam-se ao demônio e com o demônio. Macedo dá a entender que o excesso de conhecimento pode levar a conseqüências danosas. Afirmar que do estudo tem surgido as heresias – palavra extremamente impactante e que causa medo – coloca o fiel numa posição de alerta para não incorrer em tão grave erro.

Na IURD, a ênfase em que o indivíduo não busque conhecimento ou esclarecimento racional parece vir associada a um desejo de estimular o fiel a “sentir” Deus, a ter uma obediência cega aos ensinamentos da igreja através do pastor e animá-lo com a perspectiva de entregar-se plenamente. A valorização da fé “sentida” colabora para a manutenção da ordem na igreja, qual seja: o alimento constante dos elementos sincréticos afro-brasileiros como expressão do mal, a necessidade da expulsão do demônio pelo exorcismo e o sacrifício representado pela oferta em dinheiro. Como diz a própria Universal em suas campanhas: “*Dê o seu tudo!*” .

A fé sobrenatural no Senhor Jesus é uma ação da parte do ser humano; as bênçãos, uma reação da parte de Deus. (501 Pensamentos do Bispo Macedo, p. 16)

Ou ainda:

Ser cristão é estar sempre pronto a colaborar com Cristo; é não viver no mundo das idéias, pois estas são conflitantes, mas colocar em prática sua fé. (Libertação da Teologia, p. 66)

Colaborar com Cristo é viver no mundo da necessidade ritual e sobrenatural, que nas aparências sublima as desigualdades e explica a ordem vigente. Segundo Ansart, “*o mito participa da orientação das condutas, da canalização das energias, assim como da repressão simbólica dos desvios.*”

A fé é uma alavanca poderosa na engrenagem de manutenção do mito, da ordem e dos interditos. Não é proibido, declaradamente, o acesso ao conhecimento, mas sérias ressalvas são feitas preparando o indivíduo para as conseqüências: as heresias, o desvio dos caminhos de Deus. Ao mesmo tempo que a fé sobrenatural impede o fiel de cair em armadilhas da sabedoria humana, a repetição do discurso deve impedir que o fiel desanime. Conclama para a luta:

A fé sobrenatural e a confiança em Deus são também individuais, tanto quanto as muitas lutas e provações na vida; nesse caso, cada um tem de lutar por si mesmo. (501 Pensamentos do Bispo Macedo, p. 13)

Fé e luta – nos livros Macedo, é comum que o fiel seja instigado a lutar por si mesmo, a tomar as rédeas de sua vida. Como veremos mais adiante, Macedo mescla orientação cristã com conselhos de auto-ajuda.

Ao propor uma fé que seja “sentida” e “experenciada” diariamente, o que parece tornar-se um motivo de crítica para Macedo no que diz respeito ao conhecimento ou pensamento intelectual? A Teologia.

Qual a posição de Macedo sobre Teologia? Ele é contra o estudo teológico, entendendo que isto oferece perigo ao fiel e aos homens em geral, pois os desviam do verdadeiro sentido do evangelho. A leitura das fontes mostra que o conhecimento teológico ou apenas o conhecimento, podemos dizer, do mundo, que envolve ideologias, estudos da sociedade, reflexões históricas e filosóficas incomodam Macedo, ele declara, firmemente, que isto é inútil. Macedo não se vê como um teólogo, mas se utiliza da Teologia, já que seus livros têm um corpo doutrinário que em todo o tempo orientam para posturas bíblicas, versículos e passagens em que ele possa estruturar seu pensamento e, ao mesmo tempo, organizar a visão de mundo do fiel.

Todas as formas e todos os ramos da Teologia são fúteis. Não passam de emaranhados de idéias que nada dizem ao inculto. (Libertação da Teologia, p. 17)

Então, o inculto deve permanecer na ignorância? Ele não entende, não é estimulado ao estudo, nem tampouco ao conhecimento produzido pelos homens. A quem ele deve dar ouvidos? Certamente, não ao conhecimento filosófico:

A Filosofia, segundo a tradição que remonta a Aristóteles, começa historicamente no século VI a.C., nas colônias gregas da Ásia Menor. Entretanto, sabemos que o ser humano começou a filosofar desde que tentou no seu coração afastar-se de Deus. (Libertação da Teologia, p. 25)

A doutrina da igreja é que deve ser considerada como o único caminho, e a igreja é a Universal. Pensar, entender e questionar é uma forma de insubmissão aos preceitos pregados pela igreja.

Aprofundando-nos no estudo da Teologia, corremos o perigo de discutir o que este ou aquele teólogo pensa acerca de um determinado assunto da Bíblia, em vez de nós mesmos nos convenceremos acerca do que nós pensamos. Corremos o risco de nos deter mais no que homens famosos pensam de Deus, do que naquilo que Deus pensa de nós. (Libertação da Teologia, p. 18)

A maior parte dos fiéis de qualquer igreja pentecostal ou neopentecostal, estará inclinado a ouvir seu pastor, por isso, inclusive, freqüenta a igreja. O perigo de discussão vislumbrado por Macedo pela compreensão de novas visões teológicas justifica-se na medida em que ele valoriza a fé sobrenatural em detrimento do conhecimento. A falta de conhecimento teológico pode favorecer-lhe, já que ajuda na manutenção do controle sobre o fiel em relação às suas angústias e ansiedades, levando a um domínio das condutas e aspirações (ANSART, 1978) .

Quem desviou o Cristianismo dos seus princípios nos primeiros séculos? Acaso não foram os teólogos? Foram eles também que causaram a reforma protestante e que criaram as grandes divisões do “cristianismo restaurado” que deram origem às denominações evangélicas que hoje existem. (Libertação da Teologia, p. 18)

A IURD tem como um de seus pilares a fé sobrenatural, que não combina com Teologia, segundo Macedo.

É o discurso da negação doutrinária, das teologias enquanto tais, e dos chamados “intelectuais da fé”, priorizando as experiências místicas de contemplação do divino e da fé por si só, como explicação e justificação de tudo. (RUBIM, 1991)

Na Universal, as condutas baseadas no místico têm prevalência sobre as práticas sociais, devendo-se levar em conta a idéia corrente socialmente de que o conhecimento pertence às elites e, as elites querem exercer a dominação sobre os menos favorecidos.

Não podemos, creio eu, nos abster de viver uma vida de constante experiência com o Senhor, para ficarmos apenas nos guiando pelos seus mandamentos e preceitos, quase sempre torcidos pela mentalidade humana. (Libertação da Teologia, p. 92)

“Guiar-se apenas” pelos preceitos de Deus não é suficiente... O que é suficiente então? Talvez aglutinar em torno destes uma forte ideologia religiosa que comprometa e envolva o leitor e o ajude na sua construção do imaginário social e suas representações⁴⁸.

Também a Teologia serve como elemento que explica a perseguição sofrida pela universal:

No Cristianismo, infelizmente, a Teologia causa a separação. Se um grupo dá uma ou outra aplicação a determinados ensinamentos de Jesus, por exemplo, que seja diferente dos demais, imediatamente passa a ser criticado, desprezado, condenado. (Libertação da Teologia, p. 19)

⁴⁸ Valemo-nos, neste momento, da compreensão de imaginário de Ansart: “Entendendo por imaginário social o conjunto das evidências implícitas, das normas e valores que asseguram a renovação das relações sociais. Racionalizando e transformando o imaginário, criando modelos diversos de legitimação, o ideólogo induz um conjunto de conseqüências simbólicas e práticas.” p. 19.

Portanto, a Teologia⁴⁹ pode oferecer algum perigo para a condição da igreja como organização social e, internamente, prejudicar a comunhão.

Não estamos falando do conhecimento ou da sabedoria, mas das normas, dos preceitos e dos dogmas doutrinários que são nocivos à fé e à comunhão entre os cristãos e, infelizmente isso é TEOLOGIA. (Libertação da teologia, p. 21)

Analisando as fontes em relação a pontos como fé sobrenatural em detrimento do conhecimento; a oposição no mundo entre Deus e o Diabo como modelo explicativo da realidade; resistência à teologia como doutrina da religião cristã; não é difícil concluir a tendência de Macedo ao antiintelectualismo; contudo, esta posição só é percebida se há uma comparação entre seus livros. Nestes, Macedo dá informações históricas e sociais procurando cumprir um papel que vai além de ministro de Deus: exatamente do homem de idéias dinâmicas, profundo conhecedor dos assuntos que aborda. Portanto, por que o leitor precisa de outras informações?

Na prática, estamos sempre nos defrontando com situações que exigem de nós conhecimento, discernimento e sabedoria. É importante saber um pouco de psicologia, da história das religiões e dos chamados “fenômenos religiosos”, o conhecimento bíblico propriamente dito e uma boa dose de segurança naquilo que cremos, a fim de não sermos envergonhados ou considerados ingênuos nesse campo de atuação, e sobretudo, comunhão com Deus. (O Diabo e Seus anjos, p. 53)

Ao mesmo tempo:

Não podemos também deixar de mencionar a preocupação de muitos pregadores em proferirem uma mensagem erudita, “recheada” de palavras sofisticadas. Pretendendo provar aos seus

⁴⁹ Ainda em Ansart: “É que o conteúdo da linguagem teológica refere-se direta ou indiretamente, a todas as formas da vida social, enquanto esses mesmos elos podem passar despercebidos aos atores presentes. O conflito teológico totalizará e dará forma ao conjunto de tensões concernentes à coletividade em seus diferentes níveis.” p. 33. Em nosso entendimento, Macedo não deseja dar forma aos conflitos que ocorrem na sociedade e, muito menos, dentro da IURD, mas minimizá-los através do Diabo, que concentra toda a violência do processo social. Também, ao dar a entender que o conhecimento intelectual e, inclusive, teológico, pode acarretar “desvios” de comportamento nos fiéis, Macedo traz em sua fala uma das características do pentecostalismo apontada por Galindo: domínio do afetivo sobre o intelectual. “Sentir Deus” é o mais importante; vale dizer, o Diabo também.

ouvintes uma sabedoria exemplar, dificultam a mensagem e colocam mais empecilhos no caminho dos fiéis. (O Poder Sobrenatural da Fé, p. 28)

Sem a leitura da maior parte de seus livros e com uma abordagem crítica, as informações ficam fragmentadas e atendendo aos interesses específicos do leitor no momento em que procura a leitura: esta pode atingi-lo em cheio na sua falta de fé, ataque satânico, pecado e perdão, díizimo e prosperidade, entre outros. Desta maneira, não há clareza a respeito do conteúdo e suas contradições. Os textos acima são de livros diferentes, ora Macedo recomenda que se evite o conhecimento, ora dá a entender que ele é necessário, além da fé. O trecho abaixo valoriza o homem simples e inculto:

Quanto ao samaritano, homem considerado impuro e pagão pelos judeus, por não lhes pertencer à raça, representa nessa história o homem comum, sem títulos, sem diplomas, sem cursos, mas, com o coração transbordando de amor. (Libertação da Teologia, p. 40)

Ao ler Macedo, percebe-se que, através da linguagem, ele procura definir papéis: dirá ao seu leitor que posição ocupa dentro da sociedade e no universo religioso. Principalmente, que informação será essencial porque dará sentido ao cotidiano atribulado, problemático e cheio de necessidades de seu fiel (ANSART, 1978, p. 21).

2.3.3. A Nova Vida

Nos livros de Macedo, sempre há um apelo para que o leitor mude seu comportamento: ele mostra, inclusive, ao comentar sobre a vida de outras pessoas, como é o cotidiano de alguém que está envolvido com o Diabo e como pode ser a vida daquele que se converte, principalmente, pela IURD. Junto com a exortação para a mudança, está um alerta para aquele

que sempre procura discordar do pastor ou das diretrizes da igreja: “*Certamente, o faccioso jamais aceitará a sã doutrina por ser carnal e insubmisso.*” (As Obras da Carne e os Frutos do Espírito, p. 26)

O que é insubmissão neste contexto? Rebelia acerca das coisas da igreja. Macedo não faz esta afirmação, porém, o texto permite supor que o que se espera do fiel é que ele seja receptivo aos ensinamentos da igreja, incorporando junto com os mesmos a visão de mundo de Macedo, transmitida através da linguagem. O fiel pode e deve olhar para si mesmo e perceber seus erros, mas não deve ter a mesma pretensão com a ordem vigente no templo⁵⁰. A linguagem doutrinária constitui um elemento de controle sobre o fiel e mantém o sagrado separado e inquestionável. O fiel deve preocupar-se em abrir mão dele mesmo:

(...) temos que abrir mão de nossa própria vida, isto é, nada de poder pessoal com o intuito de prevalecer sobre os mais fracos, nada de interesses próprios, nada de pensar em nós mesmos, senão no melhor para aqueles que estão diante dos nossos olhos diariamente. (Libertação da Teologia, p. 42)

E também amar, doar-se ao outro:

Temer a Deus, basicamente, é ter uma vida abnegada e tão-somente voltada para os Seus propósitos aqui na terra, motivada pelo amor que Ele sempre demonstrou por nós. (Pecado & Arrependimento, p. 26)

Uma das características do neopentecostalismo é a acomodação ao mundo. Em muitos trechos de seus livros, Macedo incentiva o fiel a buscar somente a satisfação do espírito e não a realização oferecida pelo mundo, e preocupa-se com a busca da simplicidade (que não deve chegar ao ponto do desleixo) e para ilustrar isto, recorre ao exemplo desta jovem:

⁵⁰ Entre o saber religioso e o saber de quem recebe a doutrina, formar-se-á um conjunto de saberes que podem levar ao conflito, colocando “o ungido do Senhor” numa posição de tentar, constantemente, fazer com que o fiel respeite e aceite sua doutrina. Faz-se necessário, o tempo todo, buscar a legitimação do poder do “ungido”,

Por exemplo: Lembro-me de uma jovem que se decidiu por Jesus, batizou-se nas águas e iniciou a sua trajetória espiritual. Por desejar uma super santidade, começou a fazer freqüentes jejuns e orações, além de leitura constante da Bíblia.

Por causa desta maratona espiritual, começou sutilmente a desprender-se das coisas materiais, tais como: não querer usar mais jóias e se arrumar como outra moça de sua idade faria; daí, partiu para o desprezo por roupas novas e em seguida pelas demais roupas que tinha.

Não demorou muito e, repentinamente, abandonou o seu próprio corpo por achar que tudo era vaidade, terminando confusa, misturando as coisas materiais com as espirituais, incapacitada de discernir o que era certo ou errado. (As Obras da Carne e os Frutos do Espírito, p. 14)

Este trecho do livro está na introdução do acompanhado do seguinte alerta:

Daí, a seguir por esse caminho, ou ele perde a visão do plano divino para a sua vida, ou fanatiza, considerando todas as coisas pecaminosas, ou ainda, como costuma acontecer, perde a razão dos fatos. (As Obras da Carne e os Frutos do Espírito, p. 14)

Ao que tudo indica, a moça do exemplo citado tornou-se muito radical, que é uma outra preocupação de Macedo: que alguém não fique em busca de uma “supersantidade”. Até que ponto Macedo não incentiva a ascensão social, a busca pelo dinheiro? Ele tenta promover junto aos fiéis a ordem que deve ser seguida, mas é sutil, pois deixa claro que a IURD não exerce controle sobre o fiel, podendo ele fazer o que bem lhe convier. No entanto, todo seu discurso procura dirigir o leitor para a prosperidade e riquezas que o cristão tem direito no mundo; para o afastamento de uma postura crítica através da fé sobrenatural, que não questiona; e para lidar com as situações sociais como conseqüências somente da atuação do Diabo. Ainda exorta para a boa educação:

Não resta a menor dúvida de que o glutão, além de ser mal educado, é também carnal, pois se mostra excesso para comer, também o faz para outras coisas. (As Obras da Carne e os Frutos do Espírito, p. 27)

É preciso ter cuidado com os excessos, com a carnalidade, com a concupisciência: por exemplo, cuidado com a prostituição:

O sentido original do termo, realmente significa a prática comercial do sexo, mas também pode significar a prostituição espiritual, que é a comercialização da fé, ou seja, utilizar a fé cristã para benefícios próprios. São muitos os que, sem o mínimo interesse pela vida espiritual do povo, fazem questão de lhe transmitir a fé cristã, apenas com o intuito de não “ficar desempregado”, o que é, também, um tipo de prostituição. (As Obras da Carne e os Frutos do Espírito, p. 20)

Com o pecado da impureza:

(...) os diversos vícios sexuais que eram praticados. (...) supõe-se que, dentre elas, se referia à homossexualidade e ao abuso das funções sexuais, que corrompem o indivíduo a ponto de torná-lo espiritualmente impuro. (As Obras da Carne e os Frutos do Espírito, p. 20-21)

Chama atenção a ênfase dada para o pecado sexual e a lascívia:

O original deste termo significa licenciosidade ou sexualidade exagerada. Também cabe aqui a definição de devasso. cremos estar em pauta a conduta de completa e total liberdade na prática sexual sem nenhuma restrição. É a carne sendo satisfeita em toda sua plenitude. (As Obras da Carne e os Frutos do Espírito, p. 21)

Macedo arrola e explica os pecados que se constituem em obras da carne, além dos já citados: idolatria, feitiçaria, inimizades, contendas, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, inveja, bebedices e glotonarias.

Na maior parte dos trechos, faz suas colocações num sentido genérico, colocando o leitor em estado de alerta para as suas práticas cotidianas, numa reflexão em relação a outros pontos em que pode estar falhando: talvez com a igreja, com o pastor, as ofertas, os dízimos.

Quando trata dos frutos do Espírito: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio, também está instruindo seu leitor numa

qualidade de vida que ele pode ter, se permitir a obra do Espírito Santo em sua vida. Mas, também destaca o valor do esforço humano:

É essa “carne” chamada vontade humana ou “instinto” que precisa ser dominada pela própria pessoa através do domínio próprio, que só pode ser verdadeiro se for um Dom do Espírito Santo. (As Obras da Carne e os Frutos do Espírito, p. 46)

Grifamos “própria pessoa” porque ao longo da exposição de Macedo pulsam duas posições distintas: o muito que o Diabo pode fazer e o que compete ao fiel fazer.

2.3.4. O Relacionamento com Deus, o Dízimo e a Prosperidade

Deus, na IURD, é um instrumento nas mãos do fiel. Ironicamente, Ele, Deus, deve ser obediente e cumprir todas as exigências feitas pelo fiel, principalmente, daquele que paga o dízimo: *“Tudo que fazemos, seja correntes ou campanhas, é com espírito de luta, exigindo de Deus (grifo nosso) aquilo que Ele nos prometeu.”* (Mensagens, p. 22)

A relação que se estabelece é de cunho comercial: o fiel propõe trocas com Deus para conseguir a bênção desejada. Cabe ao fiel demonstrar revolta diante de Deus e “de dedo em riste” exigir que as promessas bíblicas se cumpram. A Terceira Onda ou Neopentecostalismo traz em suas características exatamente este tipo de relação do fiel com Deus, provocada pela Teologia da Prosperidade: o cristão tem direito a tudo de bom e de melhor.

No discurso, a soberania de Deus é reduzida para aumentar o poder do fiel na relação de troca. É incentivado que o fiel acomode-se ao mundo de novas tecnologias, acumule riquezas, more melhor, possua carro e não tenha sentimento de culpa por não negar o mundo. A conduta ascética tem diminuído entre os pentecostais desde a década de 70; até porque

atualmente a IURD é um fenômeno almejado por muitos líderes, devido ao seu crescimento e capacidade de bancar projetos de alto valor. Na relação de troca o fiel dá o dízimo, ofertas, participa das campanhas e tem a garantia dos pastores de que Deus cumprirá sua parte. *“Ele ficará na obrigação de cumprir Sua Palavra.”* (Mensagens, p. 23). E ainda, *“O ditado popular de que ‘promessa é dívida’ se aplica também a Deus.”* (501 Pensamentos do Bispo Macedo, p. 103)

Ao ser tão enfática sobre a necessidade de dízimos e ofertas, a IURD precisa de uma explicação para seus argumentos, ainda que em uma análise mais aprofundada, ele seja desmontado. Faz-se necessário voltar ao ponto em que o fiel está envolvido em seu cotidiano na reprodução do mito. A narrativa mítica encobre as desigualdades internas e na vida dos fiéis, que no caso da Universal, é explicada pelo talento e esforço individual bem ao estilo do liberalismo econômico. Caso um indivíduo não alcance o sucesso almejado, a responsabilidade e a falha são suas.

É certo que muitas pessoas neste mundo são ricas, mesmo sem possuírem Deus no coração. Vencem, entretanto, porque confiam na força do seu trabalho, e por isso, são possuidoras de uma riqueza honesta e digna. (...) Reafirmo que nossa vida depende de nós mesmos. (Mensagens, p. 27, 22)

Algumas das características do discurso iurdiano procuram incentivar o fiel a crer nele mesmo, como um tipo de auto-ajuda. A estratégia oferecida pela IURD, baseada na Teologia da Prosperidade, estimula o membro da igreja a ser participativo nos cultos em relação a ofertas e dízimos e reivindicar perante Deus aquilo que lhe pertence por direito. Se todo o discurso sobre espiritualidade vem atrelado à intervenção do Diabo, quando se trata de dinheiro, o fiel tem de ir à luta e buscar a Deus com revolta, que neste caso, assume um sentido agressivo de não conformar-se com a própria situação: doença, pouco dinheiro, ser empregado, etc., e é Deus quem tem que assumir Sua posição diante do fiel: a IURD assim o

exige. Porque Deus é obrigado – como em um contrato – a fazer sua parte; Ele é pago para isto!

Depende apenas de você o que será feito de sua vida, pois quem decide nosso destino somos nós mesmos. Não são as outras pessoas; não é Deus, nem o Diabo. (...) Não adianta ficar só jejuando ou orando. É preciso buscar o que você quer; fazer a sua parte, e então falar ousadamente com Deus, revoltado com a situação. Você deve dar o primeiro passo, pois Deus não o fará por você. (Mensagens, p. 28)

As doações em dinheiro ou bens são presentes colocados no altar de Deus, mas para uma grande bênção um valioso presente! A fé é um instrumento de troca. Uma mercadoria, e nesta relação “toma lá, dá cá”, perde-se a reverência por Deus, pois Ele é desafiado e tentado.

Dependendo do grau de interesse do ofertante, o presente, por mais caro que seja, ainda assim se torna barato diante daquilo que está proporcionando ao presenteado. Quando há um profundo laço de afeto, ternura e amor entre o que presenteia e o que recebe, o presente nunca deve ser inferior ao melhor que a pessoa tem condições de dar. (O Perfeito Sacrifício: o significado espiritual de dízimo e ofertas, p. 12)

O fiel deve sacrificar o seu tudo. A IURD tem uma campanha onde estimula o fiel a doar o máximo que puder na espera da bênção. Muitas pessoas dão tudo o que tem naquele momento de sua vida: uma caderneta de poupança, o dinheiro para comprar comida, o dinheiro para o ônibus, e assim por diante.

Aqueles que vêm as doações das ofertas com maus olhos, ou seja, do ponto de vista meramente mercadológico, principalmente do lado da Igreja, também têm dificuldades para compreender a razão da vinda do Filho de Deus ao mundo. (...) haja vista que a oferta está intimamente relacionada com a salvação eterna em Cristo Jesus. (O Perfeito Sacrifício: o significado espiritual do dízimo e ofertas, p. 14)

O adepto é conclamado a concorrer por melhores condições num mundo com desigualdade social. E ainda tem de assumir uma responsabilidade a mais: a de ter sucesso e

prosperidade, senão sua vida pode estar comprometida com as forças malignas ou com sua própria incapacidade de gerenciar suas possibilidades. Há muitas oportunidades para aqueles que vivem nos bolsões de pobreza? É onde se encontram um grande número de igrejas da Universal. Mas, mesmo assim, é preciso “sacrificar” diante de Deus e, de preferência, em dinheiro:

Aqueles que examinam o custo do sacrifício jamais sacrificarão uma grande oferta, e aqueles que não sacrificam para a obra de Deus jamais conquistarão qualquer vitória. (501 Pensamentos do Bispo Macedo, p. 21)

Colocado nestes termos, é o fiel quem decide.

Tudo depende de você. Se perseverar, automaticamente conquistará as bênçãos de Deus. E assim, entrará na terra prometida. (Mensagens, p. 21)

E a igreja administra a sua doação:

A árvore proibida, no paraíso, representava o dízimo, isto é, a parte de Deus na qual o homem não podia sequer tocar, embora pudesse regá-la e fazê-la crescer. (501 Pensamentos do Bispo Macedo, p. 99-100)

O exercício da fé, na IURD, está bastante vinculado à troca pelas graças, porém, tendo como intermediário ofertas e dízimos, sob pena do fiel ficar excluído do recebimento da bênção. Um outro elemento muito importante na doutrina da IURD é o grande peso dado às atividades do Diabo e sua participação diária na vida dos fiéis da igreja e a própria posição de relevância que Macedo destina a este tema em seus livros.

Destinamos o próximo Capítulo para esta discussão.

CAPÍTULO III – O DIABO E OS LIVROS DE MACEDO

3.1. O Diabo no Imaginário da Cristandade

Acerca do Diabo: *“Uma criatura inteligente e incorpórea cuja vontade é essencialmente má, ou seja, comandada inteiramente pelo desejo de fazer o mal.”*⁵¹

Através do Novo Testamento, Satã ou Diabo, torna-se o grande adversário de todo o Bem, que tem por missão combater a religião que acaba de nascer, no caso, o Cristianismo. Ele é o inimigo implacável de Jesus e Seus discípulos, que encarna todos os obstáculos à possibilidade da vida eterna no Paraíso⁵²; violência e mentira são características intrínsecas ao Diabo e, juntamente com sua figura, vem à tona o problema da livre opção de todos e de cada um dos homens entre o Bem e o Mal⁵³. Dessa polarização resulta que tudo que afasta os homens de Deus é uma manifestação do Diabo.

Sob a ordem do Diabo, torna-se muito mais freqüente a possessão por espíritos malignos, que provocam problemas como a epilepsia, a paralisia histérica ou ainda, o entorpecimento dos corpos (NOGUEIRA, 1986). Os milagres, as curas e o exorcismo praticado por Cristo⁵⁴ representam medidas enfraquecedoras do poder de Satã, tanto que a morte Daquele provoca uma reviravolta nesse estado de coisas: *“O príncipe deste mundo já está julgado e condenado”* (João 16:11).

⁵¹ Kochakowicz, Leszek, *O Diabo*, Enciclopédia Einaudi, vol. XII.

⁵² Russell, Jeffrey B., *O Diabo*, Campus: 1991: “O Diabo no Novo Testamento é um sedutor, um mentiroso, um assassino, a causa da morte, bruxaria e idolatria; fere as pessoas fisicamente e bloqueia e obstrui os ensinamentos do Reino de Deus sempre que pode, atacando-nos, possuindo-nos e tentando-nos ao pecado.” p. 241.

⁵³ Sobre o livre arbítrio e os vários caminhos teóricos percorridos dentro e fora do Cristianismo, consultar Russell, Capítulo 6.

⁵⁴ No Novo Testamento temos vários exemplos: o caso do possesso mudo (Mt 9:32-33); do menino epilético (Mt 17:15-18); da mulher enferma (Lc 13:11); do homem possesso pelo espírito chamado Legião, porque eram muitos (Mc 5:1-13).

Para o cristianismo, e esta foi a visão que prevaleceu⁵⁵, a figura do Mal passa a integrar o dogma central, juntamente com a queda do homem, o pecado original e a redenção pela morte do Messias na cruz⁵⁶. Cristo reduz à impotência aquele que detinha o poder da morte⁵⁷. Os primeiros teólogos não cessam de descrever os ardis dos espíritos malignos que jamais descansam, mas buscam o tempo todo causar doenças e calamidades coletivas (secas, más colheitas e epidemias), onde padecem homens e animais. Segundo o caráter dos fenômenos naturais, suas conseqüências ora são atribuídas a Deus, ora ao Diabo. As figuras pagãs sobreviveram no universo cristão na forma de demônios, tudo que foi repellido energicamente como demasiadamente pagão, como contrário aos dogmas, como impuro e ímpio, passou a habitar o Reino do Mal; e aqueles que cultuavam estas divindades, na verdade adoravam ao Diabo (NOGUEIRA, 1986).

Para a Igreja, a queda do Império Romano era um claro sinal do final dos tempos e a conseqüente volta de Cristo. Porém, os séculos vindouros demonstraram que o mal estava longe de ser vencido. Angústias e medos começaram a assaltar os espíritos cristãos, temerosos de que o mundo estivesse completamente nas mãos do Diabo, o qual conseguiria adeptos dentro da própria comunidade cristã. À medida que a Igreja Católica se fortaleceu contra os “deuses-demônios”, a cristandade medieval lutou continuamente contra alguns ritos, numa tentativa persistente de dizimar o paganismo.

⁵⁵ Nesta visão predominante, denominada de Teologia da Queda, acompanha a idéia de que o homem não é nada. Outras abordagens, como a Teologia da Criação, valorizam o homem, porquanto, este é criação de Deus.

⁵⁶ Russell: “A função do Diabo no Novo Testamento é ser um princípio contrário a Cristo. A mensagem central do Novo Testamento é a salvação: Cristo nos salva. E nos salva do poder do Diabo. Se o poder do Diabo é rejeitado, a missão salvadora do Cristo perde o sentido. O Diabo ocupa uma posição central no Novo Testamento como principal inimigo do Senhor.” p. 233. Também consultar Martins Terra, S.J.J., *Existe o Diabo? Respondem os Teólogos*, São Paulo, Loyola, 1975: “A luta contra o Diabo está unida indissoluvelmente com toda vida terrena de Jesus. Cristo não só tem de ensinar uma doutrina, mostrar um caminho e trazer uma vida, mas tem, além disso, que romper um poder pessoal e antidivino.”

⁵⁷ Tornar o Diabo impotente (Heb 2:14); destruir suas obras (1 Jo 3:8); substituir o reino de Satanás pelo Reino de Deus (1 Col 15:24-28 ; Col 1:13 s.)

O Diabo preside a vida da comunidade cristã, e em toda parte ele é visto⁵⁸. A mulher é sua vítima por excelência (Eclesiástico 25:26 – Toda malícia é leve, comparada com a malícia de uma mulher; que a sorte dos pecadores caia sobre ela.). O Papa Gregório Magno, em seus *Diálogos*, narra o episódio da freira que, inadvertidamente, ao comer um pé de alface colhido na horta, sem a devida oração, ficou possessa do demônio que ali se escondia (NOGUEIRA, 1986).

Os primeiros séculos da Idade Média representam um mundo em conflito entre o Bem e o Mal⁵⁹. Os sacerdotes da Igreja esgotam-se em debates sobre a figura do Diabo e de como identificá-lo. Na verdade, eles próprios exaltam a quase onipotência de Satã, visto que suas pregações destacam cada vez mais o Mal e suas conseqüências, a bem-aventurança, cedendo lugar progressivamente à danação. Os demônios não são mais imaginados apenas como causadores de calamidades e epidemias, mas passam a representar os desejos que os cristãos guardam no fundo de seu coração, sem se atrever a reconhecê-los como seus. As pessoas são acometidas de males aos quais não conseguem resistir, tornam-se vítimas fáceis nas mãos do Diabo e por isso sujeitas ao exorcismo⁶⁰ como forma de livramento e expiação de suas fraquezas. Como já foi dito, medo e terror rondam os cristãos, que em toda a parte suspeitam de adoradores de Satanás; a história do Diabo justifica as perseguições aos judeus, aos feiticeiros e abre prerrogativas para a “caça às bruxas” na Europa moderna. Ao longo dos

⁵⁸ Link, Luther, *O Diabo: a Máscara sem Rosto*, São Paulo: CIA das Letras, 1998: “Na prática, os diabos que infestavam cada aspecto da vida humana, provocando desde sangramentos nasais até inveja, eram de longe o mais comum. Os inúmeros pequenos agentes do Diabo eram imaginados na Idade Média de um modo bem parecido com aquele como imaginamos os micróbios hoje em dia – sempre potencialmente presentes e malignos.”

⁵⁹ Oliva (p. 103), recomenda Jacques Le Goff, *O Imaginário Medieval*, segundo o autor “‘estudar o imaginário de uma sociedade é ir ao fundo da sua consciência e da sua evolução histórica’, declara-se convencido de que no centro do imaginário medieval está Satanás, ‘a principal criação do cristianismo na época da Idade Média longa’, que ele situa entre os séculos III e XIX.”

⁶⁰ Russell: “A possessão é um dos meios mais comuns que Satã usa para obstruir o Reino de Deus. Habitualmente, os demônios, servos de Satã, praticam a possessão, embora na literatura joanina o próprio Satã o faça.” p. 240.

séculos, o Diabo torna-se mais respeitado e poderoso, e em troca de satisfações os homens fazem pactos com ele:

Os motivos pelos quais os homens podem ser primeiramente desencaminhados pelos demônios ...: a própria experiência, para nossa grande perdição e flagelo, fornece-nos dolorosas provas que Satã apodera-se de tantas oportunidades para iludir e destruir o gênero humano quantos humores e emoções naturais diferentes existem na índole humana. Aqueles que se abandonam às suas luxúrias e ao amor, ele seduz oferecendo-lhes a esperança de satisfazer-lhes os desejos ou se eles estão curvados sob o peso da pobreza cotidiana, ele os atrai com uma vasta e abundante promessa de riquezas ou se os tenta mostrando-lhes os meios de se vingarem quando estiverem enfurecidos por alguma injúria ou dano recebidos, em resumo, por qualquer outra depravação ou prazer em que se tenham pervertido, ele os arrasta para dentro de sua soberania e os retém como se estivessem destinados a ele.⁶¹

Os jovens monges são instruídos que não só calamidades, tormentos e doenças, mas também ruídos inesperados, como o farfalhar das folhas e o gemido do vento, devem ser atribuídos a artifícios diabólicos. Como auxílio aos sacerdotes, os teólogos enumeram uma série de indicativos da possessão diabólica⁶².

Como já foi dito, os sermões enfatizavam sobremaneira os ardis do Diabo, suas ciladas e as muitas formas de impingir o Mal. O fato de ninguém ter visto o demônio não enfraquecia os argumentos sobre ele, pelo contrário, mais despertavam o pavor. Num de seus sermões, o franciscano Bertoldo de Regensburg reforça esta idéia:

⁶¹ Nogueira, Carlos Roberto, *O Diabo no Imaginário...*, 1986, cita Rémy, N., *Demonolatry (1957)*, London, John Rodker, 1930.

⁶² Nogueira faz uma relação dos sinais, pp. 49-52: “quando o indivíduo apresentasse fisionomia assustada, olhar espantado e aspecto hediondo; quando não conseguisse pronunciar o Santo Nome de Jesus ou de qualquer outro santo, nem cantar os Salmos “Miserere mei Deus”, “Qui habitat”, o Evangelho de São João que começa com “No princípio era o Verbo...” e outras coisas semelhantes; quando se expressasse em grego, latim ou outro idioma que não tivesse aprendido ou realizasse coisas que não haviam lhe ensinado; caso ficasse mudo, surdo, lunático ou cego, sinais que as Escrituras assinalam como de possessão; quando por algum motivo secreto deixasse de praticar os serviços divinos ou ir à Igreja ; quando se mostrasse perturbado ante os Sacramentos aplicados pelo padre; quando, ao ser exorcizado, se contorcesse e fizesse meneios com o corpo e os membros, inadmissíveis numa criatura; e quando o demônio lhe tivesse aparecido antes de ter idéia de que estivesse possesso. Aliando-se aos sacerdotes, os médicos evidenciaram outros tantos sinais de possessão: quando os médicos não conseguissem descobrir ou conhecer uma doença; quando se tornasse sexualmente impotente; quando, na presença do sacerdote, tivesse dificuldade para encará-lo ou ficasse inquieto; entre outros.”

Mas irmão Bertoldo, tu dizes muito para nós desses demônios e de seus inúmeros ardis, e nós nunca vimos sequer um demônio com os nossos olhos, nem ouvimos nenhum, nem o tocamos nem o sentimos. Vede! Este é em verdade o pior mal que eles podem fazer a vocês; pois, uma vez que viram apenas um diabo tal como é, então, seguramente, nunca cometeriam sequer um pecado novamente. Eles estão aqui neste lugar aos milhares, mas tão dissimulados que vocês não os vêem. Pois, se vocês os enxergassem, apenas uma vez, nunca mais pecariam, uma vez que eles são tão medonhos que se os enxergássemos, apenas um deles, como verdadeiramente é, todo o gênero humano morreria de pavor. (NOGUEIRA, 1986, p. 52)

A Idade Moderna é inaugurada com um terrível medo de Satã e a difusão da imprensa ajuda a acrescentar detalhes ao quadro já horripilante da figura do Diabo. Nos discursos, seu nome é muito citado, e fala-se mais nele do que em Deus. Lutero, em um de seus sermões, atrai as atenções para o demônio de forma assustadora:

Nós somos corpos submetidos ao Diabo, em um mundo onde o Diabo é o príncipe e deus. O pão que comemos, a bebida que bebemos, as vestimentas que usamos, até o ar que respiramos e todos os pertences de nossa vida corporal, fazem parte de seu império. (IDEM, p. 77)

Nas camadas mais populares, em muitos momentos, a figura do Diabo assumiu o papel de benfazejo ou debochado, enquanto que no meio erudito desenvolveu-se como medonho e terrível⁶³.

A Idade Contemporânea continua a desenhar o perfil do demônio nas mais diferentes culturas, mesmo no próprio século XX; em anos mais recentes, traz manifestações religiosas que Weber imaginava, não transporiam as barreiras do século XIX, pelo desenvolvimento de uma sociedade altamente racional. Ao contrário, este fim de século tem surpreendido os pesquisadores pelo excesso de religiosidade que beira ao irracional, e explica a realidade pela atuação do Diabo e/ou espíritos, que na prática, traduz-se em sincretismo e possessão.

⁶³ Oliva comenta sobre os dois diabos existentes no Velho Mundo: “O Diabo erudito e o Diabo popular. O Diabo dos teólogos, pregadores e inquisidores – medonho, terrível, libertino, obscuro, assustador e, sobretudo poderoso – é impiedosamente perseguido pela Santa Inquisição numa infatigável caça às bruxas, feiticeiros e judeus desde o fim do século XIII. (...) O Diabo popular são demônios domesticados, familiares, a serviço de bruxas e feiticeiras que os conservam escondidos pelos cantos da casa, ou presos em garrafas ou anéis.” p. 92.

O neopentecostalismo, desenvolvido principalmente nos últimos vinte anos nos países de terceiro mundo, parece ter como uma de suas características mais relevantes o fato de ter conseguido adaptar-se e, de certo modo, renovar-se através do contato com as concepções “populares” sobre o mal e sobre os espíritos de possessão, presentes nestas sociedades. O seu desenvolvimento tem sido, podemos dizer, essencialmente sincrético, ou, em outros termos, “embebido” nas práticas sociais e rituais correntes.⁶⁴

Em seu artigo, Birman comenta os levantamentos feitos através de entrevistas com membros da IURD, e do quanto a fala dos fiéis é comprometida com o universo diabólico e dos espíritos. Quase todos os entrevistados tiveram envolvimento com práticas de magia, cultos espíritas, umbanda, candomblé, que são cultos de possessão e ainda vivem em torno deste mundo, mesmo após a conversão ao pentecostalismo, pois sentem-se ameaçados por tudo que o Diabo representa de ruim e pela evidente potencialidade deste em interferir em suas vidas. A atuação do demônio, na maior parte das vezes, é acompanhada de situações de possessão, mas este fenômeno é entendido pelo fiel como algo natural; há aceitação da possessão como um fato que pode ocorrer cotidianamente: convive-se com a idéia do espírito das trevas, mas este tem de ser “amarrado”, ou seja, está sempre próximo, contudo, sem poder agir, salvo se a conduta do crente der “brechas” para o maligno. A luta entre o bem e o mal é diária e sem tréguas. *“É impressionante o número de pessoas que duvidam das forças ocultas. Acham graça, zombam mas, na verdade, estão se arriscando a acabarem vítimas de algum trabalho.”* (MACEDO, 1996).

Como já foi dito no Capítulo II, Macedo recupera uma imagem de Diabo que é central no Cristianismo, porém, ele lhe dá renovadas forças em pleno século XX, em meio a grandes crises sociais. Por isso, antes de trabalharmos propriamente com a idéia de mal ou Diabo no Cristianismo, logo, também presente em seus livros, tratamos de alguns temas centrais com a intenção de tornar seu pensamento mais claro. A imagem do que é, que características têm

⁶⁴ Birman, Patrícia, *Males e Malefícios no Discurso Neopentecostal*. IN.: O Mal à Brasileira (Rio de Janeiro, 1997), p. 63.

esse Diabo e qual seu campo de atuação, ficam mais evidentes quando compreendemos o corpo de valores subjacente à sua obra. Afinal, se temos uma configuração em que há uma luta constante entre o bem e o mal, com a participação importantíssima do fiel como enfrentador do Diabo, também é necessário que este mesmo fiel seja encorajado nas lutas diárias a permanecer firme em Cristo. Precisa beber da palavra da Bíblia, da palavra proferida nos cultos e da palavra escrita nos livros.

A Palavra é fundamental na estrutura do discurso religioso, ela coloca em ação tudo aquilo que faz parte da crença do fiel. A palavra é o elemento de ligação entre o fiel e o mundo divino. É especialmente importante, uma vez que através da palavra todas as coisas foram criadas por Deus. Cristo, o Verbo, fez-se carne. Verbo é ação. Porém, quando nos referimos ao discurso religioso há que se considerar também o sujeito do discurso e seu receptor. Aquele que profere o discurso o faz em nome de Deus, não ocupa o lugar de Deus, mas fala em Seu nome. Aquele que recebe, tem no locutor uma autoridade que reconhece e a legitima na aceitação da palavra. Está formado o elo que permite a relação de troca entre os interlocutores.

Contudo, esta troca é desigual, pois estão acontecendo ações discursivas a partir de dois planos diferentes: aquele que fala em nome de Deus, o faz do plano espiritual, sendo que o ouvinte é do plano temporal. Quando Deus manifesta-se através do pastor, este está imerso no sagrado e numa dimensão de características comuns a Deus: imortal, infalível, eterno, infinito. Deus é o locutor. E fala com um indivíduo (ouvinte) que é mortal, falho, finito, dotado de poder relativo.

Em relação ao discurso, adotaremos a tipologia de Eni Orlandi, sobre o funcionamento da linguagem, e trataremos o discurso religioso como um discurso autoritário e que não permite a reversibilidade, ou seja, a troca de papéis na interação que constitui o discurso e que o

discurso constitui. O discurso religioso de Macedo tende a ser monossêmico, mas não inteiramente, uma vez que sua ação não é completamente dominada pelo locutor. A sua fala está dada na relação, mas depende do outro para que ela encontre ressonância e legitimidade.

Ao lançar a palavra, o locutor o faz num determinado contexto histórico:

(...) todo discurso é incompleto e tem seu sentido intervalar: um discurso tem relação com outros discursos, é constituído pelo seu contexto imediato de enunciação e pelo contexto histórico-social, e se institui na relação entre formações discursivas e ideológicas. Assim sendo, o sentido (os sentidos) de um discurso escapa (m) ao domínio exclusivo do locutor. Poderíamos, então, dizer que todo o discurso, por definição, é polissêmico, sendo que só o discurso autoritário tende a estancar a polissemia. (ORLANDI, 1987)

Ao produzir um discurso sobre o Diabo em seus livros, Macedo o está elaborando em um contexto histórico que procura responder aos anseios de seus fiéis e, ao mesmo tempo, tornar o mal algo quase que palpável, possibilitando ao fiel empreender a luta do justo e até mesmo um diálogo agressivo com o demônio. Neste aspecto, os cultos e programas televisivos têm papel fundamental para dar vida ao combate contra o mal; se a palavra escrita alimenta e explica sobre o Diabo, tem função didática, ilustrativa; o exorcismo é a ação, a prática de libertação, é o próprio mito em movimento.

Quando nos referimos à realidade concreta e histórica, há que se considerar que a IURD nasceu em 1977 e cresceu num tempo de recessão no Brasil quando a classe média assiste, inclusive, a um achatamento de seu poder aquisitivo, onde as desigualdades sociais estão cada vez mais acentuadas. Na década de noventa, quando a igreja atinge seu auge, apresenta-se uma situação econômica que não preenche as necessidades básicas de sobrevivência para muitos e para tantos outros não lhes dá conforto, estabilidade e emprego. Não podemos esquecer que a IURD tem crescido em participação na classe média, ainda que seu público mais notório seja de extratos mais baixos da população.

Mas, por que o Diabo faz tanto sucesso nas pregações iurdianas? A transferência das responsabilidades individuais para o plano espiritual e diabólico é algo que já foi comentado: o maniqueísmo pregado pela IURD estabelece o recebimento de bênçãos como algo de Deus e os acontecimentos considerados ruins ou contrários àquilo que o fiel esperava como uma atuação satânica; neste intervalo estão os problemas, que todas as pessoas têm, porém, que não são colocados pela IURD como fatores de crescimento na vida espiritual ou mesmo um exercício de fé e paciência, mas um obstáculo do Diabo na vida do adepto da Igreja.

Por outro lado, outros fatores interferem nessa aceitação dos malefícios demoníacos como um ato sempre presente no mundo e a explicá-lo: no Capítulo I, quando tratamos do pentecostalismo, suas origens e expressões no Brasil, um dos pontos que chama a atenção atualmente é o fato de o pentecostalismo, em algumas igrejas, estar-se acomodando ao mundo. A IURD é uma das igrejas que estimula o fiel a buscar o conforto material sem preocupar-se muito com a eternidade pregada por Cristo, dogma que ocupa lugar central na pregação cristã. Então, o papel do Diabo é bastante importante, ele é uma figura que se interpõe entre o fiel e Deus: nessa relação há o fiel iurdiano, o Diabo e Deus, sendo que muitas vezes o poder de Satanás parece igualar-se ao de Deus, dada a ênfase em suas obras. É como se as palavras de Lutero no século XVI fossem transpostas para o XX: *“Somos corpos submetidos ao Diabo.”*

O parâmetro do mal é o Diabo, por sua importância fundamental no relacionamento entre Deus e o fiel. Ao mesmo tempo que propiciou o mal no mundo, ele é aquele que continua a alterar o curso dos acontecimentos através de guerras, maldade, desemprego, violência, brigas, separações de casais, homossexualismo, envolvimento com drogas, alcoolismo e tantos outros males. Apesar de todos os problemas que podem envolver uma pessoa, as atenções dos indivíduos estão cada vez mais voltadas para necessidades de consumo

colocadas em evidência a todo o instante, pelos meios de comunicação dos mais variados, despertando a vontade de ampliar o círculo de necessidades para a sobrevivência ou uma vida digna. Neste ponto, muitas vertentes do pentecostalismo mantêm-se fiéis à idéia de felicidade no paraíso, com Cristo, mas o advento do neopentecostalismo traz consigo a liberdade de ser e ter, que para muitos abre um caminho para o sucesso, riqueza, propriedade. Uma sociedade capitalista, embora alardeie o direito de todos a um lugar ao sol, não tem como suprir os sonhos de consumo de uma massa cada vez maior e mais excluída pela tecnologia, pelo desemprego, pela ausência de uma política de saúde ou lazer.

Então, o que Macedo também oferece em seu discurso é uma explicação que não considera a divisão de classes sociais e desigualdades geradas pelo capitalismo, mas uma forma ativa de combate contra as adversidades, através da luta contra o Diabo. Como foi colocado anteriormente, nem sempre o resultado é a favor de uma condição melhor de vida, contudo, não há como negar que o fiel tem seu dia a dia organizado, direcionado para uma estrutura que lhe possibilita uma pequena poupança ou aquisição de bens de consumo com um dinheiro que antes seria gasto com cigarros, bebidas, drogas. Faz parte do corpo de valores da IURD promover um discurso falado e escrito que provoque bom ânimo no fiel e uma busca constante de melhores condições de vida dentro da perspectiva capitalista.

No meio desta relação agressiva, ocorre uma troca simbólica: exorcismo, doação de tudo que o fiel tem para receber a graça, banalização do Diabo e muitas vezes a recorrência ao mesmo ciclo, já que os problemas retornam ou surgem novos motivos para preocupações. Esta troca tem por objetivo a busca da bênção e a libertação: o Diabo é o mal e o mal é violento, cruel, sórdido, mas ainda assim precisa estar presente cotidianamente, expressando para o fiel onde está seu problema, seja financeiro, de saúde, conjugal ou afetivo.

Este mal, para ser explicado, precisa ter um sentido familiar aos seus leitores. Como veremos, o mal, para Macedo, expressa-se através das religiões afro-brasileiras e pela Igreja Católica, embora essa segunda, de forma menos acentuada⁶⁵. Normalmente os fiéis da IURD provêm do espiritismo, umbanda, candomblé ou são ex-católicos, que alegam não ter encontrado resposta para suas angústias pessoais no catolicismo. Estavam no engano, na mentira, por isso, suas vidas não eram resolvidas. Por isso, precisam ser exorcizados.

3.2. Exorcismo

Um dos elementos principais na IURD é a possessão seguida do necessário exorcismo. Considerando as narrativas míticas acerca do caos gerado no mundo pela interferência do demônio, é visível que ele se mantém nos rituais e experiências da IURD. O binômio violência/gestos é utilizado para envolver o fiel e colocá-lo em posição de aceitação das mensagens com forte conteúdo emocional, ao mesmo tempo que lhe arma de coragem para enfrentar o demônio.

Não basta, portanto, fazer do mito o sentido vivido de um grupo, o sistema de representação que torna a prática imediatamente significativa; é preciso também indicar as funções particulares que ele preenche enquanto instância particular. (ANSART, 1978)

Por isso, tem-se um demônio para cada situação específica: miséria, brigas, desemprego, morte, fracasso, solidão, insônia, separação, doenças e tantos outros. É preciso que o mito atenda às necessidades particulares de cada um que busca a IURD. Como foi dito anteriormente, provavelmente aquele que busca uma igreja com estas características já

⁶⁵ Tema que já foi tratado no Capítulo II, item 2.3.1.

acredita que o Diabo pode agir em sua vida. Ocorre uma acomodação das informações que o fiel traz para a igreja com as que recebe. Há um entrelaçamento de idéias que lhe mostram como deve funcionar o seu mundo dali em diante.

Mas, este entrelaçamento tem conflitos. Também dentro da Igreja estes ocorrem e precisam ser administrados. O que procura dar conta das desigualdades e falta de solução para os problemas é o discurso do culto, do livro, do jornal semanal, que necessita manter acesa a chama de esperança para o fiel. Enquanto muitas igrejas têm uma preocupação com o homem no sentido genérico e que ele precisa estar em uma igreja, a IURD quer atrair este homem ou mulher para a **sua** igreja. Lá chegando, ele compartilhará de uma experiência comum de êxtase místico que o prepara para ouvir e aceitar o discurso que passará a organizar sua vida. Os ritos renovam o fiel, como expressou Durkheim muito bem, e a leitura dos livros funciona como um elemento de reforço ao discurso dos cultos e toda a prática diária do fiel. Quem lê os livros de Macedo são os membros de sua igreja, que passam a ter um maior esclarecimento de tudo o que o Diabo e seus demônios podem fazer:

São os espíritos imundos inteligentes, que têm tomado a mente das pessoas e as têm escravizado, com toda sorte de pensamentos contrários a Deus. São eles os promotores de filosofias, tais como comunistas, fascistas, nazistas, imperialistas, enfim, toda a sorte de idéias que contrariam a Palavra de Deus. (Mensagens, p. 133)

Além de combater incessantemente o Diabo, o fiel ainda tem de lutar contra os espíritos imundos inteligentes. Neste imaginário tão povoado de demônios e espíritos malignos, o Diabo parece ser muito mais forte que o cristão, só perdendo para Deus. “*Os demônios formam um reino (Marcos 3.22-26) que se opõe ao reino de Deus e se manifesta visivelmente na possessão diabólica.*” (O Diabo e Seus Anjos, p. 19)

Todo o assédio empreendido pelo Diabo traduz-se em possessão. Segundo Macedo, em passagem já citada, o simples fato de alguém não aceitar a atuação do demônio pode ser sinal

de possessão. Neste momento, além de advertir o fiel sobre a influência diabólica, Macedo exerce um papel importante explicado por Ansart: o da competência no manejo da recriação oral da narrativa. A grande maioria não terá acesso ou conhecimento suficiente do assunto tratado e do simbolismo envolvido, obrigando-se a permanecer na dependência das informações de alguns membros do grupo. Forma-se uma hierarquia interna que na prática é a desigualdade.

O mito participa da renovação de uma certa ordem, de uma certa hierarquia, e, portanto, de uma certa espoliação dos dominados: o mito responde a uma violência em potencial impondo sua própria violência e legitimando-a. (ANSART, 1978, p. 30)

Biblicamente, qualquer um, em Nome de Jesus, pode expulsar demônios. Mas o fiel acaba tornando-se parte do ritual e dele sente falta como forma de renovação de sua fé, como sopro que lhe dará vida e purificará seu corpo e sua alma dos espíritos malignos, conforme Macedo: *“Expulsando-se o chefe, a pessoa fica curada, pelo menos naquele momento.”* (O Diabo e Seus Anjos, p. 56)

Nem sempre ocorre o que é propagandeado pela IURD. Faz-se necessário, então, explicações sobre a cura que não ocorre, o demônio que não é expulso, a situação financeira que não melhora, embora muita contribuição seja feita para a igreja. É um momento delicado em que o discurso tem que ser resolvido, sem contradição aparente, na mente do fiel. Por que a libertação não acontece definitivamente? Por que há recorrência? Segundo o próprio Macedo, alguém que leva Jesus a sério não pode ser um endemoninhado, porém, muitas vezes a pessoa volta a cair na igreja pela possessão demoníaca porque deu “brecha” para o Diabo através de sua conduta ou falta de fé. Nas suas palavras:

Quanto ao homem insensato, quando o diabo investe contra ele, ou foge com medo, ou então aceita uma aliança. Nesses casos, o diabo o faz de “cavalo”, “burrinho”, “porteira”, “aparelho”, etc. (Orixás, Caboclo e & Guias: Anjos ou Demônios?, p. 118)

O Diabo é apresentado quase que como uma figura palpável, visível, com quem se pode dialogar. As imagens evocadas por Macedo, de luta, aliança, fuga pelo medo, aparentam uma relação transparente entre os demônios e os homens, de extrema familiaridade.

Aconselha-se o uso na prática do “exorcismo”, de linguagem e ações familiares ao indivíduo da ação. Isso funciona como um código na comunicação com tal pessoa. (O Diabo e Seus Anjos, p. 55)

A comunicação é com o demônio ou com indivíduo endemoninhado? Linguagem familiar significa vocabulário ou língua/idioma? Por que a linguagem familiar? Considerando o fenômeno de catarse e os elementos de auto-sugestão estimulados pela igreja, como o culto da meia-noite, em que se faz silêncio absoluto até que o demônio se manifeste, até que ponto não é preciso que a pessoa e não o demônio entenda o que se passa? Há possessão ou sugestão? Não há como definir exatamente o que ocorre, mas tendo em mente as circunstâncias em que acontecem os cultos da IURD é possível apontar para o sugestionamento como forma de possessão. Conforme citado anteriormente, Girard descreve o transe de algumas tribos primitivas e como as danças, os cânticos e o ritmo frenético dos corpos se assemelha à possessão, com gritos e desmaios dos participantes.

Um outro ponto recorrente na IURD e também nos livros de Macedo é a compreensão das doenças como oriundas do Diabo: *“A ênfase da ação dos apóstolos recaía sobre a cura e os demônios eram quase sempre associados às doenças.”* (O Diabo e Seus Anjos, pp. 19-20)

Num tempo em que muitas informações sobre as doenças não eram conhecidas. Esta colocação nos informa de um imaginário que remonta à Idade Média e início da Moderna, quando, inclusive médicos, ao não saberem a causa de uma moléstia, supunham a influência

do demônio, quando não diagnosticavam como possessão. Mas, há um outro fator a ser considerado: o alto preço da saúde em um país como o Brasil. A própria ciência já admitiu que o exercício da fé pode liberar líquidos que atuam positivamente sobre a saúde do doente, mostrando um quadro de melhora.

Sobre a origem do mal, Macedo informa que ela é totalmente ligada ao espiritismo nas suas mais diversas formas:

O espiritualismo é dualista, pluralista, teísta, panteísta e agnóstico. É o espiritismo com um nome mais sofisticado. É doutrina de demônios. Aceita a reencarnação e a evolução do espírito. (Libertação da Teologia, p. 30)

Uma vez localizada nos cultos afro-brasileiros e no espiritismo de Kardec, a problemática do mal que a sociedade tem de enfrentar, ao menos no Brasil, é colocada a nu, assim como o inimigo a ser combatido. De um modo geral em seus livros e, mais especificamente em *Orixás, Caboclos & Guias: Deuses ou Demônios?*, todo o texto é voltado para a prática dos cultos de possessão: espiritismo, magia, umbanda, candomblé e males oriundos deste envolvimento. Num texto que resume em duas páginas a história do demonismo da Idade Média aos nossos dias, a idéia sobre o espiritismo vem à tona:

A Igreja dos primeiros séculos era bastante otimista e confiava plenamente na sua fé e no triunfo da mesma, de sorte que o poder de Satã não lhe metia medo. Qualquer cristão se sentia com capacidade para se opor ao diabo. A permissão dada por Deus aos demônios de colocar os cristãos à prova era simplesmente para que os mesmos fossem envergonhados e para que os cristãos reforçassem a sua fé. Com a institucionalização da Igreja, os imperadores passaram a editar leis que proibiam as práticas chamadas pagãs. Dessa maneira, sob forte perseguição da Igreja Romana, os deuses pagãos foram transformados em demônios, à medida que iam sendo substituídos pelos santos católicos. Aos demônios foram emprestadas as imagens que os antigos atribuíam às suas divindades.

Ao lado de muita fantasia sobre esse assunto, que inclui batalhas fantásticas de santos e padres contra seres demoníacos, a Igreja Católica, já no final da Idade Média, considerou “endemoninhados” aqueles que se insurgiam contra o seu poder temporal. A “Santa Inquisição” tem muito a ver com isso.

Com o advento do espiritismo moderno (1847) o protestantismo, particularmente o popular, passou a considerar na sua relação de demônios, os chamados “espíritos desencarnados”. O

entendimento é que os “mortos” que se comunicam com os vivos sejam demônios disfarçados, buscando relacionamento com o homem. Acredita que por serem espíritos sem corpos, os demônios necessitam de corpos a fim de poderem se expressar na nossa dimensão; daí o seu anseio constante de incorporar nas pessoas e, na falta destas, até em animais. (O Diabo e Seus Anjos, pp. 33-34)

Ao mesmo tempo que combate todo o universo espírita, Macedo reforça a existência de entidades à procura de corpos para possuírem, dado o volume de referências que faz a este problema, não só em seus livros, mas também, nos programas televisivos. A IURD trata deste tema como algo concreto e real. Chama de inverdades com capa de cristianismo e com certeza grande parte de seu alcance de público está ligado ao grotesco e sensacionalista universo da expulsão das entidades afro-brasileiras:

Creio que há um demônio chamado “exu tradição”, que penetra sorrateiramente, obrigando os membros da Igreja a atentarem tão-somente para usos, costumes e normas eclesiásticas, de modo que entre a fraqueza espiritual na comunidade e esta se esquece dos princípios elementares da fé. (...) Quando ao tradicionalismo com suas cerimônias vãs, sua preocupação em construir templos suntuosos para serem ocupados por duas horas por semana, seu envolvimento político-partidário ou em outro extremo, total alienação política, despreocupação pela libertação dos oprimidos do diabo, toma conta de uma denominação evangélica, os líderes, sem que muitas vezes o saibam, estão cedendo terreno para os espíritos enganadores e mentirosos, causando o enfraquecimento da igreja, tornando-a frágil, debilitada e doente. (...) Graças a Deus, pertenço a uma igreja que, embora tenha suas imperfeições, fundamente a sua fé no poder de Deus. (Orixás, Caboclos & Guias: Deuses ou Demônios? pp. 120-121)

Neste trecho, o autor aponta o problema das igrejas como sendo principalmente espiritual. Novamente, ele não só utiliza como recurso o discurso espírita, mas ainda cria uma outra entidade que serve aos seus propósitos: o “exu tradição” e, também alimenta a agressividade e intolerância de seus fiéis em relação às outras igrejas evangélicas, históricas ou não, que não conseguem “resolver” os problemas de seu povo e estão cegos por influência maligna, por posições políticas ou por preocupações estéticas com seus templos. A IURD está fundamentada no poder de Deus e isto faz toda a diferença, segundo Macedo. Parece sugerir uma linha divisória entre a IURD e as outras igrejas. A IURD não teria a postura acima

mencionada; sua atuação e preocupação seriam constantes com os homens e mulheres sob as garras de Satanás.

3.3. Elementos Formadores da Figura do Diabo

Qual o cerne do mal para a IURD? O que traduz a idéia de Diabo nos livros de Macedo? Ou como perguntávamos no começo desta pesquisa, que Diabo é este?

Tanto o discurso falado quanto o discurso escrito de Macedo tem como ponto central o espiritismo e aquilo que ele chama de suas variantes: candomblé, macumba, umbanda e quimbanda. Também é perceptível o antagonismo em relação à Igreja Católica, embora seja com menor ênfase quando comparada às religiões afro-brasileiras.

Sobre as religiões afro, o autor coloca como referência seus muitos anos de experiência no pastorado, acompanhando o sofrimento de pessoas que procuravam a sua Igreja buscando informações e soluções para diversas situações que envolviam sentimentos, dinheiro, dores e doenças, brigas na família, desavenças e muitos outros. O ponto central é que a maioria destas pessoas apresentava passagem pelo espiritismo e religiões afro-brasileiras. A recorrência deste quadro tem mantido Macedo numa posição bastante rígida acerca dos malefícios que advêm sobre as pessoas que se deixam levar por estas práticas. Também enfatiza em seus livros que a IURD *“foi levantada para um trabalho especial, o qual se salienta pela libertação de pessoas endemoninhadas.”*⁶⁶ Esta é sua missão no mundo enquanto igreja.

Quando trata do Diabo, Macedo é minucioso, descrevendo desde o primeiro contato do indivíduo com o espiritismo, a necessidade pregada nos centros de que a pessoa precisa se “desenvolver”, a angústia que leva a caminhos tortuosos ao ponto do adepto fazer despachos

nas encruzilhadas e até mesmo envolver-se em rituais com sacrifício humano e de animais. Faz um paralelo com o sacrifício de Cristo que já ocorreu para salvar o necessitado e que ninguém mais depende destes expedientes para conseguir uma vida melhor.

Sobre este assunto, seu principal livro é *Orixás, Caboclos & Guias: Deuses ou Demônios?* em que procura responder positivamente que estas entidades são malignas, representam o mal, o Diabo e seu demônios, portanto, com a intenção real de roubar, matar e destruir a vida das pessoas cotidianamente.

Já apontamos a familiaridade da argumentação de Macedo: suas explicações sobre a atuação do Diabo se apropriam de um universo que outrora foi o universo do fiel, porém, toda a prática anterior é revertida em mal. O livro citado é dedicado a todos os pais e mães-de-santo do Brasil. Pretende ser uma advertência, uma retirada de vendas dos olhos de pessoas que, sem saber o que fazem, praticam o mal, e, àquelas que têm conhecimento do que significa o envolvimento com espíritos com intenções malignas contra alguém, como por exemplo, na quimbanda. Macedo não faz diferença entre espiritismo, candomblé e quimbanda, mas mostra que os adeptos sabem o significado, por exemplo, da quimbanda, que é magia negra, já que a procuram para separar casais ou encomendar a morte de alguém.

Através da leitura das fontes, fica mais claro os elementos que formam o Diabo iurdiano. Ele não é diferente daquilo que a Bíblia apresenta, inclusive, Macedo cita diversas passagens que mostram a atuação do demônio, mas, para Macedo, a obra de Satanás é muito mais acentuada, vivenciada todos os dias. O convívio com o Diabo como elemento desorganizador deve manter o fiel em constante estado de alerta, já que o Diabo está pronto a destruir, enganar, arrasar, fingindo ser propiciador de boas obras, mas querendo afastar o homem de Deus. É invejoso, causa fome, moléstias, misérias. Os demônios, segundo Macedo, estão a serviço do Diabo, são espíritos sem corpos que necessitam dos mesmos para se

⁶⁶ Macedo, Edir, *Orixás, Caboclos & Guias: Deuses ou Demônios?*, 1996.

expressarem, sem os quais pouco podem fazer. Logo, estão constantemente à procura de pessoas para possuírem. Sendo o mal iurdiano expresso, principalmente, pelo espiritismo e religiões afro-brasileiras, também Macedo explica em detalhes como ocorre a sua atuação ou como os demônios se apoderam das pessoas.

Uma das possibilidades de envolvimento com o demonismo é o encaminhamento das pessoas por falsas religiões que têm sua origem no espiritismo. Tudo começa com a tentativa de resolver algum problema e nesta busca, homens e mulheres recorrem a terreiros, sortistas, pais-de-santo e oferendas para conseguir graças. Após este envolvimento inicial vem a necessidade do indivíduo “desenvolver” sua mediunidade. Com a participação nas reuniões, as consultas com os guias, com o tempo, o indivíduo é convencido de que precisa “fazer a cabeça”, que é entregar seu corpo para receber alguma entidade.

Umbanda, Quimbanda, Candomblé, kardecismo, Bezerra de Menezes, Esoterismo, etc., são apenas nomes de seitas e filosofias usadas pelos demônios para se apoderarem das pessoas que a eles recorrem, ora buscando ajuda, ora se envolvendo por mera curiosidade. (Orixás, Caboclos & Guias, p. 44)

Claro está em sua obra que, aquilo que não possui cunho cristão, é rechaçado como vã filosofia; até no cristianismo, Macedo faz ressalvas negativas alegando que muitos cristãos sinceros vivem anos oprimidos por demônios e com suas vidas sob o jugo de Satanás porque:

A culpa, muitas vezes, reside nos líderes evangélicos que não ministram o poder de Deus na vida das pessoas. Pregam apenas o “evangelho chocolate” ou “água com açúcar”, e não libertam verdadeiramente as pessoas da influência dos demônios. (IDEM, p. 102)

Segundo Macedo, ao longo destes anos, a IURD tem recebido católicos fervorosos, evangélicos envolvidos sinceramente com a sua igreja, mas que não conseguiam libertação; ao procurar a IURD, os motivos reais do sofrimento vieram à tona (normalmente,

envolvimento, no passado, com algum tipo de espiritismo ou ocultismo) e estas pessoas são libertas do Diabo, pois este é o principal ministério da igreja.

Ao mesmo tempo em que é dada uma ênfase muito grande, pela IURD, na atuação do Diabo na sociedade, a explicação sobre o mal oriundo deste universo espírita, afro e esotérico também serve como exemplo para combater determinados comportamentos que não devem ser alimentados pelas pessoas, e de valores que devem ser preservados, como o casamento e a família. Para esclarecer seu raciocínio, Macedo conta uma pequena história:

Vejamos um exemplo: uma mulher inspirada pela pomba-gira se apaixona por um homem casado e procura a Umbanda, Quimbanda ou Candomblé para resolver o seu problema. Fala com um pai-de-santo ou uma mãe-de-santo, que incorpora um guia, e promete a solução desejada pela consulente. A mulher conta o seu drama e pede que o guia afaste a esposa do seu amante, no que ele responde que fará isso. A pessoa, no entanto, tem de presenteá-lo com uma garrafa de cachaça e muitas coisas mais. Passados alguns dias, acontece alguma coisa com a esposa daquele homem, desde um ataque de loucura até um acidente que a leve à morte e, aí, os dois passam a viver juntos.

O que o novo casal não esperava é que os demônios passassem a conviver com eles. As constantes rixas e brigas intensas, seguidas de doenças e infelicidade acabarão por destruí-los. Ela começa a sofrer uma série de enfermidades; ele perde o emprego; as crianças vivem doentes; surgem os problemas íntimos, as brigas, as discussões... até que se separam.

Assim termina tudo que é conseguido mediante trabalhos na bruxaria. Nenhum demônio, por mais “bonzinho” que pareça, faz algo que ajude alguém. Ele não tem nada para dar; é enganador, traiçoeiro e mentiroso. (Orixás, p. 104)

Dentro de um mundo maniqueísta, como o apresentado por Macedo, há também um conjunto de valores que é transmitido junto com a idéia de mal ou Diabo. Como foi visto acima, este exemplo ilustra passo a passo como pode ocorrer a desestruturação de uma família devido ao envolvimento com a bruxaria e, ao mesmo tempo, mostra como deve ser um relacionamento entre um casal, exortando também à fidelidade conjugal e manutenção da família. Ao longo de sua obra não são raros os momentos em que Macedo utiliza-se do Diabo para estabelecer normas de conduta para o seu leitor, estabelecendo um contraste entre o comportamento daquele que se deixa acompanhar por Satanás, conscientemente ou não, e

daquele que busca afastar-se de tudo faz parte do mundo diabólico. No que se refere ao mal, seu reforço recairá, certamente, sobre as religiões já citadas, como o meio mais comum e destrutivo de alguém se deixar agarrar pelo demônio. São apresentados os dois caminhos possíveis ao homem: do bem e do mal. A preocupação de Macedo está em mostrar ao seu fiel e leitores, as estratégias usadas pelo Diabo. Conhecendo as armas de Satanás, o fiel tem, diante de si, um padrão ético e moral a ser seguido.

Um universo novo descortina-se para o crente, procurando deixar evidente o tipo de comportamento que não é mais aceitável para alguém que fez uma opção por Cristo e pela IURD. Ao mostrar, através de suas obras, como o Diabo age, Macedo ensina o fiel a resguardar-se do Mal e, ao mesmo tempo, estabelece um modelo de vida que resulta em diminuição da violência social; distancia o adepto do mundo dos vícios, drogas e feitiçarias, organizando o mundo do fiel. São parâmetros religiosos que resultam em práticas sociais. O mundo do qual o fiel deve distanciar-se é representado pelo espiritismo e pelas religiões afro. Sobre este ponto, Macedo faz uma ressalva: este é um problema específico de nossa pátria, o envolvimento do brasileiro com várias religiões e o ponto de vista de que “todos os caminhos levam a Deus”.

Outro ponto que Macedo considera muito importante é como se processa a possessão demoníaca, e isto deve ser sabido por todos, para que estejam atentos às ciladas do Diabo. Já citamos anteriormente os motivos, mas cada um deles requer uma explicação sob o ponto de vista de Macedo.

O próprio Macedo considera “incrível” a possessão por hereditariedade, mas passível de acontecer. Segundo sua avaliação, há pessoas que nunca freqüentaram o espiritismo e sofrem opressão demoníaca. Elas passam por isto porque em gerações anteriores membros da família tiveram experiências com espíritos. Colocado deste modo, a pessoa leva consigo, sem saber,

uma marca (do demônio), que altera o rumo dos acontecimentos em sua vida; o indivíduo herda uma situação espiritual que interfere em seu cotidiano. Para Macedo, quando as pessoas que estiveram envolvidas morrem, os demônios procuram corpos para possuir: *“Por isso, quase sempre os entes queridos, por possuírem certa afinidade com a pessoa que morreu, são os primeiros da lista a ser escolhidos para nova ‘habitação’ dos demônios.”* (Orixás, p. 45)

A idéia de lista é expressiva: quem está na mira dos espíritos infernais? Macedo recorre à passagem de Mateus 8:31 para justificar que o demônios necessitam de corpos para atuarem: *“Então, os demônios lhe rogavam: se nos expelles, manda-nos para a manada de porcos.”*

Esta necessidade, para Macedo, advém do fato de o demônio ser uma “personalidade”, um espírito que deseja se expressar e que anda errante à procura de corpos:

Os demônios, em sua maioria, personificam os males, atuam como espíritos sem cor, sexo, dimensões, enfim, sem corpos. Procuram seres vivos para através deles se exprimirem, e o homem é seu principal alvo. Não possuem corpos, daí viverem se apossando daqueles que não têm cobertura de Deus; são inimigos de Deus e do homem, por ser este a coroa da criação divina. Possuem os homens não somente para afastá-los de Deus, mas também porque desejam se expressar no mundo físico em que vivemos. São entidades espirituais que atuam organizadamente tendo Satanás como chefe. (Orixás, p. 25)

O trecho acima é de tamanho reduzido, mas mostra a grande ênfase que Macedo dá à possessão, que é um dos principais pontos sobre o qual repousa sua doutrina. Para ele, a participação direta ou indireta em centros espíritas também pode levar à possessão. A participação direta ocorre quando uma pessoa vai, de livre vontade, a um “centro” ou procura médiuns, sortistas, adivinhos, para saber de seu futuro ou mesmo a resposta para coisas que estão acontecendo. A participação indireta tanto ocorre pela hereditariedade como pela “entrega” que alguém da família faz de um filho, marido, mulher, etc. Na concepção de Macedo, quando alguém vai a um lugar infestado de demônios, corre o risco de sair

contaminado, caso não esteja preparado para tal situação. Ao ir em centros espíritas, onde os guias estão dando suas consultas, certamente ficará enredado com alguns deles. Os demônios estão ansiosos por corpos para produzir o mal, portanto, quando alguém os procura, muitas vezes ingenuamente, é envolvido por Satanás: quando faz uma consulta ou trabalho para resolver seus problemas está, sem saber, abrindo sua vida para ser usado pelos demônios. É enredado pelo mal.

Ficar infestado, contaminado. É uma idéia forte e geradora de uma imagem clara: alguém contaminado precisa ser separado para não passar sua “doença” para o outro. Esta imagem leva à separação, à exclusão daquele que não é ou não pensa de maneira semelhante. Por outro lado, quando alguém nestas condições vem para o grupo, no caso, a IURD, passará por um ritual de “limpeza” ou purificação, que é o exorcismo.

Trabalhos e despachos são formas fatais para alguém que não goza da proteção espiritual de Deus. Nestes casos, pode ser acometido por males encomendados por outras pessoas para afetar a vida de alguém. Segundo Macedo, os casos mais freqüentes são de pessoas que procuram a igreja para receber socorro espiritual e ficam sabendo de macumbas feitas por seus cônjuges para prejudicá-los.

Outro fator que pode causar a possessão é a própria maldade dos demônios. Macedo cita o exemplo de uma senhora de sua igreja que perdeu um filho com dezessete anos de idade, porque ele, ao passar por uma encruzilhada, deu um pontapé nas oferendas deixadas para os demônios. Nas palavras de Macedo:

Mil e um desastres automobilísticos têm acontecido nas encruzilhadas em que se colocam constantemente trabalhos de bruxaria. Existem os demônios que se dizem responsáveis pelas encruzilhadas e vivem a espreita de quem por ali passe para penetrar naquele corpo e dele se apossar. (Orixás, p. 47)

Também através do contato com pessoas que praticam o espiritismo é possível que ocorra a possessão. Nos locais de trabalho, na vizinhança, nas escolas, sempre encontramos com pessoas direta ou indiretamente ligadas aos espíritos demoníacos, segundo Macedo. Cita o exemplo de pessoas “carregadas”, que num simples contato com outras, transmitem influências malignas e usa expressões populares para explicar esta ocorrência: é o mau-olhado, quebranto, olho de secar pimenteira, pé-frio, azarado e outros. Também crianças que na infância foram levadas pelos pais em rezadeiras e tiveram suas vidas oferecidas a um ou outro demônio.

Querendo evitar a possessão, não deve alguém ingerir comidas sacrificadas aos ídolos.

Macedo faz uma advertência em relação à comida baiana:

Todas as pessoas que se alimentam dos pratos vendidos pelas famosas “bairanas” estão sujeitas, mais cedo ou mais tarde a sofrer do estômago. Quase todas essas baianas são “filhas-de-santo” ou “mães-se-santo” que “trabalham” a comida para terem boa venda. Algumas pessoas chegam a vomitar o que comeram, mesmo que isso tenha sido há muito tempo.

Parece até piada, ou história de crianças, mas aqueles que têm convivido conosco e assistido a nossos cultos conhecem de perto a atuação de satanás e seus anjos, através até mesmo de coisas simples como estas. (Orixás, p. 48)

Por último, na abordagem de Macedo, menciona-se a rejeição a Cristo. Caso uma pessoa conscientemente recuse a proteção de Cristo, não se colocando em sua mãos, está dispondo de sua vida para Satanás. Como argumento, cita uma passagem bíblica: *“Entrai pela porta estreita; larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela.”* (Mateus 7:13)

Todos os aspectos até aqui abordados tratam do mal como uma parte intrínseca ao espiritismo e às religiões afro-brasileiras. Com certeza, é a parte que mais preocupa Macedo ao longo de seus livros, quando vem à tona a atuação do Diabo.

Sobre este aspecto, no próximo item, mostraremos algumas imagens de que Macedo se vale para esclarecer seu fiel acerca do mal. Percebemos que existe uma função didática entre imagem e texto, revelando, instruindo o fiel e leitor, não raras vezes, oriundo das religiões que Macedo claramente identifica como o mal. Retratar o Diabo e sua atuação são formas de colocar parâmetros para o fiel, de estabelecer uma relação rígida entre o bem e o mal, embora em um mundo maniqueísta, onde entidades com forças quase equivalentes disputam o fiel. Mas, estas representações do mal são importantes numa realidade que precisa ser organizada para fazer sentido. O bem e o mal têm seu lugar e função.

3.4. A IMAGEM DO MAL NA IURD

Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem, mal.
Isaías 5.20

As imagens abaixo relacionadas foram selecionadas do livro *Orixás, Caboclos & Guias: Deuses ou Demônios?* porque são entendidas como um retrato a ser mostrado pela IURD daquilo que ela entende como a expressão maior do mal na sociedade brasileira.

Conforme já citado, este livro procura tratar das muitas maneiras como alguém pode ser envolvido nas tramas do Diabo através do envolvimento com o espiritismo e outras manifestações religiosas como as afro-brasileiras. A leitura das fontes não permite deixar de fora o impacto causado pela imagem, quando, ao longo do livro, Macedo expõe, em detalhes, o processo de atuação do Diabo e seus demônios na vida das pessoas.



FIGURA 1 – A foto representa aquilo que seria o começo do envolvimento com os demônios; no texto próximo desta foto, Macedo afirma que a angústia, desespero ou busca de solução para um problema, leva as pessoas, pelo engano, a esta situação.

Legenda – *Tudo começa com uma simples consulta, seguida do conselho para “desenvolver”. Aos poucos, as pessoas vão sendo envolvidas pelos demônios.*



FIGURA 2 – Símbolo utilizado por entidades do Candomblé. No imaginário da sociedade ocidental esta representação, o tridente, vem associada ao Diabo. A cor vermelha remete à idéia de sangue, sacrifício impuro ofertado às entidades.

Legenda – *Convite para uma cerimônia do Candomblé. A cor normalmente usada para tal convite é a vermelha. O tridente do diabo revela o intuito desse ritual.*



FIGURA 3 – Um dos retratos do mal, no sentido literal. A foto é mostrada como fonte segura de informação, tornando também a leitura esclarecedora e apontando os responsáveis pelo demonismo no mundo.

Legenda - *Allan Kardec, codificador do espiritismo moderno, é autor de vários livros que associam doutrinas espíritas com ensinamentos bíblicos, distorcendo as verdades do Evangelho.*



FIGURA 4 – 1848 - em Nova Iorque: segundo Macedo, estas irmãs deram atenção a vozes que ecoavam dentro de sua casa, começaram a brincar com espíritos e tiveram final trágico, pois enlouqueceram.

Legenda – *Irmãs Fox e sua casa de Hydesville: primeiro “contato” com um espírito.*



FIGURA 5 – Recuperando elementos pertencentes às religiões afro, Macedo se apropria de imagens e entidades para explicar ao fiel o que estas figuras devem representar para ele. É a representação do mal. A imagem remete à idéia de luxúria, vício, sensualidade.

Legenda - A pomba-gira causa em muitas mulheres o câncer de útero, ovário, frigidez sexual e outras doenças. À sua atuação atribui-se comportamentos ligados a práticas sexuais ilícitas e outras situações ligadas à sensualidade pecaminosa.

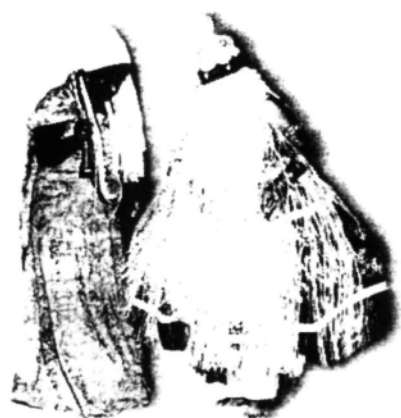


FIGURA 6 – foto de ritual.

Legenda – *No Candomblé, os orixás são “deuses” aos quais se atribuem todos os poderes.*



FIGURA 7 – O adepto é mostrado de joelhos em atitude de reverência ao Diabo. Na mão, o charuto, e em redor, as oferendas aos demônios. A postura corporal mostra a incorporação, logo, submissão ao Diabo.

Legenda – *O homem foi criado à imagem e semelhança de Deus. Não foi feito para sujeitar-se à vontade do Diabo.*



FIGURA 8 – O mal, o Diabo, exige também sacrifício humano como oferenda. Com certeza, a reportagem choca o leitor e enfatiza, eficientemente, situações próprias da atuação diabólica. Propositadamente, a foto de jornal reforça a veracidade do fato, porquanto é a voz de um outro: a mídia, o jornal, que também denunciam o mal.

Legenda – *Alguns casos vêm ao conhecimento do público, porém, a maioria fica encoberta. Assim, os demônios estão atuando com toda liberdade.*



FIGURA 9 – A sujeição das crianças desde pequenas a Satanás. São consideradas como consagradas a Satanás.

Legenda – *Crianças das mais variadas idades são envolvidas com os espíritos pelos próprios pais ou familiares.*



FIGURA 10 – Pelo conteúdo diabólico das religiões afro-brasileiras, Macedo, através da imagem, aproveita para exortar o leitor sobre o desempenho escolar das crianças envolvidas nestes rituais, estimulando seus pais a afastarem-se destas doutrinas.

Legenda – *Essas crianças, por terem sido envolvidas com os orixás, certamente não terão boas notas na escola e serão filhos “problemas” na adolescência.*



FIGURA 11 – A associação das entidades afro com os santos católicos. As aspas permitem observar que para Macedo este reconhecimento por parte da Igreja Católica de alguns mártires como santos é equivocado e não aceito pela sua Igreja.

Legenda – Iemanjá, na Umbanda é a mesma Virgem Maria da religião católica. Muitos outros “santos” são associados aos demônios.



FIGURA 12 – O sangue dos animais oferecido aos demônios, em rituais bárbaros e impuros.

Legenda – Matança de animais, uma das exigências das entidades.



FIGURA 13 – Quando há a percepção da mediunidade em algum adepto destas religiões, haveria a necessidade de “desenvolver-se”. O adepto mostra sua reverência e submissão ao dançar para seu orixá.



FIGURA 14 – Mais uma vez Macedo mostra a pessoa que, pelo envolvimento com forças satânicas, teve fim trágico. A mediunidade representa para aquele que consulta a possibilidade de ter sua vida exposta à ação demoníaca. Macedo, diferentemente do mundo secular ou da

Igreja Católica, não coloca a mediunidade como charlatanismo, mas como um arriscar dos demônios que, às vezes, dá certo. O Diabo é o pai da mentira.

Legenda - *Foto de Daniel Douglas Home, segundo Macedo, "O rei dos médiuns".*



FIGURA 15 – No final este é um caminho que conduz à morte. O envolvimento com este tipo de ritual como expressão de fé leva o adepto a ter consigo muitos demônios a acompanhar-lhe vida afora. Observe-se que o sacerdote está segurando um cálice, como na Igreja Católica.

Legenda – *“Festa de formatura”, onde os adeptos “ganham de presente” uma legião de demônios para “trabalhar” com eles.*



FIGURA 16 – Imagem interessante pelo impacto visual. As feridas abertas são proporcionadas pelos demônios. Chama a atenção o detalhe das feridas nas pernas. Pernas conduzem, levam, fazem o homem caminhar. Elas precisam ser saudáveis.

Legenda – *Muitas vezes, as feridas nas pernas e os aleijões são causados por demônios.*



FIGURA 17 – O suicídio, condenado por Deus, o dono da vida, é uma atuação satânica. Apesar da notícia afirmar que se tratava de um episódio comum, suicídio por distúrbios emocionais, na reportagem a mãe do suicida comenta: “Ele sempre dizia que alguma coisa o puxava para a morte.” O próprio jornal dá credibilidade às afirmações de Macedo.

Legenda – *O rapaz já havia tentado o suicídio duas vezes.*



FIGURA 18 – “Fazer a cabeça” é desenvolver-se, ou seja, permitir completamente a atuação do Diabo, através do recebimento de entidades e do ritual com sangue, segundo Macedo. Em oposição, o sangue de Cristo traz libertação.

Legenda – A feitura da cabeça! Nesse estágio o adepto já fez um pacto com os demônios. Só Jesus poderá libertá-lo.



FIGURA 19 – Uma pequena mostra do sincretismo religioso brasileiro, que traria junto consigo o envolvimento com os demônios. As fotos 18 e 19 mostram vários sinais: o cocar indígena, os nomes de restaurantes, a comida baiana. A herança cultural africana é a representação do mal.

Legenda – Nosso país é cheio de misticismo. A população acredita em muitos deuses. No Pelourinho (Bahia), a maioria das casas comerciais tem nome de orixás.

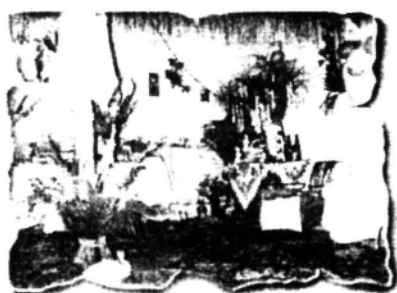


FIGURA 20 – Através da argumentação e doutrina, o adepto destas religiões pensa estar diante de forças benéficas que vão ajudar a resolver seus problemas.

Legenda – As experiências espirituais ou “científicas” realizadas nesses ambientes conseguem atrair o incauto que pensa estar diante de grandes poderes.



FIGURA 21 – Demonstração dos símbolos que, de aparência benéfica e sem nenhum envolvimento com magia, são também representações do mal e dos demônios.

Legenda – *Pirâmides e cristais: o chamado “alto” espiritismo.*



FIGURA 22 – Macedo é radicalmente antagônico aos rituais de preparação e sangue destas religiões, que fazem com que o adepto incorra em erro e sujeição aos demônios. Expressa claramente sua aversão e juntamente com este sentimento a finalidade de uma obra que verdadeiramente mostre as artimanhas do Diabo. No caso, *Orixás, Caboclos & Guias: Deuses ou Demônios?*.

Legenda – *Nesta posição, a iawo vai ficar por sete horas, possessa e toda suja de sangue. Em seguida, passará trinta dias até que aprenda as rezas em nagô e as danças dos orixás.*



FIGURA 23 – O casamento, um ato sagrado, é dedicado ao Diabo. Segundo Macedo, isto já propicia um começo de vida a dois errado e contrário à vontade de Deus.

Legenda – *Até casamentos são realizados nos terreiros.*



FIGURA 24 – O reforço do maniqueísmo: o foco não é a desigualdade de um sistema sócio-econômico injusto e com interesses classistas. Miserável, pobre e com o Diabo. Rico, bem-sucedido e abençoado por Deus.

Legenda – *A miséria se apodera daqueles que se deixam levar pelas armadilhas do diabo.*

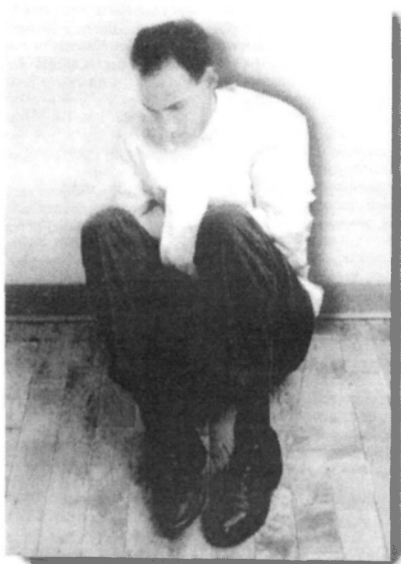


FIGURA 25 – Os problemas emocionais ou distúrbios psicológicos são vistos como ação demoníaca. Com o exorcismo, o problema é solucionado.

Legenda – *As doenças mentais, em sua maioria, são provocadas pelos espíritos que possuem as mentes das pessoas, mudando suas personalidades.*



FIGURA 26 – A relação de obrigação que se estabelece da parte do adepto em relação à entidade. A oferta dos “despachos” demonstra o reconhecimento e sujeição aos demônios.

Legenda – *Todo adepto dos orixás tem a obrigação de “arriar” despachos como este. Alguns com o intuito de fazer o “bem”.*



FIGURA 27 – Pode faltar para o adepto, mas não para o Diabo e seus demônios. Macedo procura evidenciar a exploração feita pelo Diabo sobre seus adeptos.

Legenda – *As iguarias usadas nos despachos, muitas vezes, faltam na mesa de quem oferece.*

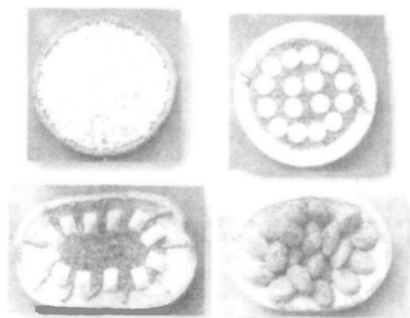


FIGURA 28 – O que os demônios gostam e exigem para fazer a sua parte e submeter o adepto à sua influência. Ao mesmo tempo que Macedo aponta que a entidade representa o Diabo, associa sua identidade no catolicismo. Respectivamente, da esquerda para a direita, superior e inferior: Xangô (no sincretismo: São Lázaro, São Roque e São Sebastião); Iansã (no sincretismo: Nossa senhora da Conceição); Oxum (no sincretismo: São Jerônimo, Santo Antônio, São João e São Pedro) e Iemanjá (no sincretismo: Santa Bárbara).



FIGURA 29 – Na primeira reportagem, um homem é vítima de dois desempregados, que o utilizam em um ritual de magia negra. Na segunda, um bebê de 1 ano e 8 meses tem o corpo perfurado por agulhas, também num ritual ao Diabo. Novamente, o jornal é uma fonte que mostra quão real são as colocações feitas por Macedo. O fato de serem dois desempregados, na primeira reportagem, é importante porque vem ligada ao desespero, ao trágico, ao mal. Pressupõe a busca de solução para os problemas, no engano e na violência representada pelos demônios.

Legenda – *Jornais e revistas publicam quase que diariamente notícias sobre a ação dos demônios nas vidas das pessoas. Apesar disso, ainda há quem não acredite.*



FIGURA 30 – Macedo recorre à idéia de longa duração: estes rituais demonstram a sobrevivência do paganismo como um modo de engano e violência sobre as pessoas, que acham nestas representações uma explicação para sua crença, sem atentar para a remissão no sangue de Cristo.

Legenda – *Desde os povos primitivos, a efusão de sangue faz parte de rituais de sacrifícios.*



FIGURA 31 – Os locais mais propícios para o adepto manter seu vínculo de submissão aos demônios. Os locais preferidos têm ligação com a natureza, o que colabora também para o engano destes cultos: a não-produção do mal. Para Macedo, muitas pessoas ficam iludidas com estas entidades, que se dizem parte das forças da natureza. Na natureza não há mal.

Legenda – Os adeptos dos orixás, crêem que fazendo despachos e trabalhos especiais em matas, cachoeiras, etc., terão os seus corpos fechados e protegidos de todo o mal trazido pelos “espíritos atrasados”.



FIGURA 32 – Com bom humor, didática e base bíblica Macedo mostra ao seu leitor o quanto o Diabo nada pode contra aqueles que a ele resistem. Passagem bíblica: “*Resisti ao Diabo e ele fugirá de vós.*” (Tiago 4:7).

Legenda – *Se temos Deus como nosso Senhor e Salvador, por mais pequeninos que sejamos, é só resistir ao diabo e ele certamente fugirá de nós.*



FIGURA 33 – Búzios: mais uma expressão do mal na sociedade e que conduz ao engano.

Legenda – *O jogo de búzios é muito procurado por aqueles que desejam saber o futuro.*



FIGURA 34 – A foto indica um tipo de comportamento religioso que não é reconhecido pelo Deus cristão como legítimo. A citação bíblica enumera várias práticas que não agradam a Deus. Legenda – *Deuteronômio 18: 9-14.*



FIGURA 35 – Novamente Macedo utiliza-se da herança cultural africana para explicar como o mal ou Diabo estão presentes em nossa pátria, preocupação demonstrada em suas obras e citado anteriormente. Por isso, o livro é dedicado aos pais-de-santo do Brasil.

Legenda – *Em Salvador – BA, as entidades fazem parte do cotidiano da população. Nas praças, esculturas de orixás, como estas, são comuns.*



FIGURA 36 – Não é este o Diabo que atua, segundo Macedo. O atuante é terrível, horroroso. O imaginário popular assim tem representado o Diabo, mas a representação não explora toda a sua capacidade de fazer o mal, segundo Macedo.

Legenda – *O diabo não se apresenta, na realidade, de tridente e chifre como o concebe o imaginário popular.*



FIGURA 37 – Satanás: trevas e escuridão em contraste com o Reino de Cristo: luz. Os que estão com o Diabo também amam as trevas.

Legenda – *Satanás, senhor das trevas, ama a escuridão. Assim interpretam seus seguidores.*



FIGURA 38 – Neste ponto do livro, Macedo cita várias correntes de pensamento que comentam sobre o Diabo e algumas concluindo pela sua não existência. Mas, ele reforça a sua existência e as muitas formas de manifestação. Pensar que o Diabo não existe é uma maneira de ficar sujeito à sua atuação.

Legenda – *O diabo existe e se manifesta de diversas formas.*

Na relação estabelecida dentro da IURD com o Diabo e sobre ele, é muito clara a opção da igreja pelo enfrentamento e exorcismo das formas de religiosidade espírita e afro-brasileiras. Não podemos esquecer da produção do discurso religioso como autoritário e que não permite a reversibilidade: o discurso é proferido de cima para baixo e pelo “ungido” e vocacionado por Deus. Portanto, é importante entender o mecanismo que legitima a fala de Macedo.

Ao mesmo tempo, como anteriormente colocado, ele vai ao encontro de algo que é familiar para seu leitor e freqüentador da igreja: um universo cultural, místico e sincrético que outrora representou a verdade para seu fiel; é necessário explicar o real significado dos ritos antes praticados e que eram o motivo desorganizador do cotidiano do agora convertido.

Esta é uma das funções da narrativa acerca do Diabo: organizar a vida do fiel pela Palavra.

Segundo o verbete “Diabo” da Enciclopédia Einaudi, podemos falar de três facetas básicas do Diabo: a horrível, a grotesca e a trágica.

A faceta horrível é a que está mais diretamente ligada à doutrina das igrejas católicas e protestantes. Aparece na pintura e na escultura religiosa, nos sermões e nos tratados demonológicos. Mostra-nos um mestre do fogo e do gelo, implacável e cruel, que se diverte com a dor indizível dos condenados ao Inferno. Dentes, cornos e garras espreitam através das miragens enganadoras com que nos tenta. É o senhor do desespero final, do sofrimento e do temor.

O protestantismo, conforme explica o texto, opta pelo Diabo horrível: sedutor, mentiroso, causa da morte, causa de bruxaria e idolatria, que fere fisicamente e obstrui o caminho⁶⁷.

Russell comenta sobre as características e alusões que são feitas sobre o Diabo: as asas, pois ele é uma potestade do ar; a água salgada no Apocalipse, pois a besta vem do mar; o mal

⁶⁷ Como sedutor, ver 1 Tess 3 e 5; Atos 5.3; 1 Cor 7.5; Marcos 4.15; 1 Tim 5; 2 Tim 2.26. Como sedutor de Cristo Mat 4.1-11; Marcos 1.13; Lucas 4.1-3. Mentiroso João 8.44; 2 Cor 2.11; 2 Tim 2.26. Matador João 8.44;

é vermelho (Apocalipse 12.3), também a cor do dragão, da prostituta, do cavalo temido, da besta montada pela prostituta... O preto designa o senhor das trevas, em oposição ao Reino de luz do Cristo.

Ele, o Diabo, persiste no imaginário e na tradição⁶⁸, e Macedo vai nessa esteira, porém, apropriando-se dele para o século XX, com suas rápidas transformações tecnológicas, morais e através das próprias necessidades sociais, que sofrem o impacto da desigualdade e da miséria.

Mas, ao mesmo tempo, o Diabo de Macedo é velho e antigo: também Macedo repele o sal, a água do mar, entende as cores vermelha e preta como das trevas, e considera a água doce boa para curar e batizar.

Heb 2.14. Causa de bruxaria e idolatria Atos 13.10; 1 Cor 1.20. Fere fisicamente em Lucas 13.11-16; 2 Cor 12.7. Bloqueia e obstrui 1 Tess 2.18.

⁶⁸ Enciclopédia Einaudi, *Diabo*, vol. XII: “A persistência do Diabo na cultura européia – não obstante a alternância dos períodos de declínio e ressurgimento, as mudanças de sentido e as transformações súbitas dos vários aspectos da sua atividade – prova que a sua presença está profundamente enraizada nas nossas mentes.”

CONCLUSÃO

Um universo muito amplo e complexo, sobre Edir Macedo e a IURD descortinou-se durante esta pesquisa. Seus livros elaboram fortemente representações do mal a partir da imagem do Diabo cristão, mas deixam entrever toda uma intenção organizadora da vida do leitor ou fiel da igreja.

O Diabo encontrado durante nossas leituras mostrou-se quase que mais poderoso que Deus e, o relacionamento com Deus, foi por nós entendido como tenso e agressivo. Deus seria um patrão que paga mal? Um pai desumano que precisa ser constantemente cobrado para demonstrar seu amor? São respostas ainda não elaboradas com profundidade, mas que despertam a vontade de entender muito mais esta dimensão do sagrado. Porém, Diabo e Deus são imprescindíveis nesta relação agressiva e dialética: forças antagônicas complementares e dependentes para que o poder do sagrado se manifeste, seja para o Bem ou para o Mal.

A imagem do Diabo nos livros de Macedo une duas tradições: a erudita e a popular. O primeiro é terrível, *vem para roubar, matar e destruir*, sem dúvida alguma; mas, ao mesmo tempo, como popular, ele é feito de espetáculo para as massas e sua “fragilidade” é colocada a nu: o Diabo é enfrentado, escorraçado, entrevistado e “amarrado” pelo poder da Palavra. O mecanismo proposto por Macedo em seus livros, é o exorcismo como libertação e “purificação”.

Neste momento, pilares de seu pensamento se delineiam: no Brasil o mal é representado pela Igreja Católica e, principalmente, pelas religiões afro-brasileiras; a conversão a Cristo é necessária para a salvação, mas, a vida pregressa do recém convertido, era de “perdição” e pecado, devido ao total controle do Diabo e seus demônios sobre o indivíduo (Macedo comenta sobre o livre arbítrio, entretanto, a maior responsabilidade, é do Diabo); uma vez na

igreja, obviamente, na IURD, com certeza, aqueles que a procuram não ficam sem solução para suas vidas, pois, um mecanismo muito importante para “resolução de problemas” é ser fiel em dízimos e ofertas (quanto maior o presente para Deus, maior a bênção). Deus é subtraído em sua soberania e vontade, uma vez que o ofertante tem TODO o direito de cobrar de Deus que Ele faça algo! A fé funciona como um instrumento de troca nas mãos do fiel, estimulado por Macedo a exigir, reivindicar e determinar perante Deus como um problema deve ser resolvido. Em Macedo, bênção e prosperidade financeira estão intimamente ligadas.

Entretanto, quando uma situação problemática não é resolvida, alguém deverá ser responsabilizado pelo ocorrido: os possíveis culpados são Deus (conclamado constantemente a fazer sua parte), o próprio fiel (pois como Macedo mesmo diz: num mundo como o nosso, você também tem que ter talento e astúcia para sobreviver) ou o Diabo (que já foi expulso, mas o fiel “deu brecha” para sua influência maligna). O discurso produzido, então, não apresenta falhas ou contradições. Recorre a muitos discursos ao mesmo tempo, provocando uma avalanche de informações que, em conjunto, passam despercebidas em suas oposições: auto-ajuda, satanização da realidade, o poder infinito de Deus e liberalismo econômico vestido com roupagem de “esforço individual”. Não há lugar para dúvidas, reflexões, ou outras opções e é nisso que reside o poder do seu discurso; porquanto tais respostas trazem ao crente plena satisfação e felicidade.

Em se tratando de sua fala ou abordagem, Macedo é totalitário, agressivo com todas as denominações e formações religiosas, deixando muito claro, porém, subjetivamente, que a Igreja Universal do Reino de Deus é a melhor igreja; é a que apresenta soluções reais e sem paliativos; é a que liberta realmente o fiel, porque sabe onde está o problema: na intervenção constante do Diabo contra a harmonia da vida do crente. Diabo banalizado, sempre presente e

“íntimo”, pois que não se contenta em estar somente na esfera do sagrado, mas é trazido, chamado..., esperado, talvez. Segundo Macedo:

Deus quer que nós sejamos cabeça, não rabo. (...) Não precisa nem crer em Deus para ser um cabeça. Nós estávamos conversando ainda outro dia com o Paulo Maluf e ele me falou: “Bispo Macedo, meu pai chegou aqui neste país com o dinheiro para comer apenas um sanduíche pela manhã e um sanduíche à tarde. Hoje nós temos uma das grandes fábricas deste país, nós somos ricos, abençoados e tal.”⁶⁹

As ideologias religiosas também provocam seu caos. Mas, como disse o poeta:

E não obstante, há Alguém que, gentil e interminavelmente, sustém toda essa queda em sua mão.

Rilke

⁶⁹ Rubin, *A Teologia da Opressão...*

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 FONTES IMPRESSAS

MACEDO, Bispo. **Libertação da Teologia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, Col. Reino de Deus, 1993. p. 165.

_____. **Apocalipse hoje**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, Col. Reino de Deus, 15.000 exemplares, 1993. p. 150.

_____. **O Diabo e seus anjos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, Col. Reino de Deus, Série Estudos Bíblicos, Copyright 1995, primeira tiragem de 30.000 exemplares, 1995. p. 64.

_____. **Mensagens**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, Copyright 1995, primeira tiragem de 30.000 exemplares, 1995. p. 158.

_____. **O poder sobrenatural da fé**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, Col. Reino de Deus, Copyright 1990, primeira tiragem de 10.000 exemplares, 1996. p. 207.

_____. **Orixás, caboclos & guias: deuses ou demônios?** 13. ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, Col. Reino de Deus, Copyright 1996, primeira tiragem de 50.000 exemplares, 1996. p. 179.

_____. **Aliança com Deus**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, Col. Reino de Deus, Copyright 1993, primeira tiragem de 15.000 exemplares (1993), segunda tiragem de 20.000 exemplares, 1996. p. 344.

_____. **O perfeito sacrifício: o significado espiritual do dízimo e ofertas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, Col. Reino de Deus, Copyright 1996, primeira tiragem de 50.000 exemplares, 1996. p. 77.

RODRIGUES, Carlos e CRIVELLA, Marcelo (org.). **501 pensamentos do Bispo Macedo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, Copyright 1997, primeira tiragem de 30.000 exemplares, 1997. p. 125.

MACEDO, Bispo. **Pecado e arrependimento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, Col. Reino de Deus, Série Caráter de Deus, Copyright 1986, primeira tiragem de 20.000 exemplares, 1997. p. 52.

_____. **Estudo do Apocalipse**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, Col. Reino de Deus, vol. I, Copyright 1997, primeira tiragem de 50.000 exemplares, 1997. p. 152.

_____. **O perdão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, Col. Reino de Deus, Série Caráter de Deus, primeira tiragem de 10.000 exemplares, 1997. p. 46.

_____. **O Senhor e o servo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, Col. Reino de Deus, Série Caráter de Deus, Copyright 1997, primeira tiragem de 50.000 exemplares (1997), segunda tiragem de 150.000 exemplares, 1997. p. 52.

_____. **O discípulo do Espírito Santo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica universal, Col. Reino de Deus, Copyright 1994, primeira tiragem de 15.000 exemplares, 1997. p. 112.

_____. **O avivamento do Espírito de Deus**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, Col. Reino de Deus, Série Caráter de Deus, Copyright 1986, primeira tiragem de 100.000 exemplares (1996), segunda tiragem de 20.000 exemplares, 1998. p. 47.

_____. **O caráter de Deus**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, Col. Reino de Deus, Série Caráter de Deus, Copyright 1986, segunda tiragem de 20.000 exemplares, 1998. p. 40.

_____. **As obras da carne e os frutos do Espírito**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, Col. Reino de Deus, Série Caráter de Deus, Copyright 1986, segunda tiragem de 20.000 exemplares, 1998. p. 56.

2 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. **A indústria cultural**. In.: Gabriel Cohn (org.). Theodor W. Adorno - Sociologia. São Paulo: Ática, Col. Grandes Cientistas Sociais, no. 54, 1994.
- ALVES, Rubem. **A empresa da cura divina: um fenômeno religioso?** In: E. Valle. Cultura e Povo. São Paulo: Moraes e Cortez, 1979.
- ANSART, Pierre. **Ideologias, conflitos e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- BAPTISTA, Selma. **Glossolalia: o sentido da desordem - a simbologia do som na constituição do discurso pentecostal**. São Paulo: UNICAMP, 1989.
- BIRMAN, Patrícia. **Males e malefícios no discurso pentecostal**. In: Patrícia Birman *et alli* (org.). O Mal à brasileira. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1997.
- CALAZANS, Flávio. **Propaganda subliminar multimídia**. São Paulo: Summus, 1992.
- CAMPOS, Luís de Castro. **Pentecostalismo: sentidos da palavra divina**. São Paulo: Ática, 1995.
- CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **História e análise de textos**. In.: Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- COELHO, Teixeira. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- COHN, Gabriel (org.). **Weber – Sociologia**. São Paulo: Ática, Col. Grandes Cientistas Sociais, No. 13, 6ª edição, 1997.
- DROOGERS, André. **Visões paradoxais de uma religião paradoxal: modelos explicativos do crescimento do pentecostalismo no Brasil e no Chile**. In: Estudos de Religião: Igreja e Seita. São Paulo: Editora IMS – Instituto Metodista de Ensino superior, 1992, vol. 8.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- EINAUDI, Enciclopédia. **Demônios/Diabo**. In.: Mythos/Logos – Sagrado/Profano, Imprensa Nacional: Casa da Moeda, volume 12.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1998.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. EDUSP, 1999.
- GALINDO, Florêncio. **O fenômeno das seitas fundamentalistas**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Paz e Terra/Editora UNESP, 1990.

- GONÇALVES, Márcio. **O conceito de indústria cultural**. Curitiba: PUCPR, 1996.
- HERMANN, Jacqueline. **História das religiões e religiosidades**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- KEPEL, Gilles. **A revanche de Deus: cristãos, judeus e muçulmanos na reconquista do mundo**. São Paulo: Siciliano, 1991.
- KÖNIG, Franz Cardeal e WALDENFELS, Hans. **Léxico das religiões**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- KUCHENBECKER, Valter. **O homem e o sagrado: a religiosidade através dos tempos**. RS: ULBRA, 1998.
- LINK, Luther. **O Diabo: a máscara sem rosto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MARIZ, Cecília Loreto. **O demônio e os pentecostais no Brasil**. In: BIRMAN, Patrícia *et alli* (org.). *O Mal à brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1997.
- MELLO E SOUZA, Laura de. **O Diabo na terra de Santa Cruz**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Sindicato de mágicos: pentecostalismo e cura divina**. In: *Estudos de Religião: Igreja e Seita*. São Paulo: Editora IMS – Instituto Metodista de Ensino Superior, 1992, vol. 8.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no imaginário cristão**. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1986.
- OLIVA, Margarida. **O Diabo no “Reino de Deus”**: por que proliferam as seitas? São Paulo: Musa, 1997.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Linguagem e seu funcionamento**. Campinas: Pontes, 1987.
- RAMINELLI, Ronald. **Imagens da colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. **O que é pentecostalismo**. São Paulo: Brasiliense, Col. Primeiros Passos, 1987.
- RUBIN, Christina de Rezende. **A teologia da opressão**. Dissertação de Mestrado: UNICAMP, 1991.
- RUSSEL, Jeffrey Burton. **O Diabo: as percepções do Mal da Antigüidade ao Cristianismo Primitivo**. Rio de Janeiro: Campus, Série Somma, 1991.

- _____. **História da feitiçaria:** feiticeiros, hereges e pagãos. Rio de Janeiro: Campus, Série Somma, 1993.
- SANFORD, John. **Mal:** o lado sombrio da realidade. São Paulo: Paulinas, Col. Amor e Psique, 1988.

ANEXOS

ANEXO – CONTEÚDO, POR TÓPICOS PRINCIPAIS, DOS LIVROS DE EDIR MACEDO

Título da Obra	Principais Tópicos	Coleção ou Série	Edição	Tiragem de Exemplares	Ano	Núm de Páginas	Preço (R\$)
<i>Libertação da Teologia</i>	<ul style="list-style-type: none">• A libertação da Teologia• Os “ismos” do pensamento humano• A verdadeira necessidade• A libertação do pensamento• Os perigosos extremos da crença• Religião, conflito de idéias• Nada de sabedoria humana• Bíblia, um livro de experiências• Experiência com Deus• Relacionamento com Deus• Amizade com Deus• A verdadeira luta!• Remindo o tempo• Demonstração de poder• A loucura da pregação• Rios de água viva	Col. Reino de Deus	9ª	15.000	1993	164	8,00
Título da Obra	Principais Tópicos	Coleção ou Série	Edição	Tiragem de Exemplares	Ano	Núm de Páginas	Preço (R\$)
<i>Apocalipse Hoje</i>	<ul style="list-style-type: none">• O Espírito Santo e a religião• A visão de Jesus glorificado	Col. Reino de Deus	5ª	15.000	1993	149	9,00

	<ul style="list-style-type: none"> • Cartas às sete Igrejas da Ásia • A visão do céu • A grande tribulação • O Cordeiro abre os sete selos • O último selo e as sete trombetas • A sétima trombeta, a mulher e o dragão • As bestas • O Cordeiro e os remidos • Os sete flagelos • A grande meretriz • A queda de Babilônia • A volta de Cristo em glória • O milênio e o julgamento final • O perfeito estado eterno 						
--	---	--	--	--	--	--	--

Título da Obra	Principais Tópicos	Coleção ou Série	Edição	Tiragem de Exemplares	Ano	Núm de Páginas	Preço (R\$)
<i>O Diabo e seus Anjos</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Demonologia dos povos primitivos • Para uma melhor compreensão dos termos • Da Idade Média aos nossos dias • O Diabo e seus anjos • A prática da libertação 	Col. Reino de Deus: Série Estudos Bíblicos	1ª	1ª tiragem: 30.000	1995	64	5,50
<i>Mensagens</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Bênçãos e prosperidade • O dízimo • O poder da Palavra • Comunhão com Deus • Jesus, a eterna aliança • Palavras de fé • Incentivo e fortalecimento • Orações • Nossa guerra de cada dia • Falando aos corações 		1ª	1ª tiragem: 30.000	1995	155	9,00
<i>O Poder Sobrenatural da Fé</i>	<ul style="list-style-type: none"> • A Palavra que produz morte • A Palavra que produz vida • Os obstáculos ao reino da fé • O despertar da fé 	Col. Reino de Deus	3ª	1ª tiragem: 10.000	1990/ 1996	201	12,90

Título da Obra	Principais Tópicos	Coleção ou Série	Edição	Tiragem de Exemplares	Ano	Núm de Páginas	Preço (R\$)
<i>Aliança com Deus</i>	<ul style="list-style-type: none"> • O que é uma aliança? • Aliança de Deus com Adão, Noé, Abrão, Isaque, Jacó, Moisés, Israel, Josué, Saul, Davi, Salomão • Aliança de Deus com os homens 	Col. Reino de Deus	2ª	1ª tiragem: 15.000 2ª tiragem: 20.000	1993/ 1996	344	17,00
<i>Orixás, Caboclos & Guias – Deuses ou Demônios?</i>	<ul style="list-style-type: none"> • De demônios a deuses • De deuses a demônios • A realidade • Quem são os demônios? • Deus usa os demônios? • Por que Deus permite a atuação dos demônios? • Como os demônios se apoderam das pessoas • Nomes usados pelos demônios • Por que usam nomes • Exigências dos demônios • A mediunidade e suas características • Possessão e encostos • A possessão e as doenças • Possessão parcial e total • Sinais de possessão • O “desenvolvimento” • Enganos demoníacos • Os demônios têm poder? 	Col. Reino de Deus	13ª	1ª tiragem: 50.000	1996	175	11,00

	<ul style="list-style-type: none"> • Os demônios e as doenças • Trabalhos e despachos • Macumba pega? • Porque existem crentes endemoninhados • Ação da Igreja X ação dos demônios • Poder contra os exus & cia. • Dez passos para a libertação • O que todo ex-macumbeiro deve saber • O Espírito Santo • Os demônios e os povos primitivos • Para uma melhor compreensão dos termos • Da Idade Média aos nossos dias • A prática da libertação • Atitudes em relação a Satanás 						
--	--	--	--	--	--	--	--

Título da Obra	Principais Tópicos	Coleção ou Série	Edição	Tiragem de Exemplares	Ano	Num de Páginas	Preço (R\$)
<i>O Perfeito Sacrificio: O significado espiritual de dizimos e ofertas</i>	<ul style="list-style-type: none"> • A oferta • Os diversos tipos de ofertas • O temor na oferta • A oferta e o galardão • O sacrificio • O dízimo 	Col. Reino de Deus	1ª	1ª tiragem: 50.000	1996	73	5,50
<i>O Caráter de Deus</i>	<ul style="list-style-type: none"> • O caráter de Deus • A justiça • A justiça de Deus • A verdade 	Col. Reino de Deus: Série Caráter de Deus	3ª	2ª tiragem: 20.000 (1998)	1986/ 1997	40	5,50
<i>O Avivamento do Espírito de Deus</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Avivamento • O avivamento e o Espírito Santo • Ide e pregai 	Col. Reino de Deus: Série Caráter de Deus	5ª	1ª tiragem: 100.000 (1996) 2ª tiragem: 20.000 (1998)	1986/ 1997	39	5,50
<i>Pecado e Arrependimento</i>	<ul style="list-style-type: none"> • O pecado e suas conseqüências • O arrependimento • O temor no Senhor • A consciência pura • Perseverança 	Col. Reino de Deus: Série Caráter de Deus	3ª	1ª tiragem: 20.000 (1997)	1986/ 1997	52	5,50
<i>As Obras da Carne e os Frutos do Espírito</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Como andar no Espírito? • As obras da carne • Os frutos do Espírito 	Col. Reino de Deus: Série Caráter de Deus	3ª	1ª tiragem: 20.000 (1998)	1986/ 1997	56	5,50

Título da Obra	Principais Tópicos	Coleção ou Série	Edição	Tiragem de Exemplares	Ano	Num de Páginas	Preço (R\$)
<i>O Discípulo do Espírito Santo</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Ser batizado com o Espírito Santo • A obra do Espírito na vida do discípulo • Dar provas do batismo através dos frutos • Praticar a Palavra de Deus • Humildade de Espírito • Submissão no coração • O que se deve pensar ou falar • A fé e os sentidos • A fé e a confiança • O exercício da oração • Nunca aceitar a glória dos homens • Formação ou informação • Perseverança • O sacrifício • O plano de Deus • O ministério da mulher 	Col. Reino de Deus	2ª	1ª tiragem: 15.000 (1997)	1994/1997	112	6,80
<i>O Perdão</i>	<ul style="list-style-type: none"> • O perdão • O caráter do perdão • A Parábola do credor incompassivo 	Col. Reino de Deus: Série Caráter de Deus	1ª	1ª tiragem: 10.000	1997	48	5,50
Título da Obra	Principais Tópicos	Coleção ou Série	Edição	Tiragem de Exemplares	Ano	Num de Páginas	Preço (R\$)

<i>O Senhor e o Servo</i>	<ul style="list-style-type: none"> • O Senhor e o servo • O caráter de um servo • A humildade • O maior e melhor servo • A obediência ao Senhor • A razão do servo • A dependência do servo • O espírito de humildade e o de orgulho • As tribulações do servo • Os diferentes tipos de tribulação • A vontade do servo • A formação da Igreja • Servo vencedor 	Col. Reino de Deus: Série Caráter de Deus	2ª	1ª tiragem: 50.000 2ª tiragem: 150.000	1997	52	5,50
<i>Estudo do Apocalipse – Volume 1</i>	<ul style="list-style-type: none"> • A revelação de Jesus Cristo • Cristo e a Igreja • Jesus glorificado Carta às sete Igrejas 	Col. Reino de Deus	1ª	1ª tiragem: 50.000	1997	152	8,80

Título da Obra	Principais Tópicos	Coleção ou Série	Edição	Tiragem de Exemplares	Ano	Num de Páginas	Preço (R\$)
<i>501 Pensamentos do Bispo Edir Macedo – C. Rodrigues e M. Crivella</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Aliança com Deus • Fé • O sacrifício e as ofertas • Salvação • Anjos • Avivamento • Batismo com o Espírito Santo • Personagens bíblicos • Bispo • Coração • Cristão • Discípulo • Espírito Santo • Esposa do homem de Deus • Evangelização • Família • Vida conjugal do homem de Deus • Homem de Deus • A Igreja • Tribulação • A Igreja Universal do Reino de Deus • Perseguição • Momentos • Obra de Deus • Dízimos e ofertas • Oração • Palavra de Deus • Pastor, homem de Deus • Pecado 		1ª	1ª tiragem: 30.000	1997	124	6,60

	<ul style="list-style-type: none">• Presença de Deus• Prosperidade, dízimo e sacrifício• Religiões• Cristianismo• Saúde• Temor ao Senhor• Vida• Reino de Deus• Mundo atual						
--	--	--	--	--	--	--	--